



**UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN
FACULTAD DE CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN Y LA COMUNICACIÓN
MAESTRIA EN CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN**

**A PRÁTICA DO BULLYING ESCOLAR E SEUS REFLEXOS NO
DESENVOLVIMENTO DOS ALUNOS DO 9º ANO DO
COLÉGIO ESTADUAL JOSÉ CÂNDIDO ROSA**

Enia Martins da Cruz Moraes

Asunción, Paraguay

2024

Enia Martins da Cruz Moraes

**A PRÁTICA DO BULLYING ESCOLAR E SEUS REFLEXOS NO
DESENVOLVIMENTO DOS ALUNOS DO 9º ANO DO
COLÉGIO ESTADUAL JOSÉ CÂNDIDO ROSA**

Dissertação apresentada para o Programa em Maestria em Ciências de la Educación na Faculdade de Ciências em Educação e de Comunicação da Universidade Autônoma de Assunção como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marta Suely Alves Cavalcante

Asunción, Paraguay

2024

Enia Martins da Cruz Morais

A PRÁTICA DO BULLYING ESCOLAR E SEUS REFLEXOS NO DESENVOLVIMENTO DOS
ALUNOS DO 9º ANO DO COLÉGIO ESTADUAL JOSÉ CÂNDIDO ROSA

Asunción (Paraguay)

Tutor: Prof. Drª Marta Suely Alves Cavalcante.

Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação. p. 153 – UAA, 2024.

Palavra-Chave:

Ambiente escolar. Bullying escolar. Violência.

Enia Martins da Cruz Moraes

**A PRÁTICA DO BULLYING ESCOLAR E SEUS REFLEXOS NO
DESENVOLVIMENTO DOS ALUNOS DO 9º ANO DO COLÉGIO
ESTADUAL JOSÉ CÂNDIDO ROSA**

Esta Dissertação foi avaliada e aprovada em ____/____/____ para obtenção do título de
Maestria en Ciencias de la Educación, pela Universidad Autónoma de Asunción- UAA

Drº Avaliador

Drº Avaliador

Drº Avaliador

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação de Mestrado ao Pai Celestial por me proporcionar força, coragem, fé e determinação durante minha trajetória de vida e em meus estudos, me fazendo sempre acreditar, persistir e nunca desistir. Aos meus pais, pelo dom dá vida, ensinamentos e motivação. Ao meu esposo Fabiano, que não mediu esforços para me ajudar com palavras de incentivos, gestos de amor, compreensão, força e me dar coragem nos momentos que precisava viajar, pesquisar, estudar e escrever. A minha amada filha Isabella pelo seu amor e por acreditar em mim, me incentivar e entender que o conhecimento é libertador e transformador. E a minha estimada e respeitável orientadora, Dr^a Marta Suely Alves Cavalcante que de forma sábia, leve, paciente, por amor no que faz e com seu amplo conhecimento sabe com muita competência e dedicação orientar o estudante. Foi aquela que me levantou quando pensei que não conseguiria, me fez acreditar em mim mesma a conseguir desenvolver e concluir com êxito meu projeto. Gratidão!

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, por proporcionar a retomada da minha trajetória acadêmica, profusa em conhecimentos e crescimento pessoal.

Aos meus pais Ana e Derci, pelo dom da vida e pelos ensinamentos transmitidos com humildade, respeito, compreensão e muito amor, que refletiram em minha existência.

Ao meu querido esposo Fabiano e minha amada filha Isabella, por compreender ausências e distâncias neste percurso, mas muito mais que agradecimentos, uma dedicatória especial, por representar a fonte inspiradora de ânimo e de coragem nesta empreitada acadêmica.

Agradecimentos especiais à Prof.^a Dr.^a Marta Suely Alves Cavalcante, por seu amplo conhecimento, sua competência e paciência, na orientação deste trabalho tão importante em minha vida.

À gestão do Colégio Estadual José Cândido Rosa, aos professores e alunos, que auxiliaram no desenvolvimento deste projeto. Também a colegas professores do local de trabalho que, entre uma conversa e outra, contribuíram com experiências acadêmicas, críticas e sugestões, no desenvolvimento da pesquisa.

Enfim, meus agradecimentos a todos que, direta ou indiretamente colaboraram e contribuíram de alguma forma com a realização desta pesquisa, dando força e ânimo nos momentos de dificuldades.

A todos, meus sinceros agradecimentos!

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Locais de ocorrência do bullying.....	37
Figura 2 – Ações da escola contra a violência e os casos de bullying.....	42
Figura 3 – Depultado na Assembléia legislativa.....	60
Figura 4 – Base Descritiva.....	67
Figura 5 – Desenho metodológico da investigação.....	68
Figura 6 – Localização geográfica do Brasil.....	69
Figura 7 – Mapa da localização de Aragoiânia-GO.....	70
Figura 8 – Localiação de Aragoiânia.....	71
Figura 9 – Cidade de Aragoiânia.....	72
Figura 10 – Imagem de Aragoiânia.....	72
Figura 11 – Frente do Colégio Estadual José Candido Rosa.....	73
Figura 12 – Pátio do Colégio Estadual José Cândido Rosa.....	74
Figura 13 – Corredor da escola.....	74
Figura 14 – Participantes da pesquisa.....	77
Figura 15 – O que é bullying para os alunos do 9º ano, as palavras mais citadas.....	93
Figura 16 – Locais de ocorrência do bullying nas escolas.....	95
Figura 17 – Agressões presenciadas pelos alunos.....	101
Figura 18 – Motivações para a prática do bullying.....	103
Figura 19 – Consequências do bullying na opinião dos alunos.....	111
Figura 20 – Palavras mais citadas pelos professores como consequência do bullying..	114

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Objetivos da investigação e o que se busca responder.....	64
Tabela 2 – Seleção dos participantes.....	79
Tabela 3 – Etapas e passos da entrevista aberta.....	83
Tabela 4 – Etapas e passos do questionário semiestruturado.....	85

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	vi
LISTA DE TABELAS.....	vii
RESUMEN.....	viii
RESUMO	ix
ABSTRACT.....	x
INTRODUÇÃO À INVESTIGAÇÃO	1
1. O FENÔMENO BULLYING ESCOLAR E SUAS CARACTERÍSTICAS.....	5
1.1 Conceito de bullying no contexto escolar.....	5
1.2 Histórico do bullying.....	9
1.3 Tipos de bullying escolar.....	11
1.4 Causas do bullying escolar	14
2. BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR.....	19
2.1 Legislação brasileira sobre o bullying.....	19
2.2 Origens do comportamento agressivo.....	22
2.3 Importância da relação família escola.....	25
2.4 Intervenção do professor ao bullying escolar.....	31
3. ESTRATÉGIAS DAS ESCOLAS NO COMBATE AO BULLYING.....	35
3.1 Locais de ocorrência do bullying e a fiscalização dentro das escolas.....	35
3.2 Inclusão e escola inclusiva na prevenção do bullying.....	37
3.3 Medidas de curto e médio prazo para prevenir o bullying.....	41
3.4 Desafios para conter o bullying nas escolas.....	46
4. CONSEQUÊNCIAS DO BULLYING ESCOLAR.....	50
4.1 Consequências do bullying no desenvolvimento dos alunos.....	50
4.2 Como identificar o aluno alvo do bullying.....	55
5. MARCO METODOLÓGICO.....	58
5.1. Justificativa da Investigação.....	59
5.2. Problema da Investigação.....	61
5.3. Objetivos da Pesquisa.....	63
5.3.1. Objetivo Geral.....	64
5.3.2. Objetivos Específicos.....	64
5.4. Desenho Metodológico.....	65
5.5. Contexto Espacial e Socioeconômico da Pesquisa.....	69

5.5.1. Delimitação da Pesquisa.....	72
5.6. Participantes da Pesquisa.....	77
5.6.1. Seleção dos Participantes.....	78
5.6.2 Professores.....	80
5.6.3 Alunos.....	80
5.7. Técnicas e Instrumentos da Coleta de Dados.....	81
5.7.1. Entrevista aberta.....	82
5.7.2. Questionário semiestruturado.....	84
5.8. Validação dos instrumentos.....	86
5.9. Procedimento para Coleta de Dados.....	88
5.10. Técnica de análise e interpretação dos dados.....	88
5.11. Ética da pesquisa.....	89
6. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS.....	91
CONCLUSÃO.....	117
SUGESTÕES.....	120
REFERÊNCIAS.....	121
ANEXOS.....	129

RESUMEN

Esta disertación titulada “La práctica del acoso escolar y sus efectos en el desarrollo de los estudiantes de 9º año de la Escuela Estadual José Cândido Rosa”, analiza la práctica del acoso escolar en el desarrollo de los estudiantes de 9º año de la Escuela Estadual José Cândido Rosa, ubicado en la ciudad de Aragoiânia-GO. La investigación se estructuró y se basó en la siguiente pregunta problemática: ¿Cuáles son las consecuencias del acoso escolar en el desarrollo de los estudiantes de 9º año del Colégio Estadual José Cândido Rosa? El estudio se justifica por la preocupante difusión de actos violentos de bullying en el ámbito escolar, es decir, agresiones verbales o físicas que viene aumentando en los últimos años, teniendo un intenso impacto en el alumno agredido. Este aumento del acoso escolar ha provocado críticas tanto de la comunidad local como de los noticieros televisivos del Estado e incluso de la Asamblea Legislativa del Estado de Goiás, por parte de algunos diputados estaduais. El Objetivo General de la investigación es analizar los efectos del acoso escolar en el desarrollo de los estudiantes de 9º grado de la Escuela Estadual José Cândido Rosa. Para dar respuesta a este propósito se trazaron los siguientes objetivos específicos: Identificar los principales tipos de acoso escolar y los lugares de mayor ocurrencia en la clase de 9º grado. Consultar con estudiantes y docentes de 9no grado sobre los principales problemas de relación, violencia bullying, discriminación que viven los estudiantes en el ambiente escolar. Conoce si el colegio cuenta con un plan de acción o intervención para concienciar a los alumnos de 9º de primaria sobre las consecuencias del acoso violento. Describir las consecuencias del acoso escolar en el desarrollo de los estudiantes de 9º grado. Participaron de la investigación: Profesores que imparten clases en la promoción del 9º año y alumnos del 9º año de la enseñanza primaria de la Escuela Estadual José Cândido Rosa, en Aragoiânia-Go. Para la realización de esta disertación se adoptó una investigación descriptiva, transversal, con enfoque cualitativo. Para la recolección de datos se utilizaron los siguientes instrumentos o técnicas: El cuestionario semiestructurado con los estudiantes y la entrevista abierta con los docentes. Las respuestas se analizaron individualmente, dentro de cuatro categorías basadas en objetivos específicos. La presente investigación trae como aportes subsidios a problematizaciones que permitan la formulación de nuevas preguntas, enfoques teórico-metodológicos, así como nuevos diseños de programas que brinden elementos para apoyar el desempeño de los docentes en disciplinas vinculadas a la temática de Bullying Escolar, además de señalando estrategias que pueden funcionar en el trabajo pedagógico encaminado a este propósito. Al final de la investigación se concluyó que la práctica del bullying es común y crítica en la clase D de 9no grado y sus consecuencias afectan a toda la comunidad escolar, especialmente a los estudiantes, por ser actos nocivos para la salud, el bienestar, las relaciones. y principalmente en el desarrollo de los estudiantes.

Palabras clave: Ambiente escolar. Acesso escolar. Violência.

RESUMO

A presente dissertação intitulada por “**A Prática do *Bullying* Escolar e seus Reflexos no desenvolvimento dos alunos dos 9º ano do Colégio Estadual José Cândido Rosa**”, analisa a prática do *bullying* escolar no desenvolvimento dos alunos do 9º ano D do Colégio Estadual José Cândido Rosa, localizado na cidade Aragoiânia-GO. A pesquisa foi estruturada e embasada na seguinte questão problema: Quais são os reflexos da prática do bullying escolar no desenvolvimento dos alunos do 9º ano do Colégio Estadual José Cândido Rosa? O estudo é justificado pela preocupante disseminação de atos violentos de *bullying* no ambiente escolar, ou seja, de agressões verbais ou físicas que vem aumentando nos últimos anos, impactando de forma intensa o aluno agredido. Este aumento de bullying têm suscitado críticas tanto da comunidade local, como dos telejornais do Estado, e até mesmo da Assembleia Legislativa do Estado de Goiás, por parte de alguns Deputados Estaduais. O Objetivo Geral da pesquisa é analisar os reflexos da prática do *bullying* escolar no desenvolvimento dos alunos do 9º ano D do Colégio Estadual José Cândido Rosa. Para responder a esse propósito, foram traçados os seguintes objetivos específicos: Identificar os principais tipos *bullying* escolar e locais de maior ocorrência na turma do 9º ano. Verificar junto aos alunos e professores do 9º ano sobre os principais problemas de relacionamento, violência do *bullying*, discriminação que os alunos vivenciam no ambiente escola. Conhecer se a escola dispõe de um plano de ação ou intervenção para conscientizar os alunos do 9º ano sobre os reflexos da prática violenta do *bullying*. Descrever as consequências do *bullying* no desenvolvimento dos alunos do 9º ano. Participaram da investigação: Os Professores que ministram aula na turma do 9º ano e Alunos do 9º ano D concluintes do ensino fundamental no Colégio Estadual José Cândido Rosa em Aragoiânia-Go. Para a realização desta dissertação adotou-se a pesquisa descritiva, de corte transversal, com enfoque qualitativo. Para coleta de dados foram utilizados como instrumentos ou técnicas: O questionário semiestruturado com os alunos e a entrevista aberta com os professores. As respostas foram analisadas individualmente, dentro de quatro categorias baseadas nos objetivos específicos. A presente investigação traz como contribuições subsídios a problematizações que permitam a formulação de novas perguntas, abordagens teórico-metodológicas, assim como novos desenhos de programas que propiciem elementos para dar suporte a atuação dos docentes em disciplinas ligadas a temática do Bullying Escolar, além de apontar estratégias que podem funcionar no trabalho pedagógico voltado para este fim. Ao término da pesquisa conclui-se que a prática do *bullying* é comum e crítico na turma do 9º ano D e seus reflexos afeta toda a comunidade escolar, principalmente os alunos, pois são atos prejudiciais na saúde, no bem-estar, no relacionamento e principalmente no desenvolvimento dos alunos.

Palavras-chave: Ambiente escolar. Bullying escolar. Violência.

ABSTRACT

This dissertation entitled “The Practice of School Bullying and its Effects on the Development of 9th Year Students at school Estadual José Cândido Rosa”, analyzes the practice of school bullying in the development of 9th year students at school Estadual José Cândido Rosa, located in the city of Aragoiânia-GO. The research was structured and based on the following problem question: What are the consequences of school bullying on the development of 9th year students at school Estadual José Cândido Rosa? The study is justified by the worrying spread of violent acts of bullying in the school environment, that is, verbal or physical aggression that has been increasing in recent years, having an intense impact on the attacked student. This increase in bullying has provoked criticism from both the local community, the State's television news programs, and even the Legislative Assembly of the State of Goiás, by some State Deputies. The General Objective of the research is to analyze the effects of school bullying on the development of 9th grade students at school Estadual José Cândido Rosa. To respond to this purpose, the following specific objectives were outlined: Identify the main types of school bullying and places of greatest occurrence in the 9th grade class. Check with 9th grade students and teachers about the main relationship problems, bullying violence, discrimination that students experience in the school environment. Find out if the school has an action or intervention plan to raise awareness among 9th grade students about the consequences of violent bullying. Describe the consequences of bullying on the development of 9th grade students. The following participated in the investigation: Teachers who teach classes in the 9th year class and 9th year students completing elementary school at school Estadual José Cândido Rosa in Aragoiânia-Go. To carry out this dissertation, descriptive, cross-sectional research was adopted, with a qualitative focus. For data collection, the following instruments or techniques were used: The semi-structured questionnaire with the students and the open interview with the teachers. The responses were analyzed individually, within four categories based on specific objectives. The present investigation brings as contributions subsidies to problematizations that allow the formulation of new questions, theoretical-methodological approaches, as well as new program designs that provide elements to support the performance of teachers in disciplines linked to the theme of School Bullying, in addition to pointing out strategies that can work in pedagogical work aimed at this purpose. At the end of the research, it was concluded that the practice of bullying is common and critical in the 9th grade D class and its consequences affect the entire school community, especially students, as they are harmful acts on health, well-being, relationships and mainly in the development of students.

Keywords: School environment. School bullying. Violence.

INTRODUÇÃO À INVESTIGAÇÃO

A violência está presente em todos os segmentos da sociedade, inclusive no contexto escolar. *Bullying* é um subtipo de violência escolar, que acontece de forma velada, quando um estudante é vitimizado ou agredido de forma repetida e intencional, por uma ou mais pessoas, gerando consequências negativas aos envolvidos (Olweus, 1993). É considerado um fenômeno social e grupal na medida em que as atitudes das crianças e adolescentes envolvidos podem desencadear, manter ou cessar a violência.

Pode-se descrever que o *bullying* é um comportamento agressivo intencional e repetido em relação a outra pessoa, no qual existe um desequilíbrio de poder real ou percebido, e a vítima do bullying se sente vulnerável e impotente para se proteger. O *bullying* inclui não apenas agressão física (por exemplo: bater, empurrar e chutar), mas também agressão verbal (por exemplo: xingamentos, provocações e bullying relacional, como exclusão social e disseminação de rumores) (Man et al., 2022). Globalmente, o bullying é generalizado entre crianças e adolescentes, tendo como objetivo prejudicar ou perturbar uma vítima, apesar do sofrimento aparente da vítima.

Em um relatório de 2018 publicado pela UNICEF, mais de um terço dos estudantes com idades compreendidas entre os 13 e os 15 anos em todo o mundo afirmaram ter sofrido diferentes formas de bullying. Dados publicados pela Organização Mundial da Saúde em 2021 mostraram que mais de 100 milhões de crianças em todo o mundo morriam todos os anos devido à violência, incluindo violência grave, bem como bullying (OMS, 2021 *apud* Man et al., 2022).

Os comportamentos violentos que retratam o *bullying* possuem características direta ou indireta. No bullying direto, a vítima é atacada diretamente, por meio de agressões físicas, insultos chantagens, apelidos e furtos. No bullying indireto se destacam atitudes de indiferença, desprezo, isolamento e difamação da vítima (Neto, 2005). Um relatório publicado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura (UNESCO, 2019) propõe que a criação de espaços educativos livres de violência e de ambientes de aprendizagem seguros para todas as crianças continua a ser uma prioridade global. Este relatório descreve que o bullying e outras formas de violência afetam aproximadamente um terço das crianças e adolescentes, mas as taxas de vitimização do bullying variam entre regiões.

As consequências do *bullying* podem ser devastadoras e irreversíveis para a vítima. Os primeiros sintomas são o isolamento social da vítima, a partir daí, pode haver uma queda

no rendimento escolar, na autoestima, quadros de depressão, transtorno de ansiedade, síndrome do pânico e outros distúrbios psíquicos. Quando não tratados, esses quadros podem levar a vítima a guardar todo o sofrimento em seu subconsciente, que virá a se manifestar diversas vezes em sua vida adulta, dificultando as relações pessoais, a vida em sociedade, afetando a sua carreira profissional e até levando ao desenvolvimento de vícios em drogas e álcool.

Percebe-se que o bullying pode ter consequências negativas severas, especialmente para aqueles que foram vitimizados por um período de tempo. Nos últimos anos tem havido ampla circulação de materiais antibullying, e alguns países exigem legalmente que as escolas tenham uma política antibullying. Lembrando que o bullying tem efeitos negativos sobre as próprias crianças (vítimas e agressores) e sobre as crianças que observam estas práticas (observadores passivos). Estas se sentem muitas vezes incapazes de ajudar, o que provoca um sentimento de incapacidade e mal-estar, gerando sofrimento a estes observadores passivos.

Nesse sentido, tendo relação com o bullying, a educação inclusiva tem sido pauta de diversas pesquisas, projetos, documentos e debates em diferentes áreas. Segundo Neto *et. al.* (2011), esta educação traz consigo uma mudança dos valores da educação tradicional, o que significa estabelecer novas políticas e reestruturação da educação. Para que isso ocorra, é necessária uma transformação do sistema educacional, ainda exclusivo, totalmente direcionado para receber crianças dentro de um padrão de normalidade estabelecido historicamente.

É por meio de vínculos saudáveis que as crianças desenvolvem empatia (ou seja, a capacidade de sentir o que outros podem sentir em situação semelhante). As sementes de cuidado, preocupação e vínculo que germinam e florescem mais tarde, são semeadas nos primeiros anos de vida. A escola é um importante espaço de socialização. Neste aspecto, a violência do bullying pode prejudicar o desenvolvimento integral dos alunos. Tal violência presente no ambiente escolar pode ser trabalhada, com o intuito de evitar que o estudante venha a sofrer com situações constrangedoras e inibidoras.

Outrossim, é imperativo, portanto, que os profissionais implementem programas antibullying eficazes nas suas escolas para proteger os alunos do bullying e dos seus potenciais resultados negativos. Da perspectiva do direito internacional dos direitos humanos, o direito de estar seguro na escola e de não ser sujeito à agressão e vitimização associada ao bullying deve ser concedido a todas as crianças.

A escolha do tema desta dissertação de mestrado intitulada: “A Prática do *Bullying*

Escolar e seus Reflexos no desenvolvimento dos alunos dos 9ºano do Colégio Estadual José Cândido Rosa, tem sua origem nas experiências e observações vivenciadas durante minha vida profissional como professora do ensino fundamental e médio da rede pública do Estado de Goiás. E esse estudo justifica-se pela preocupante disseminação de atos violentos de bullying no ambiente escolar, ou seja, de agressões verbais ou físicas que vem aumentando nos últimos anos e que impacta de forma intensa o aluno agredido. E esse aumento de ocorrências de *bullying* no colégio, tem suscitado críticas tanto da comunidade local, como dos telejornais locais, e até mesmo da Assembleia Legislativa do Estado de Goiás, por parte de alguns Deputados Estaduais. Tudo isso, tem causado um desequilíbrio escolar em diversas áreas, tornando-se um problema preocupante devido ao aumento significativo de casos de depressão e desmotivação entre os alunos em relação à sua aprendizagem.

A violência do *bullying* está presente em diversos ambientes da sociedade, mas principalmente em escolas da rede pública, onde muitos alunos que não sabem conviver com a diversidade e nem com seus conflitos, usam de atos violentos para solução de seus problemas. Assim, com base em uma pesquisa de campo, abordarei as seguintes questões relacionadas ao bullying escolar: Quais os tipos de bullying escolar e locais de maior ocorrência? Qual a percepção a respeito da prática do bullying e seus reflexos no desenvolvimento dos alunos? De que forma os professores têm participado da construção de ações de enfrentamento e de conscientização ao combate ao bullying no ambiente escolar?

A pesquisa foi estruturada e embasada na seguinte questão problema: Quais são os reflexos da prática do bullying escolar no desenvolvimento dos alunos do 9º ano do Colégio Estadual José Cândido Rosa?

Nesse sentido, o **Objetivo Geral** deste trabalho é analisar os reflexos da prática do bullying escolar no desenvolvimento dos alunos do 9º ano do Colégio Estadual José Cândido Rosa.

Quanto aos **Objetivos Específicos**, pretende-se identificar os principais tipos bullying escolar e locais de maior ocorrência na turma do 9º ano; verificar junto aos alunos e professores do 9º ano sobre os principais problemas de relacionamento, violência do bullying, discriminação que os alunos vivenciam no ambiente escola; conhecer se a escola dispõe de um plano de ação ou intervenção para conscientizar os alunos do 9º ano sobre os reflexos da prática violenta do bullying e demonstrar as consequências do bullying no desenvolvimento dos alunos do 9º ano.

Quanto a metodologia, esta possui um desenho descritivo com enfoque qualitativo e foram utilizadas as técnicas de questionário semiestruturado (alunos) e entrevista aberta (professores). Tais técnicas permitiram uma análise através de percepções, descrevendo a complexidade do problema e a interação de variáveis. Conforme Alvarenga (2019, p. 55), definir as técnicas que serão usados na pesquisa é de extrema importância, pois a partir dessas que o pesquisador conseguirá “interpretar e compreender os fenômenos, considerando o contexto que rodeia a problemática estudada”.

Na primeira parte composta pelo marco teórico dessa dissertação foram abordados sobre as características do bullying, com o conceito, o histórico, os tipos e as causas. Também discutimos sobre bullying no contexto escolar, explicando os locais de ocorrência, sobre a legislação sobre a temática. Retratou-se também sobre as estratégias das escolas no combate ao bullying. Por fim, foi discutido ainda no marco teórico as principais consequências do bullying, principalmente relacionada as consequências na aprendizagem e desenvolvimento dos alunos. Na parte do marco metodológico apresentou-se o percurso metodológico e por fim a análise dos resultados alcançados.

1. O FENÔMENO *BULLYING* ESCOLAR E SUAS CARACTERÍSTICAS

O bullying é um tipo de acontecimento comum na sociedade brasileira, como fator determinante e fonte de poder, observado em grandes fatos marcantes na história do Brasil como a Ditadura Militar de 1964, onde uma das suas principais armas era a repressão como forma de controle e como desespero governamental para lidar com conflitos que aconteciam em ambientes de sua responsabilidade, como o ensino médio. Por esse ângulo, a prática da violência no ambiente escolar não é um fenômeno recente e vem tomando espaço nos dias atuais, se expandindo de uma maneira perceptível e se tornando um grave problema social e de saúde pública, tendo como consequências o convívio das relações individuais e fenômenos sociais (Neto, 2005).

O *bullying* assume diferentes formas e pode ter efeitos prejudiciais na vida de uma criança. Embora existam diferentes graus de bullying, cada criança é única e tem a sua própria maneira de responder a estas situações. Por isso é importante que pais, responsáveis e professores entendam o bullying, para que possam criar um diálogo e identificar quando uma criança precisa de ajuda.

Outrossim, é importante também que a sociedade como um todo, entenda o significado do *bullying* e suas características. Desse modo, o presente capítulo irá descrever o conceito do *bullying* escolar, trazendo referências sobre seu histórico na sociedade; visa investigar também quais os tipos de *bullying* que ocorrem nas escolas e quais as possíveis causas para esse tipo de comportamento.

1.1 Conceito de *Bullying* no contexto escolar

O termo *bullying* refere-se a uma forma específica de comportamento agressivo e violento no contexto escolar, entre pares. Sendo caracterizado a partir de três critérios: intencionalidade, repetitividade e desequilíbrio de poder. Em face à ênfase desta definição, são considerados atos de *bullying* escolar o desejo de agredir colegas ou os expor a situações negativas, que se repetem ao longo do tempo e geram dificuldade de defesa dos alunos expostos a tais ações (Oliveira, et al., 2016).

A prática desse tipo de violência é vista pelos autores dedicados a esse assunto como “Fenômeno *bullying*”. Tal fenômeno apresenta-se de forma velada, intencional e repetitiva, dentro de uma relação desigual de poder, por um longo período de tempo contra uma mesma

pessoa, sem motivos evidentes, adotando comportamentos cruéis, humilhantes e intimidadores, gerando consequências irreparáveis, sejam elas físicas, psíquicas, emocionais ou comportamentais.

Os comportamentos violentos que retratam o bullying possuem características direta ou indireta. No bullying direto, a vítima é atacada diretamente, por meio de agressões físicas, insultos chantagens, apelidos e furtos. No bullying indireto se destacam atitudes de indiferença, desprezo, isolamento e difamação da vítima (Neto, 2005).

De acordo com a Lei 13.185/2015, que institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática, considera-se *bullying* “todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas.” Dada a ênfase desta definição, o *bullying* escolar são atos que se repetem ao longo do tempo e envolvem o desejo de prejudicar os colegas ou expô-los a situações negativas, enquanto aqueles expostos a situações negativas têm dificuldade em se defender.

O termo “bullying” é originário da palavra inglês a “bully” que significa “tirano” ou “valentão”. Na tradução da língua portuguesa não é conhecido um termo que envolva toda a complexidade do conceito científico do fenômeno. Por isso, o termo faz referência a comportamentos de intimidação, tiranização, isolamento, agressão, ameaças e insultos direcionados a um indivíduo ou grupo (Ceballos-ospino, et al., 2019).

Neto (2011) afirma que a definição do vocábulo inglês, por ser muito ampla, não encontrando similar em outras línguas, terminou por trazer certa dificuldade na exata compreensão do fenômeno *bullying*. Desse modo,

A adoção do termo bullying foi decorrente da dificuldade em traduzi-lo para diversas línguas. Durante a realização da Conferência Internacional Online School Bullying and Violence, de maio a junho de 2005, ficou caracterizado que o amplo conceito dado à palavra bullying dificulta a identificação de um termo nativo correspondente em países como Alemanha, França, Espanha, Portugal e Brasil, entre outros (Neto, 2011, p. 165).

De acordo com Pereira et al. (2009), os agressores não apresentam, um único perfil, uns são violentos, abusam do poder sobre os pares pela força enquanto outros são manipuladores, sedutores até atingirem os seus objetivos. Por isso quando se fala no perfil normalmente parece estar associado a um sujeito com força física, encorpado e muitas vezes quando nos confrontamos com as crianças verifica-se que aparentam ser frágeis e pequenas

mesmo relativamente aos seus pares. Outros ainda há que são pessoas muito agradáveis parecem preocupadas com os outros atenciosas e são esses que manipulam os seus pares para atingirem os seus objetivos como por exemplo extorquir dinheiro dos colegas não furtando (de forma invisível) ou roubando (com recurso à força) mas pedindo dinheiro a troco de atenção da sua amizade.

De acordo com Wanderlei (2019), a prática do bullying pode ocorrer em diversos ambientes, um deles sendo o mais comum, a escola, o local onde os estudantes passam boa parte de suas vidas. A escola não deve ser vista apenas como um local de construção de conhecimento, mas também de construção de identidade e de laços afetivos, além de ser um ambiente repleto de cultura. Desse modo, o ambiente escolar vai além da difusão e aquisição conhecimentos histórico-sócio culturalmente, também está ligada com a formação identitária e cidadã dos alunos. O bullying tem continuidade no tempo e não acontece de forma esporádica: as vítimas estão marcadas, visadas e vigiadas pelos agressores, os quais, quando agrirem, sabem exatamente o que estão fazendo e como farão.

Nas escolas, os comportamentos violentos são vistos com naturalidade e ignorados até mesmo pelos pais e professores. Sendo vista como uma violência com menos visibilidade, mas sem deixar de ter a importância que necessita. A princípio, o bullying teve como alicerce a concepção que a violência é uma maneira de obter poder perante quaisquer minorias. Essa violência pode ser uma das definições de bullying que está presente desde o ambiente familiar, pois os pais são responsáveis em educar seus filhos, e, muitas vezes, com intuito de educá-los, são agressivos a partir da crença de que essa é uma forma válida de se impor e conquistar o respeito.

Para Zottis (2012, p. 4), o *bullying* engloba uma série de tipos de violência interpessoal, na esfera social e ocorre em qualquer idade, mas no Brasil se refere à violência entre alunos no ambiente escolar. É um comportamento agressivo, ofensivo e repetitivo, é realizado por uma pessoa ou grupo contra outro(s) tem por intenção a humilhação e até mesmo o machucar em uma relação desigual de poder, está entrelaçado com transtornos mentais e consequências graves na vida adulta das vítimas e dos agressores. A prática do *bullying* por adolescentes demonstra um entrave na socialização, na construção da empatia e do autocontrole, que geralmente são formados no seio familiar.

Outrossim, no contexto escolar, é quase que unânime que todo indivíduo em um dado momento de seu caminho estudantil teve contato com agressões provenientes do *bullying*. Segundo o autor Lopes (2018, p. 2) “corriqueiramente, esse tipo de agressão vista foi tratada como normal, mesquinha, no seio escolar. Hodiernamente, busca-se identificar e sanar as

agressões provenientes do *bullying* rapidamente, uma vez que, somente assim, não haverá maiores traumas para a vítima”.

Percebe-se então que o termo retrata grosseria, desumanidade, tirania, ameaça, enfim, cuida-se de um comportamento antissocial, agressivo e cruel que objetiva ridicularizar, isto é, expor ao ridículo a vítima do *bullying*, por vezes, escolhida aleatoriamente, por qualquer motivo ou mesmo sem motivo, outras vezes, por vingança ou mesmo com o objetivo de simplesmente ridicularizar a vítima, independentemente da existência de qualquer causa ou motivo especial ou específico (Bittencourt, 2012).

A Organização Mundial da Saúde define como “a utilização intencional de poder ou força física, na forma efetiva ou de ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou comunidade, da qual resulte ou possa resultar, com grande possibilidade, a morte, dano físico, dano psicológico, perturbação do desenvolvimento ou privação”. Esta definição é bastante semelhante à forma como diferentes autores têm definido as condutas agressivas e inclui vários tipos de violência.

Logo, o bullying é uma espécie de violência que se manifesta ou é praticada através de humilhação, menosprezo ou agressão, desrespeito, terror psicológico, assédio ou mesmo ameaça impondo medo e constrangimento à vítima ou vítimas contra as quais se pratica. Em outros termos, esse tipo de comportamento, agora criminoso, tem o condão ou a capacidade de reunir, injustificadamente, jovens (inclusive pré-adolescentes) para, digamos, ridicularizar, zoar, fazer chacota da indigitada vítima.

A literatura apresenta diversas consequências resultantes das agressões vivenciadas, principalmente pelas vítimas, corroborando com Oliveira (2018, p. 311) no sentido que “a vítima o seu maior prejudicado, que muitas vezes além de todos os sofrimentos já passados, não consegue superá-los, carregam esses traumas por toda a vida, e muitas vezes preferem à morte”.

Nos atos de bullying se imbrica uma relação de poder. A respeito do poder, Foucault (2004), assevera que diz respeito a uma relação, envolvendo práticas estabelecidas entre diferentes sujeitos sociais. Essas relações se instituem em diferentes direções, havendo múltiplos lugares que legitimam o poder e acirram a desigualdade entre classes sociais. Foucault (2004), enfatiza que existe uma *microfísica do poder*, o qual é posto em jogo na escola por meio de seu funcionamento e dos próprios corpos com sua materialidade e forças.

Como espaço hierarquizado e esquadrinhado, a disciplina envolve tanto o poder, quanto o saber. Nesse sentido, Foucault (2004, p. 119) afirma que:

O corpo humano entra em uma maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma *anatomia política*, que é também igualmente uma *mecânica do poder*, está nascendo; ela define como se pode ter o domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que querem, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segunda a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos *dóceis*.

Baseado no exposto anteriormente, se infere que tais ações são municiadas e vividas no ambiente escolar. Nesse aspecto, do ponto de vista concreto e simbólico, o bullying é percebido de forma diferente tanto pelos atores que fazem, quanto pelos que recebem.

1.2 Histórico do Bullying.

O termo *bullying* possui origem inglesa, apesar de não ter uma tradução exata para o português, pode ser entendida com o sentido de “intimidar”, “ameaçar”, “maltratar” e “oprimir”. Os primeiros estudos acerca do bullying foram realizados no século XX, na década de 1989 por Olweus, professor e pesquisador americano. Olweus é considerado o “pioneiro” no estudo do fenômeno *bullying*, pois foi ele que deu início aos estudos sobre a violência nas escolas (Olweus, 1993).

Nesse sentido, os estudos de Olweus foram considerados o marco inicial, a partir de então, vários autores deterão sua atenção ao fenômeno, onde começou-se a conceituá-lo, um dos conceitos atuais que foi relacionado ao bullying foi do autor Bittencourt (2012) que caracteriza o *bullying* como um conjunto de ações violentas, repetitivas e intencionais praticadas por um agressor a vítima.

Percebe-se então que, os primeiros estudos referentes ao tema do bullying surgiram na década de 70, e a partir de então se intensificaram, na concepção de Medeiros (2012, pp. 20-21) “o termo bullying passou a ser estudado em todo o mundo após pesquisadores e educadores perceberem a forte ligação entre a violência vivenciada por alunos no ambiente escolar e uma série de ataques ocorridos nestas instituições de ensino”. Isto se dá devido a sua importância para a compreensão acerca dos comportamentos das pessoas envolvidas.

Apesar de não existir um termo oficial para o *bullying* logo quando ele surgiu, ele foi considerado por alguns psicólogos já na década de 1990 quando se apresentaram as primeiras pesquisas, de “Vitimização” ou “Maus-tratos entre pares”, por se tratar de um fenômeno de grupo ou classes entre iguais, como é o caso dos estudantes. Olweus (1978 *apud* Borges, 2010) entrevistou cerca de 84.000 estudantes, 300 a 400 professores e 1.000 pais entre vários

períodos de ensino. Quando na década de 1980 três rapazes entre 10 e 14 anos cometeram suicídio e as instituições educacionais começaram desde então a creditar foco ao fenômeno descoberto por Olweus (Borges, 2010).

Em 1993, surgiram em várias escolas Norueguesas uma campanha nacional Anti-Bullying baseada no diagnóstico oficial sobre o *bullying* por Olweus e Roland em 1993, onde puderam relatar que a cada 7 alunos 1 sofria a violência. Olweus desenvolveu um questionário onde propunha 25 questões de múltipla escolha, na intenção de avaliar a gravidade e extensão do problema.

O cenário brasileiro, foi, sobretudo, na década de 1990 que o *bullying* passou a ser discutido, mas foi, a partir de 2005, que o tema passou a ser objeto de discussão em artigos científicos. Dessa forma, desde meados da década de 1990 o termo tem sido usado para descrever agressões físicas ou psicológicas, intencionais e repetidas, praticadas por uma pessoa ou um grupo contra uma vítima que tem menos condições de se defender, em uma relação desigual de forças. Percebe-se então que, o bullying não é um fenômeno recente, porém, foi apenas nos últimos anos que ele ganhou mais destaque na mídia, gerando uma série de discussões sobre o assunto.

Chalita (2008) escreveu uma obra que ganhou a preferência de muitos especialistas no caso e de educadores, nesta obra é destacado que:

[...] mesmo sendo tão antigo e já tendo sido objeto de preocupação e investigação por ter comprometido a vida de estudantes, no passado, nada se sabe concretamente sobre o bullying antes da década de 1970. Foi somente com pesquisas realizadas em 1972 e 1973, na Escandinávia, que as famílias perceberam a seriedade dos problemas decorrentes da violência escolar (Chalita, 2008, p. 100).

Um estudo longitudinal realizado nos Estados Unidos relata evidências empíricas de aumento do *bullying* escolar a partir da segunda metade da década de 2000, com prevalência de 25,8% em 2009. O estudo relata que o bullying foi mais comum e mais intenso entre meninos, afrodescendentes, da zona rural, que moram com pais solteiros, com baixo desempenho escolar e baixo nível de identificação religiosa (Oliveira, et al., 2016).

O bullying é um tipo de acontecimento comum na sociedade brasileira, como fator determinante e fonte de poder, observado em grandes fatos marcantes na história do Brasil como a Ditadura Militar de 1964, onde uma das suas principais armas era a repressão como forma de controle e como desespero governamental para lidar com conflitos que aconteciam em ambientes de sua responsabilidade, como o ensino médio. Por esse ângulo, a prática da violência no ambiente escolar não é um fenômeno recente e vem tomando espaço nos dias

atuais, se expandindo de uma maneira perceptível e se tornando um grave problema social e de saúde pública, tendo como consequências o convívio das relações individuais e fenômenos sociais (Neto, 2005).

Nas escolas, os comportamentos violentos são vistos com naturalidade e ignorados até mesmo pelos pais e professores. Sendo vista como uma violência com menos visibilidade, mas sem deixar de ter a importância que necessita. A princípio, o bullying teve como alicerce a concepção que a violência é uma maneira de obter poder perante quaisquer minorias. Essa violência pode ser uma das definições de bullying que está presente desde o ambiente familiar, pois os pais são responsáveis em educar seus filhos, e, muitas vezes, com intuito de educá-los, são agressivos a partir da crença de que essa é uma forma válida de se impor e conquistar o respeito.

No Brasil, a complexidade de problemas concretos como o *bullying* e a preocupação com a saúde escolar culminaram em 2007 com a implementação do Programa Saúde na Escola, uma política intersetorial que promove a prestação de cuidados de saúde integrais aos escolares. crianças e adolescentes idosos. De acordo com essa proposta, as equipes de atenção básica (APS) devem colocar em prática ações voltadas à promoção da saúde de acordo com os princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS), abordando as dimensões de uma cultura de paz e de combate. as diversas expressões de violência nas escolas e na comunidade.

1.3 Tipos de Bullying Escolar

Zaine, Reis e Padovani (2010, p. 8) relatam que os comportamentos de autoria de *bullying* escolar envolvem agressão física e ameaças aos colegas com chutes, empurrões, "xingos" e brincadeiras desagradáveis. Alunos com dificuldades de aprendizagem ou que obtivessem notas baixas eram alvo de agressões verbais, xingamentos e humilhações.

A participação no *bullying* pode ocorrer de diferentes modos: agressores, vítimas e agressores/vítimas. Com isso, diversos autores, como Bandeira (2012), consideram as testemunhas como um dos papéis no *bullying*. Outra categoria são os agressores de *bullying*: esta categoria corresponde a quem agride outro indivíduo com menor controle da situação, de forma intencional, a fim de machucar, prejudicar ou humilhar. O agressor de *bullying* geralmente é popular e mais forte que a vítima, apresenta comportamentos impulsivos, antissociais e agressivos até para com os adultos - qualificando estes de forma positiva -, e sente prazer ao dominar e causar sofrimento à vítima (Neto, 2005).

Vítimas de *bullying*: o indivíduo que sofre agressões intencionais e repetidas de uma ou mais pessoas é classificado como vítima ou alvo de *bullying* (Bandeira e Hutz, 2012). Geralmente, quem sofre bullying não possui recursos, condições ou habilidade para reagir e interromper as agressões. Para Neto (2005), é comum as vítimas apresentarem insegurança, passividade, baixa autoestima, dificuldade para socializar e para se adequar ao grupo. Ademais, os alvos de *bullying* tendem a julgar as agressões sofridas como merecidas devido ao comprometimento de sua autoestima.

Nesse sentido, o fenômeno do bullying pode manifestar-se direta e fisicamente, como por exemplo bater, cuspir... E verbalmente com apelidos depreciativos, ameaças, insultos e fofocas, também pode ocorrer através de cyberbullying (utilizando meios sociais, eletrônicos ou de comunicação - internet, telefone) ou até mesmo indiretamente em situações em que não há confronto direto entre os envolvidos (exclusão social, fofocas etc.).

Medeiros (2012, p. 25) destaca em seu estudo que as agressões relacionadas ao *bullying* direto e físico se configuram por algumas características, sendo elas:

O *bullying* físico/direto é visível a outros estudantes e apresenta comportamentos de natureza física, como bater, empurrar, forçar com o corpo, chutar, tomar e danificar pertences, beliscar, dar tapas na nuca. Portanto, o bullying direto se configura como as práticas que envolvem a imposição de sofrimento físico, submissão pela força e, em alguns casos, a humilhação pública do alvo.

Outro tipo de *bullying* é o relacional: *bullying* relacional ou social é uma forma indireta de agressão e afeta as relações sociais entre a vítima e seus pares. Situações como espalhar boatos sobre a vítima, ignorar propositalmente a tentativa de aproximação ou se afastar de um colega, resultando na exclusão, são exemplos de *bullying* relacional (Ceballos-Ospino; Suarez-Colorado; Campo-Arias, 2019). Este tipo de *bullying* se torna mais comum a partir da puberdade, pois as habilidades sociais são aperfeiçoadas e a aprovação dos pares se torna fundamental (Bandeira e Hutz, 2012)

Alguns estudos, como o de Cavalcanti (2010) e Garcia et al. (2010) afirmam que o tipo de *bullying* verbal é o mais prevalente entre os estudantes, seguido do relacional e do físico. Estes resultados foram semelhantes aos encontrados previamente no estudo de Wang (2011), entretanto, alguns pesquisadores observaram ser o tipo relacional o mais prevalente seguido do tipo verbal. A utilização de apelidos, muitas vezes pejorativos ou que se refiram a determinada característica física ou fragilidade das vítimas, pode explicar o predomínio do tipo verbal.

De acordo com Weisz (2021), outro tipo de *bullying* que está sendo cada vez mais praticado é o *cyberbullying*, este vem se popularizando com o avanço e popularização da tecnologia, agora os agressores passaram a praticar o bullying através dos meios de comunicação virtual, enviando e mensagens eletrônicas com ofensas. Para isso, os agressores criam perfis falsos nas redes sociais, facilitando o anonimato que acarreta na impunidade.

De acordo com Ferreira e Deslandes (2018) o *cyberbullying* pode ser reconhecido como: atos de violência psicológica e sistemática contra crianças e adolescentes perpetrados nas ambiências das redes de sociabilidade digital, podendo ocorrer a qualquer momento e sem um espaço circunscrito e demarcado fisicamente *bullying* no ambiente escolar. Dessa forma, o *cyberbullying* não tem local fixo para acontecer, não há limites “geográficos”, os agressores se tornam anônimos, fatos estes que contribuem para a sensação de impunidade que o agressor tem. Todavia, independentemente de ser uma violência praticada de forma online, as suas consequências na vida da vítima são altamente significantes.

Giumetti (2021) reforça que as manifestações dos comportamentos agressivos no *cyberbullying* ocorrem por meio do uso das tecnologias de comunicação (computadores, tablets, celulares), essa forma de agressão virtual pode ocorrer via internet, através de e-mails, chats e redes sociais, ou via telefones celulares, através de torpedos, ligações, vídeos e fotos digitais.

Uma das razões para que os estudos sobre este assunto só tenham apresentado maior força nestes últimos anos é a diferença tênue entre *bullying* e brincadeira para os observadores externos, o que provavelmente fez com que o problema passasse muito tempo despercebido ou, pelo menos, fosse minimizado. No entanto, um dos critérios de identificação do fenômeno é o sofrimento que supostas brincadeiras possam causar a outrem: havendo sofrimento, caracteriza-se aí um quadro de *bullying* (Lisboa et al., 2009).

Logo, entende-se que o *bullying* nem sempre é óbvio. A maior parte do *bullying* ocorre longe dos olhos dos adultos e a vítima muitas vezes se sente incapaz de relatar o que está acontecendo por causa do medo de represálias. Outros tipos de bullying podem ser tão sutis que podem ser descartados como provocações, o que muitas vezes é considerado aceitável. Se a provocação envolve intimidação e resulta em angústia, ela claramente se enquadra na definição de *bullying*.

1.4 Causas do Bullying Escolar

Embora haja um número crescente de estudos que abordam o *bullying* escolar, poucos deles abordam os fatores causais ou as razões que determinam o fenômeno. Em geral, o foco das investigações está nas características dos alunos envolvidos, nas variáveis do fenômeno e nas nuances que ele assume no contexto escolar sem, no entanto, estabelecer as razões que explicam esse fenômeno.

Conforme a Vivescer (2022), muitas pessoas ainda se apoiam no argumento de que casos de *bullying* são apenas brincadeiras, justificando que, atualmente, tudo é considerado “politicamente correto demais”. Entretanto, identificar quando um ato trata-se ou não de *bullying* é simples: quando fere os sentimentos do outro, já ultrapassou o nível da brincadeira. Estudos mostram que tanto meninos como meninas se envolvem em situações de violência na escola, embora as ações em que se envolvem sejam diferentes. Os meninos são mais propensos a sofrer *bullying* físico, enquanto as meninas se envolvem em trocas indiretas ou verbais (Thornberg, et al., 2011).

Entre crianças e adolescentes, conforme a faixa etária em que se encontram, a prática do *bullying* é causada pela necessidade que o sujeito tem de se impor sobre o outro, tanto para demonstração de poder quanto para satisfação pessoal, o que são características inerentes ao desenvolvimento da criança e do adolescente, portanto um fator eliminável. Percebe-se que há uma necessidade de se autoafirmarem a todo instante, perante si mesmos e em relação aos outros e, para que isso ocorra, normalmente, o agressor se impõe sobre a vítima, considerada a parte mais frágil da relação e por ter a certeza de que ela não irá apresentar meios de defesa para reverter a situação (Silva, 2015).

Conforme Aramis (2005), os motivos que levam a esse tipo de violência são extremamente variados e estão relacionados com as experiências que cada aluno tem em sua família e/ou comunidade: “Famílias desestruturadas, com relações afetivas de baixa qualidade, em que a violência doméstica é real ou em que a criança representa o papel de bode expiatório para todas as dificuldades e mazelas são as fontes mais comuns de autores ou alvos de *bullying*.”

Outras características podem ser descritas aos alunos que praticam *bullying*, como: querer ser o mais popular, sentir-se poderoso e obter uma boa imagem de si mesmo. Isso leva o autor do *bullying* a atingir o colega com repetidas humilhações ou depreciações. É uma pessoa que não aprendeu a transformar sua raiva em diálogo e para quem o sofrimento do outro não é motivo para ele deixar de agir. Pelo contrário, sente-se satisfeito com a

opressão do agredido, supondo ou antecipando quão dolorosa será aquela crueldade vivida pela vítima (Silva, 2015).

Evidências da literatura científica que abordam esse tema sugerem que a dinâmica do *bullying* é resultado das características dos alunos, da vulnerabilidade ou do status social de um aluno em relação a outro, que diferenciam e segregam os pares (Oliveira, et al., 2016). Um estudo realizado na Holanda com 80.770 estudantes relata que os motivos apresentados pelos estudantes para a prática do *bullying* foram a aparência física, o comportamento individual, o nível de desempenho escolar, deficiências físicas ou mentais, aspectos religiosos, questões de gênero, orientação sexual e a maneira inadequada como alguns os alunos lidaram com punição.

É fundamental explicitar que as atitudes tomadas por um ou mais agressores contra um ou alguns estudantes geralmente não apresentam motivações específicas ou justificáveis. Para Silva (2015a) significa dizer que, de forma quase natural, os mais fortes utilizam os mais frágeis como meros objetos de diversão, prazer e poder, com o intuito de maltratar e amedrontar suas vítimas.

Conforme Leopoldino et al. (2020), nota-se que a escola não está imune às manifestações de agressões, já que as intolerâncias às diferenças, os preconceitos e a covardia nas relações interpessoais não estão somente dentro dos muros escolares, constituem todo segmento da sociedade. Entretanto, ela pode se compor como um espaço seguro e saudável de ensino e aprendizagem, onde crianças e adolescentes possam conviver socialmente, provendo relações interpessoais, que são fundamentais para o crescimento dos jovens por meio da aceitação da inclusão e do respeito aos outros. Tudo isso cria um ambiente que possibilita um cenário em que eles aprendam a se conhecer e a desenvolver sua subjetividade e individualidade.

Um estudo realizado na Holanda contou com 80.770 alunos e constatou que os motivos mais frequentes para a ocorrência de bullying estão relacionados à aparência física, comportamentos individuais, nível de desempenho escolar, deficiência física ou mental, religião, questões de gênero, orientação sexual e a forma como os alunos lidam com as punições (Hultin, et al., 2021).

Sobre o ambiente escolar referido como negativo por meninos e meninas, e citado como possível causa, alguns autores como Hultin et al. (2021) constatou em seu estudo que em escolas com clima escolar favorável há menores índices de ocorrência de *bullying*. Nesse estudo, as meninas apresentaram comportamentos mais prejudiciais em relação à escola que os meninos. É como se os estudantes não pudessem confiar na instituição

educacional para lhes garantir um ambiente de segurança. Uma interpretação possível para esse dado refere-se à possibilidade de os estudantes exibirem comportamentos agressivos reativos, isto é, como mecanismo de defesa contra o ambiente percebido como hostil e não provedor de satisfação para suas necessidades. Entretanto, verificou-se um grande número de meninas vivendo em famílias sem a presença de, pelo menos, uma das figuras parentais. Esse aspecto deve ser observado em investigações futuras sobre a prática de *bullying* por meninas, principalmente considerando a realidade brasileira e a multiplicidade de arranjos familiares existentes no país.

No estudo de Oliveira et al. (2016) foi constatado que as causas entre meninos e meninas se assemelharam, predominando a aparência do corpo e rosto, entretanto, em relação à raça/cor e orientação sexual, os meninos relataram sofrer *bullying* mais frequentemente que as meninas. O estudo destaca que a opção “outros motivos/ causas” é a mais referida para explicação do *bullying*. A expressividade deste dado pode ser interpretada considerando-se o pequeno entendimento dos alunos sobre o processo de vitimização, ou ainda, sobre a maneira como qualificam brincadeiras ou experiências de *bullying*.

Resultados semelhantes aos encontrados em outros contextos indicam que a aparência física é um dos principais motivos para que um estudante se torne vítima de *bullying* (Rech, 2014). Cor da pele ou a raça dos estudantes também foi referida significativamente como causa para a vitimização. No estudo de Patton (2013) negros relataram que sofreram *bullying* cerca de quatro vezes mais, e indígenas até duas vezes mais. Esta dimensão vincula-se a questões sociais, culturais, racismo e preconceito, uma vez que há um padrão hegemônico de valorização da cor da pele branca.

Normalmente, o autor de *bullying* possui “um poder” sobre seu alvo, o que caracteriza sua capacidade de intimidá-lo perante o agressor. Esse diferencial de poder caracteriza-se pela diferença de idade, tamanho, desenvolvimento físico ou emocional e pelo apoio recebido de outros colegas durante o acontecimento. “O comportamento agressivo é essencial para o surgimento do autor, mas seu comportamento será incentivado se seus atos representarem ganhos sociais, materiais ou pessoais” (Neto, 2011, p. 28).

No estudo de Lembo et al. (2021) verificou-se que o sexo masculino foi mais associado à prática das agressões. Os meninos também praticavam mais *bullying* do tipo físico, enquanto as meninas utilizavam estratégias de violência mais sutis ou indiretas, recorrendo a comportamentos internalizantes. Fatores familiares como vivências reiteradas ou testemunho de violência em casa, comunicação negativa entre membros e aspectos estruturais também foram relacionados ao envolvimento com o fenômeno.

Os resultados das análises comparativas entre os gêneros no estudo de Harth et al. (2022) mostraram que os meninos estiveram mais frequentemente no lugar de agressor, bem como são eles os que mais praticam violência física em relação às meninas. Isso está em linha com os estudos de Baldry e Farrington (2017) cujos resultados evidenciaram que os meninos estavam com mais incidência (26%) no papel de agressores e com práticas de violências físicas do que as meninas (9%). Esses achados corroboram também com os estudos de Bandeira e Hutz (2012) e Silva et al (2019). Tais pesquisadores apontam que os meninos praticam o bullying tanto com outros meninos como também com as meninas. As formas de agressões mais utilizadas pelos meninos são empurrões, chutes e socos, que neste estudo mostrou prevalência em situações de provocações que eliciariam as práticas agressivas. Ainda de acordo com os referidos autores, as meninas praticam o bullying mais em formas indiretas como fofocas e mentiras.

Ao mesmo tempo que agressores e agressoras apresentam bons resultados de ajustamento social, percebe-se que a prática do *bullying* representa fator de risco para comportamentos deletérios à saúde. Desse modo, ao contrário do que supõe o senso comum, o bullying está associado a prejuízos no processo adaptativo tanto para quem é vítima quanto para quem o pratica (Lembo et. al., 2021). A agressividade dos meninos, revelada pelo maior engajamento na prática do *bullying* e pela preferência por comportamentos externalizantes, é documentada na literatura desde os estudos pioneiros sobre o fenômeno.

De acordo com a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) realizada em 2015 no Brasil, entre os adolescentes identificados como vítimas de *bullying*, 15,6% acreditam que o motivo das agressões sofridas está relacionado à aparência do corpo e 10,9% à aparência do rosto (IBGE, 2016 *apud* Silva, 2019).

Os autores Silva (2019) afirmam ainda que as causas do *bullying* podem ir desde a falta de inserção de valores no ambiente familiar, falta de limites e regras de convivência em sociedade, o modelo de educação que recebem, até a dificuldade do aluno em receber punições através da violência e intimidação e a aprender a resolver os problemas por meio da agressão. Além das causas citadas anteriormente, os autores discorrem sobre a existência da alta competitividade na escola e na família, que consiste em um fator gerador do individualismo, bem como a dificuldade de empatia, a crise ou ausência de modelos educativos baseados em valores humanos que podem caracterizar-se como as possíveis causas para a ocorrência do *bullying*.

No que se refere ao desencadeamento do *bullying*, Hager (2017) diz há uma inúmera infinidade de fatores que contribuem para o aumento da violência e da agressividade de

crianças e jovens, às mudanças sociais que ocorrem em nosso cotidiano também pode influenciar o modo de ser e de viver do indivíduo e do grupo. Tais mudanças sociais podem ser constatadas no processo de globalização, no consumismo, nos padrões de beleza ditados pela mídia, nos fenômenos ligados à imigração, no mal-estar econômico, na crescente desigualdade social, na falta de oportunidades de ascensão social por vias legais e éticas, na integração étnica, religiosa e cultural, dentre outros.

Todas as mudanças e o aumento do consumismo contribuem para as causas da agressividade entre alunos, visto que no pensamento dos Beaudoin e Taylor (2006, p. 29):

[...] vivemos em uma cultura capitalista, individualista, patriarcal, que frequentemente é intolerante em relação às diferenças (padrões restritos de normalidade, pouca aceitação das diferenças de raça, de orientação sexual, etc.), muitos não percebem a implicação desses discursos amplos em seu cotidiano. Em geral, nessas culturas, as instituições passam a estruturar-se por temas como a competição, as regras, as conquistas, a avaliação, a recompensa e a punição e as hierarquias de poder.

Logo, é evidenciado que o capitalismo, o individualismos, e principalmente a intolerância são as principais causas do *bullying*, juntamente com a competição vivenciada diariamente pelo indivíduo, para Beaudoin & Taylor (2006) a competição é um convite para se envolver com o *bullying*, pois os alunos que apresentam problemas questionam sua autoestima enquanto pessoa e utilizam a competição para provar que eles têm autoestima; entretanto esta pode ser outra oportunidade de esses alunos confirmarem a si mesmos a ideia de que são perdedores ou inadequados.

2. BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR

O *bullying* que ocorre no universo escolar vem preocupando educadores e pesquisadores por todo o mundo. Atualmente, os índices dessa prática criminosa são preocupantes, no Brasil e no exterior. Segundo dados da Pesquisa Nacional de Saúde Escolar (PeNSE) e do IBGE, mais de 40% dos estudantes adolescentes brasileiros são vítimas de *bullying* no ambiente escolar. Os praticantes do bullying aproveitam esse ambiente de diversidade para prática ações de violência com pessoas que são teoricamente mais fracas, que não sabem se defender.

Sabe-se que a escola é um espaço formado a partir de diferentes culturas, crenças e ideologias, é constituída de um público heterogêneo, e essas diferenças que deveriam ser valorizadas e respeitadas por todos, muitas vezes acaba sendo vista como uma oportunidade para a disseminação da violência. De acordo com Harth et. al. (2022) é bastante preocupante o fato de muitas escolas ainda não garantirem uma educação de qualidade e ainda ter uma prática que é mais excludente do que inclusiva. Boa parte das escolas não demonstram condições estruturais e didático-pedagógicas satisfatórias para atender a necessidade de muitas crianças que sofrem com o *bullying*.

Devido a isso, surge alguns questionamentos, sobre como a legislação brasileira trata desta temática, quais seriam as origens do comportamento agressivo nas crianças; sobre a importância da relação família e escola e também sobre o papel e intervenção do professor quando se depara com a prática do *bullying*. Estes questionamentos serão respondidos neste capítulo.

2.1 Legislação brasileira sobre *bullying*

Mesmo se tratando de um fenômeno antigo, a identificação, prevenção, repressão e erradicação do *bullying* não foram, ainda, objeto da devida conscientização social e apenas, recentemente, essa forma de violência passou a ser objeto de atenção legislativa (Bittencourt, 2012). No Brasil, duas normas pretenderam o enfrentamento do *bullying*: a Lei Federal n. 13.185 de 06 de novembro de 2015, assinada pela então presidente Dilma Rousseff, e a Lei 13.663 de maio de 2018, firmada pelo presidente Michel Temer.

A Lei Federal n. 13.185 de 06 de novembro de 2015 instituiu o Programa de Combate à “Intimidação sistemática”, trazendo a definição de tal instituto já em seu art. 1º, §1º, nos seguintes termos:

[...] considera-se intimidação sistemática (Bullying) todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas (Brasil, 2015, p. 1).

A norma em questão delimita, ainda, em seu art. 2º, as características do Bullying, estabelecendo que ocorre a intimidação sistemática (Bullying) quando há violência física ou psicológica em atos de intimidação, humilhação ou discriminação e, ainda, ataques físicos; insultos pessoais; comentários sistemáticos e apelidos pejorativos; ameaças por quaisquer meios; grafites depreciativos; expressões preconceituosas; isolamento social consciente e premeditado e pilhérias (Brasil, 2015).

Destaca-se que a norma determina, no seu art. 5º, que todo estabelecimento de ensino assegure medidas de conscientização, prevenção, diagnose e combate à violência e à intimidação sistemática (Bullying).

Anos após a criação desta Lei, surge a Lei 13.663/2018, buscando emprestar mais concretude à normativa anterior e voltada especificamente ao bullying ocorrido na comunidade escolar, alterou a LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – para incluir, no art. 12, o inciso IX, prevendo como atribuição das instituições de ensino “promover medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência, especialmente a intimidação sistemática (bullying), no âmbito das escolas (Brasil, 2018).

Ambas as leis têm o objetivo de promover o combate ao bullying, porém a Lei 13.663/18 insere, dentro da própria legislação de diretrizes da educação, a obrigação de os estabelecimentos de ensino promoverem políticas de conscientização e prevenção a este tipo de violência, além da promoção da cultura de paz.

Recentemente em janeiro de 2024 é criada a Lei 14.811/24:

Institui medidas de proteção à criança e ao adolescente contra a violência nos estabelecimentos educacionais ou similares, prevê a Política Nacional de Prevenção e Combate ao Abuso e Exploração Sexual da Criança e do Adolescente e altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), e as Leis nºs 8.072, de 25 de julho de 1990 (Lei dos Crimes Hediondos), e 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente) (Brasil, 2024, p. 1).

Para o novo texto legal, o fenômeno *bullying* consiste no:

[...] ato de “intimidar sistematicamente, individualmente ou em grupo, mediante violência física ou psicológica, uma ou mais pessoas, de modo intencional e repetitivo, sem motivação evidente, por meio de atos de intimidação, de humilhação ou de discriminação ou de ações verbais, morais, sexuais, sociais, psicológicas, físicas, materiais ou virtuais (Brasil, 2024, p. 1).

No caso de adultos cometendo *bullying* contra crianças ou adolescentes, a pena prevista é multa – se a agressão for cometida por adolescentes, eles respondem por meio de medidas socioeducativas nas Varas da Infância e Juventude. Já no caso de crianças, os responsáveis legais são processados. No entanto, a punição endurece quando tudo acontece no ambiente virtual – o *cyberbullying*. Caso a intimidação ocorra por meio da Internet, das redes sociais, aplicativos ou jogos, a pena passa a ser de reclusão de 2 a 4 anos, além da multa (Brasil, 2024).

O endurecimento da lei para casos virtuais, deve-se ao entendimento, compartilhado por especialistas no tema, de que o *cyberbullying* é mais grave do que o *bullying* presencial, uma vez que não é possível que a vítima se afaste fisicamente da intimidação, que se torna mais constante no ambiente virtual (Brasil, 2024).

A Lei 14.811/2024 também atualiza o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Com a mudança, o ECA passa a exigir novos cuidados por parte de instituições sociais públicas ou privadas que desenvolvam atividades com crianças e adolescentes. Agora, será necessário exigir e manter certidões de antecedentes criminais de todos os colaboradores, que deverão ser atualizadas a cada seis meses.

A presente Lei nº 14.811/2024 também aumenta as penas de crimes contra menor de 14 anos (artigo 121 do Código Penal), que pode ser elevada em dois terços caso tenha sido praticado em ambiente escolar, bem como a possibilidade do aumento de pena para o crime de indução ou instigação ao suicídio (artigo 122 do Código Penal), que pode ser duplicada caso o autor seja o líder, coordenador, administrador ou responsável por grupo/comunidade de rede virtual. E ainda, convém destacar, que a nova lei institui a “Política Nacional de Prevenção e Combate ao Abuso e Exploração Sexual da Criança e do Adolescente”, que ainda deverá ser elaborada.

Enfatiza-se que esta é uma problemática severa de danos e consequências gravíssimas, que podem, inclusive, produzir danos incomensuráveis à saúde psicológica de suas vítimas. O advento dessa nova lei é de extrema relevância ao assegurar a proteção jurídico-penal não apenas da dignidade pessoal das vítimas, como também de sua saúde

mental, psicológica e funcional, ao criminalizar condutas gravemente desvirtuadas de quem as comete, gratuitamente, contra alguém, desautorizadamente.

Não se pode ignorar que o ataque gratuito de alguém com esse tipo de comportamento, digamos “bullyinista”, agora criminalizado, exige mais que sua simples criminalização e aplicação de sanção penal. Demanda, além da criminalização e respectiva punição dos respectivos infratores, também um apoio emocional e psicológico às vítimas, inclusive com tratamento especializado, para superação dessas situações, cujos custos devem ser atribuídos a eventuais autores de tais atos criminosos (Brasil, 2024).

2.2 Origem do comportamento agressivo

Apesar de compartilhar a intencionalidade que também aparece na agressividade, o *bullying* apresenta duas características que o tornam um comportamento único. Estes incluem a repetitividade das ações e o desequilíbrio de poder entre a vítima e o agressor. Dessa forma, estar envolvido em situações de *bullying* durante a infância e a adolescência pode ter consequências graves em diferentes esferas da vida de uma pessoa, tanto a curto como a longo prazo. Logo, torna-se imperativo estudar os fatores associados ao comportamento de bullying para tentar compreender este fenômeno na sua totalidade.

De acordo com Cabral et al. (2020), é possível perceber uma tendência em atribuir a maior propensão ao comportamento violento nos homens a aspectos biológicos, podendo também ser previamente explicada por características cognitivas. Cognitiones e emoções negativas são rotineiramente associadas à violência masculina, mas também já se verificou que cognitiones positivas como otimismo e autoconfiança também podem aumentar a chance de emissão de comportamentos agressivos.

Nesse sentido, no que se refere às origens do comportamento agressivo, estudos mais antigos sugeriram que, de um modo geral, aspectos familiares e o próprio temperamento da criança poderiam influir no aumento da agressividade, favorecendo a assunção de um papel de agressor (Olweus, 1993). Alguns fatores pessoais associados à prática do *bullying*, segundo Neto (2005), seriam: hiperatividade, impulsividade, distúrbios comportamentais, dificuldades de atenção e desempenho escolar deficiente. O autor destaca ainda, além desses, a falta de empatia.

As pesquisas mais recentes, como a de Babarro et al. (2022) indicam que a origem do comportamento agressivo é multicausal e que é influenciada por fatores biológicos, sociais e culturais. Embora o comportamento humano em geral tenha sido estudado do ponto

de vista psicossocial, cada vez mais pesquisas estão tentando se concentrar no estudo dos fatores biológicos. No entanto, poucos estudos tentaram explorar os possíveis marcadores biológicos do *bullying*.

Dessa forma, em relação aos fatores biológicos que influenciam o comportamento, pesquisas anteriores concentraram-se no papel dos hormônios, especificamente a testosterona e o cortisol, em dois períodos de desenvolvimento. Os períodos pré-natal e puberal são dois estágios de desenvolvimento sensíveis aos efeitos que os hormônios têm no sistema nervoso e, portanto, aos comportamentos dependentes das estruturas cerebrais alteradas por esses hormônios (Kliewer et. al., 2019).

No estudo de Babarro et al (2022), no caso dos agressores, nos rapazes, o modelo obtido apoiou a ideia principal de que fatores biológicos e psicossociais estavam relacionados com o envolvimento mais frequente como agressor. Níveis mais baixos de cortisol pré-puberal, pior percepção do ambiente escolar e menos colegas e apoio social foram relacionados ao envolvimento mais frequente. González-Cabrera et al. (2017) em seu estudo descobriram que os *cyberbullies* apresentavam curvas de secreção de cortisol achatadas. Além disso, uma revisão sistemática chegou à conclusão de que, em crianças e adolescentes, o *bullying* estava consistentemente relacionado com o cortisol (Kliewer et al., 2019), essas crianças vítimas de *bullying* apresentavam níveis mais baixos de cortisol ou um padrão embotado de cortisol.

Em relação aos fatores psicossociais, ter um bom ambiente escolar percebido e pontuações mais altas nos pares e no apoio social foi relacionado a estar menos frequentemente envolvido como agressor (Babarro et al., 2022). Pesquisas anteriores concluíram que ter confiança na escola; boas relações com colegas de turma (Han et al., 2017) e apoio social mais forte diminuíram o risco de envolvimento em situações de bullying. No modelo sobre a propensão das meninas para serem agressoras, o maior stress e conflito familiar estava relacionado com o envolvimento como agressor.

Um estudo do projeto decidiu explorar o comportamento de *bullying* numa perspectiva biopsicossocial, tendo em conta os efeitos que podem ter tanto as variáveis psicológicas sociais como os níveis hormonais dos pré-adolescentes. O estudo foi realizado com 302 pré-adolescentes. Quando os pré-adolescentes completaram 11 anos, informações sobre comportamento de bullying foram coletadas por meio de questionário. Além disso, foram recolhidas informações sobre diversas variáveis psicológicas e sociais (função executiva, contexto familiar, contexto escolar e contexto social) através de perguntas a estes pré-adolescentes e seus familiares. Os dados sobre os níveis hormonais pré-natais e pré-

púberes foram determinados por amostras de saliva e pela relação 2D:4D (Butovskaya et al., 2019).

Os resultados mostraram que 9,6% dos participantes estiveram envolvidos como vítimas, 1,7% como agressores e outros 1,7% como agressores/vítimas. O estudo descobriu que apenas o papel do bullying nos meninos parecia ser influenciado tanto pelos níveis hormonais quanto pelas variáveis psicossociais. Especificamente, observou-se que níveis mais baixos de cortisol pré-púbere, juntamente com uma pior percepção do ambiente escolar e menor apoio dos pares e do grupo social, estavam associados a um maior risco de envolvimento em situações de bullying como agressores (Butovskaya et al., 2019). As descobertas deste estudo estão de acordo com o que pesquisadores anteriores encontraram em outros estudos.

No entanto, ainda existem evidências limitadas sobre o papel dos fatores biológicos no *bullying*. Portanto, o estudo do *bullying* deve continuar a ser abordado numa perspectiva biopsicossocial. Identificando os níveis hormonais que podem afetar este comportamento, bem como as variáveis de interesse de um aspecto mais psicossocial, será possível traçar um melhor perfil das pessoas vulneráveis ao envolvimento neste tipo de situação e também desenvolver a prevenção do *bullying* e programas de intervenção, a fim de reduzir a sua prevalência ou a percentagem de participantes envolvidos.

Em outra direção, os estudos mostram que, embora o bullying ocorra no ambiente escolar, variáveis familiares estão associadas ao fenômeno. Uma investigação revelou que famílias disfuncionais e com características negativas na comunicação e no clima conjugal podem aumentar a probabilidade de os estudantes praticarem bullying nas escolas. Famílias instáveis e fragilizadas por conflitos interpessoais também se afiguram como fator de risco para o desenvolvimento de comportamentos agressivos na escola, o que também é congruente com a literatura (Kretschmer et al., 2017). Nesse estudo, foi possível evidenciar que, tanto para meninos quanto para meninas identificados(as) como agressores(as) em situações de bullying, o clima familiar era predominantemente negativo.

Como visto, atualmente a sociedade está passando por diversas transformações, bem como o modelo familiar, Fante e Pedra (2008) relatam que muitos pais apresentam dificuldade em impor disciplina e limites para os filhos, fator este determinante para a manifestação da agressividade e da violência na infância e na adolescência. Todavia, a autores como Coutinho (2017, p. 31) que relata que em muitos casos “é justamente no ambiente familiar que muitas crianças e jovens aprendem o comportamento agressivo e

violento, quando precisavam exatamente do contrário, ou seja, de modelos educativos positivos na família para serem imitados”.

2.3 Importância da relação família-escola

Acredita-se que as escolas são a chave do bem-estar da sociedade e da prosperidade futura das nações. Dessa forma, sua saúde é fundamental para o modo de vida democrático e, por isso, um dos problemas importantes durante o período de transição é representado pela transformação da escola em centro da vida comunitária. Essa mudança social está sendo construída a partir do desejo das pessoas de tornar as escolas cada vez melhores para todas as crianças.

Nesse sentido, entra a necessidade de a família estar em sintonia com a escola, visando o melhor desempenho e aprendizado dos alunos. De acordo com Picanço (2012, p. 24):

A educação constitui uma das componentes fundamentais do processo de socialização de qualquer indivíduo, tendo em vista a integração plena no seu ambiente. A escola não deveria viver sem a família nem a família deveria viver sem a escola. Uma depende da outra, na tentativa de alcançar um maior objetivo, qualquer um que seja, porque um melhor futuro para os alunos é, automaticamente, para toda a sociedade.

Nota-se que a família é a principal base no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças e adolescentes. Desde o seu nascimento, o indivíduo já começa a obter da família a educação básica para conseguir conviver em sociedade e poder exercer a sua cidadania. E assim, a escola irá dar continuidade a esse processo educativo vindo da família e fornecerá a formação acadêmica essencial para a formação profissional e intelectual do aluno, além de caminhar em companhia da família, fortalecendo e favorecendo a construção de valores (Silva, 2019).

Percebe-se que as relações família-escola são cultivadas e sustentadas ao longo do tempo. Essa relação entre a família e a escola deve ser um processo contínuo. Famílias e educadores devem trabalhar juntos dentro e ao longo dos anos escolares para abordar preocupações mútuas e fornecer apoio mútuo para melhorar o progresso da aprendizagem de crianças e adolescentes. Assim, os professores percebem que trabalhar em parceria com os pais este ano poderá fortalecer a parceria nos anos seguintes.

De acordo com Santos (2016a), as primeiras experiências educacionais de uma criança são comumente proporcionadas pela sua família. A partir do nascimento a criança começa a sofrer influências familiares, essas influências aos poucos vão modelando seu comportamento. Muitas vezes, os pais, independente da classe social, não querem que a escola somente instrua seus filhos, mas que também transmita princípios, valores morais e padrões de comportamento. Desse modo, é necessário ocorrer atividades integradoras de pais, crianças e da equipe da escola, com o intuito de estreitar os vínculos e os laços de convivência.

Nesse sentido, com o passar do tempo diversos estudos mostram que cada vez mais a família está deixando para a escola a responsabilidade da educação de seus filhos, e que não está ocorrendo de fato, uma integração entre esses dois sistemas no que tange as atividades relativas ao aprendizado dos alunos.

A parceria entre a família e a escola é de grande importância para alcançar o sucesso no desenvolvimento moral, intelectual e principalmente na formação da criança na faixa etária escolar. Afinal, pode-se questionar por que em pleno século XXI muitas escolas reclamam da mínima e insignificante envolvimento da família na escola, na vida escolar dos filhos? Seria uma confusão de papéis? Em que local estaria escondido o ponto central desse dilema que se arrastam anos e anos? (Garcia, 2010, p. 12).

Cabe destacar que a principal razão para se criar tais parcerias é o desejo de ajudar os alunos a ter sucesso na escola e mais tarde, na vida. Quando pais, alunos e outros membros de uma comunidade se consideram parceiros na educação, uma rede de apoio aos alunos começa a funcionar e, conseqüentemente seu desempenho e aprendizado podem melhorar.

De acordo com Wijaya e Bukhori (2017), mesmo nos dias atuais é possível observar que muitas pessoas avaliam os níveis de sucesso acadêmico de um aluno com base nas notas acadêmicas, ou no status do professor, ou ainda no seu status socioeconômico. No entanto, a verdadeira chave para o sucesso do aluno não é nenhuma delas, pois, o melhor indicador para o sucesso acadêmico do aluno depende de como as famílias estão envolvidas com o aprendizado em casa e na escola de seus filhos.

Alguns estudos, como o de Silva (2019), Weber (2021) e Wijaya e Bukhori (2017) demonstram que as crianças com pais engajados são mais propensas a tirar notas mais altas e pontuações em testes, se formar no ensino médio e frequentar o ensino superior, desenvolver autoconfiança e motivação na sala de aula e ter melhores habilidades sociais e comportamento positivo em sala de aula. Os autores acreditam que as crianças com famílias

engajadas também são menos propensas a lutar com a baixa autoestima, desenvolver problemas comportamentais ou precisar de redirecionamento de seu professor na sala de aula.

Desse modo, quando a família e os professores se comprometem com essa atmosfera de aprendizado e trabalham juntos para ajudar os alunos a ter sucesso, é quando se nota o sucesso e o crescimento. Por isso, o envolvimento dos pais é tão importante, pois quando a escola estabelece um relacionamento com as famílias desde o início, as famílias se sentirão mais bem-vindas e mais dispostas a se envolverem na educação de seus filhos. Se essas relações não forem estabelecidas desde cedo, os pais podem sentir que não deveriam fazer parte do processo de aprendizagem dos filhos.

Oakes (2015) enfatiza que as famílias devem ser parceiros ativos na tomada de decisões. Os educadores acreditam no valor de tomar decisões com os pais, assim, deve-se promover algumas práticas como tomar decisões em reuniões separadas antes da reunião com os pais, deve-se reconhecer a experiência dos pais e procurar a sua opinião regularmente, além de acreditar na inclusão dos pais ao abordar as preocupações sobre a aprendizagem dos alunos.

Antunes (2006) após uma pesquisa realizada no domínio educacional, descobriu um aspecto essencial: as crianças que estão inseridas em bases familiares bem desenvolvidas têm resultados educacionais muito melhores do que as crianças que não têm o benefício de tal rede. Nesse mesmo âmbito, Braga (2017, p. 45) escreve que as famílias fornecem um suporte social definido como "a disponibilidade de pessoas em quem podemos contar, pessoas que sabemos que podem cuidar de nós e nos amar". Ela sustenta que quanto maior o apoio da base familiar, maior a probabilidade de um aluno ter sucesso na escola.

Sem dúvida, a família e a escola desempenham um papel fundamental na criação e educação das crianças e a sua colaboração é fundamental para a socialização das crianças. A missão conjunta da escola e da família deve ser assegurada pelo seu apoio constante e mútuo a nível institucional e funcional (Braga, 2017).

Diversos estudos como o de Braga (2017) e Fonseca (2003) têm demonstrado nas últimas décadas os grandes benefícios da integração família e escola, principalmente quando o projeto pedagógico da escola abre espaço para a participação da família e reconhece os papéis essenciais de ambas no processo de aprendizagem e desenvolvimento dos estudantes. É o projeto pedagógico que possibilita flexibilizar as ações conjuntas, de forma complementar, e o desenvolvimento de repertórios singulares a cada ambiente educacional.

Slameto (2010, p. 63) revela: "Para que as crianças tenham um bom aprendizado é essencial que elas sejam criadas em um ambiente de lar tranquilo". Portanto, o autor concluiu em seu estudo que o desempenho escolar e o comportamento dos estudantes têm total relação com o fato de como a criança é criada e educada em seu ambiente familiar.

Para Santos (2016b) é necessário compreender os fatores que podem influenciar na relação escola-família, mas não se deve culpar ou acusar os pais que não participam da vida escolar, e sim buscar formas de aproximá-los de seus interesses. Na maioria das vezes, a família não participa da vida escolar por falta de tempo e muitas das vezes é por falta de interesse, e isso não pode acontecer, a família precisa reservar um tempo para acompanhar a criança em suas atividades e poder ajudá-las de alguma forma.

No estudo de Stamatis e Nikolau (2016) constatou-se que a maioria dos professores (79,7%) argumenta que a colaboração e comunicação entre escola e família é fundamental para melhorar o aprendizado e também para combater o *bullying*, pois afirmam que está ligado às atitudes positivas das crianças em relação à escola (96,1%), à melhoria do seu comportamento (88,3%) e à redução gradual das ocorrências de *bullying* (83,6%). Estes resultados são consistentes com a literatura nacional e também internacional, como o estudo de Cunha (2015) que sustenta que a colaboração escola-família é um fator importante e que contribui para as atitudes positivas das crianças em relação à escola, para a melhoria do seu desempenho e para a redução da agressividade, que inclusive é a base do *bullying* escolar.

Dessa forma, a importância da colaboração escola-família ficou evidente no estudo de Stamatis e Nikolau (2016), nas respostas dos professores à pergunta "Com que frequência você se comunica com os pais sobre o comportamento de seus filhos?". Os 64% dos professores afirmaram que se comunicam com os pais uma vez por mês sobre os comportamentos de seus filhos manifestados na escola, e partir do momento que essa comunicação passa a ser mais frequente, ocorre uma melhora no comportamento e no desempenho do aluno no ambiente escolar.

Para explicar o fracasso escolar dos jovens, Braga (2017) identificaram em sua pesquisa domínios negativos dentro da família, como baixo envolvimento dos pais na escola, status socioeconômico e nível educacional, como fatores que influenciam diretamente no aprendizado dos alunos. Já Silva (2015b) relataram que o "auto esquema educacional", referindo-se à percepção que o aluno tem de si mesmo e da escola, juntamente com as expectativas dos pais, resultou em 76% da variação prevista na educação, nas aspirações dos adolescentes.

Braga (2017) concluiu em seu estudo que ocorreu uma atitude bastante favorável dos alunos à participação dos pais em diferentes atividades do ensino médio, inclusive a presença em sala de aula durante as aulas, representa uma condição causal que pode produzir efeitos positivos para os alunos. Como foi dito pelos adolescentes, a participação dos pais pode garantir: uma melhor formação dos alunos, que temem não decepcionar os pais quando estão presentes; um melhor ambiente escolar e a promoção do diálogo pais-professores. As implicações na promoção do diálogo pais-professores foram principalmente discutidas. Os sujeitos destacaram diversos resultados positivos desse diálogo.

Picanço (2012) e Oakes (2015) concordam e enfatizam que a partir do momento que a família e a escola trabalham juntos em prol do aluno, os problemas podem ser resolvidos mutuamente e sem culpar uns aos outros. Quando os alunos estão passando por dificuldades escolares, os educadores da escola e os pais entendem que a comunicação bidirecional é necessária. As famílias e os educadores percebem como anda o comportamento das crianças em seus respectivos ambientes e, portanto, retêm o julgamento até que ambos os lados tenham a oportunidade de fornecer informações. Desse modo, a culpa não é atribuída apenas à família ou apenas à escola.

Nesse sentido, Saltini (2008) explica que o professor precisa manter um constante diálogo afetivo com o aluno, para assim conseguir compreendê-lo e se for o caso, tentar por meio do diálogo, moldar o aluno para uma vida de princípios e valores, principalmente nos dias atuais, onde o individualismo está muito presente. Enquanto Cunha (2015, p. 80) enfatiza que: “o docente é o guardião do seu ambiente escolar. Dessa forma, seus movimentos em sala precisam ser adequados e gentis, uma vez que, sua postura, o falar, o andar, são sempre observados pelos alunos, que o vê como modelo.” Isso ocorre independente de idade, o professor será sempre observado. Logo, um bom ambiente para a prática do ensino começa por ele, que canalizará a atenção do aprendente e despertará o seu interesse em aprender.

Percebe-se então que, de certa forma a família tem responsabilidade com a educação da criança tanto quanto a escola, logo, é essencial que as entidades escola e família consigam manter uma relação que permita o cumprimento de uma educação de qualidade. A troca de ideias entre professores e familiares pode trazer soluções propícias e rápidas aos diversos problemas enfrentados pelos estudantes.

Wijaya e Bukhori (2017) constataram com base nos resultados da análise de dados de seu estudo que, há uma influência positiva e significativa entre motivação para a aprendizagem, fatores familiares, fatores escolares e fatores sociais simultaneamente aos

resultados de aprendizagem dos alunos em disciplinas produtivas. Isso significa que ao juntar a motivação para aprender, com os fatores familiares, fatores escolares e fatores da comunidade, isso afetaram o aluno. Dessa forma, acredita-se que para que o aluno obtenha um melhor aprendizado, esses três fatores do ambiente de aprendizagem não podem ser separados um do outro.

Para Weber (2021) as famílias envolvidas na educação de seus filhos em casa e na escola têm resultados acadêmicos mais altos do que aquelas que não o fazem. Muitos membros da equipe, como assistentes sociais, professores, conselheiros e administradores, desempenham um papel vital na conexão das famílias com a escola, incentivando o envolvimento da família. O envolvimento da família não é apenas o interesse dos pais na aprendizagem de seus filhos; é uma responsabilidade compartilhada com a equipe e os professores para atingir as metas educacionais e incentivar o crescimento do aluno.

No estudo de Braga (2017) encontrou-se resultados parecidos, enfatizando ainda que é fundamental para o sucesso da formação integral e para a otimização dos índices de qualidade da educação brasileira envolver a família no ato educativo, tendo em vista que desempenha o primeiro espaço de construção da identidade, proporcionando subsídios para uma formação cidadã. Portanto, entende-se que a participação familiar ajuda bastante na aprendizagem do educando, trazendo consigo benefícios significativos para o sucesso escolar, uma vez haja uma junção entre família-escola na busca mutua para detectar as dificuldades percebidas no rendimento escolar.

Para Piaget (2003), é importante estabelecer limites às crianças para que consigam obter um desenvolvimento sadio e equilibrado, outro ponto levantado por ele é a questão de mostrar que existem regras para tudo na sociedade, e que as mesmas devem ser seguidas, inclusive as regras de dentro de casa. Sem sombras de dúvidas, Antunes (2006), afirma que a família é uma instituição importantíssima para a formação de todo e qualquer indivíduo por ser a partir dela que acontecem os primeiros contatos sociais que este indivíduo ainda criança vem a ter. Deste modo, pode-se considerar a família como o berço das relações sociais humanas.

Ratto (2007), baseada em Piaget, apresenta que a família tem como um dos papéis fundamentais a socialização da criança no contexto cultural mediante o ensino da língua materna, dos símbolos e das regras de convivência em sociedade. A função social da família sempre foi e ainda é a de transmitir os valores culturais, os conceitos dominantes, educando as novas gerações de acordo com os modelos e exigências da sociedade, auxiliando a criança nos processos de desenvolvimento da aprendizagem.

Nota-se que a família adquire novas formas e modos de vivências conforme o lugar e o momento histórico, político, cultural, social, econômico e religioso. Para Ratto (2007), as relações familiares influenciam e são influenciadas pelos movimentos sociais e se modificam conforme as necessidades instituídas pelo homem, que transforma seus comportamentos, tornando-se diferente em cada época.

Segundo Antunes (2006), a função dos pais é essencial na vida dos filhos, desde a opção da escola até a participação junto a ela. Isso influenciará no futuro o desenvolvimento social da criança, fato que deveria levar os pais a desejarem apreciar o trabalho que é realizado pelo professor e pela escola no desenvolvimento da aprendizagem da criança e ser consciente da importância de sua participação nesse processo.

Desse modo, foi possível observar por meio da análise dos estudos que, quando as famílias estão envolvidas na vida escolar de seus filhos, as crianças desenvolvem um amor pelo aprendizado que expandirá sua base de conhecimento e de admiração. Quando os professores se concentram nas relações familiares, eles geralmente veem mudanças com essas crianças em sua sala de aula. Quanto mais os professores envolvem os pais, mais motivação, comportamentos positivos e boas notas aumentam.

2.4 Intervenção do professor no *bullying* escolar

Considerando que os professores exercem responsabilidade social na formação moral e social do indivíduo, observa-se, a partir de alguns estudos, a importância e necessidade da relação entre eles e os alunos para garantia da melhoria do clima escolar, para favorecer a intervenção em casos de bullying e também na prevenção.

De acordo com Pereira (2023), pode nem sempre parecer, mas a pessoa que está intimidando outras pessoas pode precisar de tanta ajuda quanto a pessoa que está intimidando. Ao dedicar algum tempo para compreender a situação deles, o professor poderá evitar alguns resultados negativos muito graves no futuro, por isso a importância da intervenção adequada do professor.

Um professor que esteja capacitado e ciente da relevância do tema, facilita a criação de situações que favoreçam a aprendizagem do aluno e a construção de conhecimento significativo em prol da mudança positiva do comportamento dos alunos que praticam *bullying*. Nesse sentido, o bullying nem sempre tem de ser abordado posteriormente – existem diferentes medidas que pais e professores podem tomar para ajudar a preparar as crianças para lidar com estas situações. Uma das melhores maneiras pelas quais os pais

podem ajudar os filhos a evitar o bullying é garantir que eles desenvolvam suas habilidades sociais.

Alguns estudos, como o de Pereira (2023) destaca que parte do bullying está enraizado no fato de as crianças não saberem como fazer amigos. E então, o preventivo seria ensinar-lhes estratégias para fazer amigos – falar sobre algo que eles têm em comum. Porque muitas vezes as crianças que praticam bullying possui insegurança e talvez se sintam fora do grupo, e então, para tentar entrar, na verdade fazem o oposto do que deveriam fazer.

Uma das maneiras pelas quais os professores podem adotar essa abordagem de ajudar os alunos a serem amigos, é construindo uma comunidade de sala de aula. Lembo et al. (2021) viu um movimento popular nas escolas em que os professores utilizam as reuniões matinais para facilitar quebra-gelos, conversar sobre seus fins de semana e se conhecerem. Ao construir esta comunidade de sala de aula, espera-se que um sentido mais forte de inclusão e camaradagem evite a desconexão que muitas vezes leva ao *bullying*.

Simultaneamente, é fundamental reforçar o engajamento dos professores no enfrentamento do *bullying* na sala de aula, no sentido de realizarem intervenções precoces, auxiliando o agressor a estabelecer uma boa convivência com os colegas e incentivando a vítima a buscar ajuda sempre que necessário. Por outro lado, cabe aos professores buscarem outras alternativas como também apoiar a participação e integração da família no processo de resolução do problema, considerando que a participação dos pais em palestras, reuniões e debates tende a estimular o desenvolvimento de atitudes assertivas, como respeito, tolerância, entre outros (Lembo et al., 2021).

Vale ainda contribuir para que os pais estejam em melhores condições de identificar as ameaças ou agressões a que os filhos estejam expostos ou praticando na escola. Ferreira (2023) afirmam que o professor apresenta restrições em lidar com os conflitos em sala de aula e com as diversas responsabilidades no ato de ensinar. Sendo difícil a condução diante de episódios de *bullying*, violência ou de conflitos, por isso, na maioria as vezes pode adotar uma postura rígida e agressiva, reproduzindo o ciclo de violência, com uma relação interpessoal verticalizada e tensa.

De acordo com Akanni (2022), a punição é uma forma de mostrar que algo foi feito sobre a situação ocorrida, além de ser uma resposta mais rápida e fácil de gerenciar no espaço escolar. No entanto, as autoras ressaltam os efeitos negativos da punição que incluem sentimentos de raiva, por parte do indivíduo punido, que podem ser dirigidos a quem determinou a punição. No contraponto da punição, a disciplina restaurativa tem como foco auxiliar os envolvidos nos conflitos a se responsabilizar pelos prejuízos de suas

atitudes, ressaltando a empatia com a vítima, a reparação do dano causado e comprometimento na melhoria do comportamento.

É extremamente relevante que o bullying seja um elemento comum nas reuniões pedagógicas e nas partilhas entre os professores. Entretanto, no estudo de Pereira (2023), constatou-se, conforme o público consultado, que apenas alguns docentes consideraram comum o debate sobre os casos identificados no cotidiano escolar. Nesse sentido, a luta contra a violência, desde o sentido lato até o sentido restrito ao espaço escolar, perpassa na formação cultural dos professores que, há algumas décadas, consideravam a violência como algo comum e, em alguns casos, necessária e emancipadora.

Os professores e todos os agentes que compõem o universo escolar necessitam, cotidianamente e na atualidade, de novos trabalhos interventivos (oficinas pedagógicas/gincanas/dinâmicas de grupos/aulas interdisciplinares; educação física; biologia; química), com a finalidade de atrelar as discussões dos temas transversais – diferenças, violência, uso de drogas – às disciplinas inseridas na escola e, por conseguinte, fortalecer o vínculo entre docentes-alunos, alunos-alunos e demais profissionais inseridos na escola (Freitas, 2021).

Pereira (2023) afirma que o professor com maior preparo psicológico, emocional e técnico sobre o tema poderá intervir nas situações de *bullying* de forma mais pontual e assertiva. Com suas atitudes mais empáticas, estabelecendo uma relação dialógica e responsiva com seus alunos em situações conflitivas, conhecendo seus limites e trabalhando o autocontrole emocional com técnicas que favoreçam seu equilíbrio, será um modelo positivo. Dessa forma, a relação em sala de aula tenderá a ser mais harmoniosa entre todos e poderá refletir na prevenção do bullying escolar e na promoção de um clima escolar positivo.

Silva (2015a) mostram que é possível o considerar positivo, em ambientes onde os alunos são incentivados a resolverem seus problemas por meio do diálogo, e em que o professor acredita na capacidade de aprendizado de seus alunos, estando dispostos a ajudar sempre que necessário. Um clima escolar positivo está diretamente ligado à existência de relacionamentos saudáveis e produtivos, além de exercer grande influência sobre a motivação para aprender, contribuir para o desenvolvimento social e emocional dos estudantes e para o bem-estar dos professores.

Ademais, pesquisas indicam que poucos alvos relatam as agressões sofridas à algum adulto na escola, tanto pelo medo de que o *bullying* piore, quanto pela falta de confiança nas figuras de autoridade das instituições educativas (Weber, 2021). Logo, considera-se

imprescindível que os educadores estejam aptos a fortalecer as relações de confiança, respeito mútuo e cooperatividade, além de buscarem formações contínuas para que se sintam capacitados para lidar com tais situações. Pois, se o educando não confia naquele que deveria ser um exemplo e referência, dificilmente conseguirá lidar sozinho com as situações conflituosas, permanecendo como alvo.

3. ESTRATÉGIAS DAS ESCOLAS NO COMBATE AO BULLYING

Até o presente momento dessa revisão, foi possível notar que com o avanço na produção científica específica, o conhecimento sobre o *bullying* foi aumentando e sofisticando-se. Com isso, novas práticas e posicionamentos em relação a ele têm surgido. Atualmente, por exemplo, considera-se que sempre existem três categorias de participantes envolvidas na sua prática: vítimas, agressores e observadores. Ele é, ainda, classificado como direto ou indireto. As manifestações diretas acontecem na presença da vítima e envolvem agressões físicas, verbais, roubos ou ataques a bens pessoais e outras humilhações. As manifestações indiretas, por sua vez, geralmente ocorrem quando a vítima está ausente e envolvem ações como fazer fofoca, espalhar boatos ou difamações.

A escola é um espaço sociocultural, em que é possível encontrar pessoas “diferentes” já que a formação cultural do Brasil se caracteriza pela miscigenação de etnias e culturas, pela contínua ocupação de regiões, pela diversidade de fisionomias e paisagens. Nessa perspectiva a abordagem sobre as diferenças no contexto escolar é de suma importância, desafiando a escola rever concepções e paradigmas e também criar espaços inclusivos, de modo a respeitar e valorizar a diversidade entre os alunos.

Dessa forma, o presente capítulo irá abordar sobre as estratégias que a escola deve ter ao se deparar com casos de *bullying*. Para isso, será investigado sobre quais os locais da escola que ocorrem os casos de violência pelo *bullying*, será discutido sobre a escola inclusiva e seu papel na prevenção do bullying, as medidas de curto e médio prazo e sobre os desafios que são enfrentados pela escola e pelos professores para enfrentar a realidade do *bullying* escolar.

3.1 Locais de ocorrência do *bullying* e a fiscalização dentro das escolas

Quanto aos locais de ocorrência do bullying, algumas pesquisas encontraram lugares e situações no ambiente escolar onde a ocorrência de bullying parece ser maior, especialmente nos recreios (Pereira, 2023). Olweus (1993) também considera o recreio um ambiente crítico, sobretudo quando é mal supervisionado. A sala de aula também tem sido apontada, em algumas pesquisas brasileiras, como um ambiente com elevada frequência de práticas de *bullying*.

Alguns estudos, como o de Harth (2022) destacam que geralmente os comportamentos de *bullying* acontecem com recorrência no pátio da escola, devido, este ser

um espaço sem a vigilância e supervisão direta de um adulto. No entanto, destaca o mesmo autor, que o *bullying* também pode acontecer na sala de aula com ou sem a presença do professor.

Embora haja evidências de que, em outras realidades socioculturais, o *bullying* tende a acontecer em locais com muita concentração de alunos e pouca supervisão de adultos, como nos pátios (Olweus, 1993), no Brasil, estudos sinalizam ser a sala de aula o local de maior ocorrência (Ferreira, 2023). Desse modo, na realidade nacional, ratifica-se a importância da figura do professor diante da problemática, uma vez que seu comportamento influencia os acontecimentos.

Os alunos aguardam sua intervenção nas agressões ocorridas na classe, o que nem sempre acontece, seja porque alguns atos de violência presentes nas interações, dentro da sala de aula, escapam à percepção dos professores, principalmente os mais sutis, seja porque, mesmo percebendo, estes decidem não tomar as providências necessárias. Quando isso acontece, os agressores não são responsabilizados pelos atos que praticam, o que acaba reforçando seus comportamentos e aumentando os índices de intimidação, de forma cíclica (Harth, 2022).

Pereira (2023), descreve estudos realizados no Reino Unido, Espanha, Portugal e Itália, quanto aos locais onde as agressões e insultos acontecem, os estudiosos do fenômeno comprovaram que o recreio e a sala de aula, são mais mencionados. Percebe-se também que os rapazes se envolvem em mais casos de agressão, tanto no papel de vítima como de agressor, sendo a violência verbal (indireta) mais citada do que a física (direta).

Outros estudos se destacam na literatura, como o de Fante (2008) que efetuou vários estudos sobre os locais de ocorrência do *bullying* em diferentes escolas do Brasil, para tanto, destacam-se três deles. Um deles teve a participação de 430 alunos do Ensino Fundamental e Médio da cidade de Barretos, São Paulo, nele comprovou-se que a sala de aula é o local de maior ocorrência de eventos de *bullying*, em seguida os corredores. No segundo, onde participaram 431 alunos de 7 a 16 anos, de dois municípios do interior paulista, constatou que o local de maior incidência dos eventos é a sala de aula seguida do exterior da escola e pátio do recreio. No terceiro estudo, a autora realizou pesquisa com 450 alunos de uma escola municipal da cidade de São José do Rio Preto, São Paulo e os resultados sobre o local de ocorrência foram: 52% na sala de aula; 23% no recreio; 14% nos corredores; 11% fora da escola; 5% nos banheiros e 11% em outros locais da escola.

Outro estudo realizado por Silva (2015b) sobre os locais de ocorrência do bullying, apontou que 49% (34) dos integrantes da pesquisa afirmaram que os episódios de bullying

ocorreram na sala de aula; 7% (5) apontou que os casos aconteceram no recreio; 1% (1) no caminho para escola ou para casa; 1% (1) na entrada e/ou saída da escola e 1% (1) das respostas referem-se a eventos que os participantes apontaram ocorrer na sala de aula e também no recreio, como é possível observar na Figura 1.

Figura 1 – Locais de ocorrência do bullying.



Fonte: Silva, 2015b.

Percebeu-se nesse estudo que um número considerável de alunos que não respondeu onde ocorreram os episódios de bullying, sendo 33% (23) sem resposta. Outro dado interessante, é que 6% (4) respondeu que os eventos aconteceram em todos os locais, não sendo possível destacar o mais prevalente entre caminho para escola ou para casa, sala de aula, recreio ou entrada e/ou saída da escola.

3.2 Inclusão e escola inclusiva na prevenção do bullying

A educação inclusiva refere-se a uma modalidade de ensino na qual o processo educativo precisa ser classificado como um processo social em que todas as pessoas, têm o direito à escolarização. Nesse sentido, é uma educação totalmente voltada para a formação completa e livre de preconceitos, uma educação que reconhece e dá valor as diferenças. Mas, para que ela aconteça, é fundamental a criação de redes de apoio aos educadores (Ferreira, 2023).

Conforme Cunha (2015), a educação inclusiva tem como propósito básico o reconhecimento do direito de todos a uma educação igualitária, justa e que cumpra com as necessidades educacionais especiais de cada pessoa, levando-os ao desenvolvimento acadêmico e emancipação social.

Khater e Sousa (2018, p. 21) afirmam que a educação inclusiva indica para uma possibilidade legal de educação para todas as pessoas, ou seja, uma educação que busca reverter o percurso da exclusão, ao criar espaços, estruturas e condições para uma diversidade de educandos. Nesse sentido, busca-se o ideal de uma escola inclusiva, aquela que possa transformar não apenas a estrutura física da escola, mas modificar os aspectos subjetivos como as atitudes e a mentalidade dos docentes e de todos os presentes na comunidade escolar, para aprender a lidar com as diferenças.

A escola inclusiva é uma escola comum ou regular que independentemente das diferenças, consegue acolher todos os tipos de alunos. Nela, são desenvolvidas situações que favorece e respeita os diferentes estilos e ritmos de aprendizagem dos alunos. Tendo em vista a importância da inclusão, Mantoan (2003, p. 33) diz que: “incluir é não deixar ninguém de fora da escola comum, ou seja, ensinar a todas as crianças indistintamente”.

A escola contemporânea foi projetada para atender a apenas um determinado perfil de aluno, no entanto, com o passar do tempo a demanda modificou, pois se tem nas escolas estudantes bastante diversificados. Essa demanda exige da escola uma reformulação e inovação em todo o seu sistema, com estratégias de ensino que possa possibilitar atender a todos os indivíduos (Neto, *et. al.*, 2018, p. 2).

Dessa forma, a escola inclusiva deve oferecer serviços adequados para atender a diversidade da população, inclusive alunos que sofrem com *bullying* e violência. A escola inclusiva possui a característica de ajudar os alunos que sozinhos não conseguem solucionar problemas por conta das suas limitações, ajudando-os a superar seus limites. Faz-se então necessário um esforço contínuo, com o intuito de colaborar com o outro, desse modo, não havendo outra utilidade, adaptar as escolas e as turmas para incluir todos significa dizer, implicitamente, que a escola pertence a todos.

Segundo a declaração das Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no artigo 59, diz que:

Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais: currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específica para atender suas necessidades. Terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para conclusão do ensino fundamental em virtude de suas

deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados (Brasil, 1996, p. 150).

Logo, é papel da escola organizar-se para atender todos os estudantes e quando necessário oferecer uma terminalidade. Todos os alunos precisam ter direitos iguais, independente das características, interesses e necessidades individuais. Assim, Neto et al. (2018, p. 15) enfatiza que: “As práticas pedagógicas em uma escola inclusiva precisam refletir uma abordagem mais diversificada, flexível e colaborativa do que em uma escola tradicional”.

De acordo com Ferreira (2023), na escola inclusiva, todas as propostas que orientarão as atividades escolares e as metas dos educadores no que tange à inclusão estão registradas em seu Projeto Político Pedagógico (PPP). Neste projeto, ficam estabelecidas quais redes de apoio serão fundamentais para o auxílio aos alunos com deficiência. No entanto, segundo Gonçalves (2018), muitas escolas ainda apresentam um forte agravante no trabalho com a inclusão que é a inexistência do Projeto Político Pedagógico ou ainda o seu engavetamento.

A escola pode ser considerada um ambiente diversificado, multicultural, que contempla um público com ideologias, objetivos e necessidades distintas. Enfim, essa se trata de uma característica própria, que engloba pessoas com múltiplos aspectos, sejam eles sociais, políticos, religiosos, entre vários outros. Assim, entende-se que a escola é responsável pela transformação do indivíduo, o que corresponde a um conjunto de alterações comportamentais que se tem por aprendizagem.

Ainda há profissionais que acreditam que a presença dos alunos com deficiência quebrará a rotina da escola. Por isso, temos que pensar em uma inclusão que afaste o pensamento de fracasso, assumindo posturas de novos ensinamentos e novas aprendizagens. Isso consiste em uma renovação da escola (Cunha, 2015, p. 71).

Dessa forma, a escola como instituição de socialização tem a responsabilidade de incluir em todos os processos de ensino e aprendizagem, todas as pessoas que apresentam algum tipo de necessidade especial. E assim, a escola precisa estar preparada para exercer esse papel com responsabilidade.

De acordo com Neto *et. al.* (2018), não se pode falar apenas em inclusão escolar de forma passional, mas deve-se promover o debate de acordo com a visão de quem faz a escola, sejam os diretores, professores, coordenadores, entre outros. Pois, não basta apenas que o aluno seja matriculado em uma turma de ensino regular, é de muita importância que se tenha uma equipe preparada para que a inclusão se efetive. Conforme Cunha (2015, p. 69), “incluir é muito mais que inserir. Além de tudo, é preciso dar condições de permanência e

possibilidade de desenvolvimento da aprendizagem, maximizando, assim, suas potencialidades.”

A escola precisará fornecer ao aluno, recursos diferenciados, essenciais e indispensáveis ao seu aprendizado, como por exemplo, adaptações físicas do ambiente escolar, professores especialistas ou aceleração de conteúdo. Uma escola inclusiva tem suas vantagens. É igualitária, respeita e é promovida com valor para a sociedade, com resultados visíveis da paz social e da cooperação. Dessa forma, é necessário reavaliar a forma como se opera nas escolas, para proporcionar aos alunos as oportunidades e as habilidades para participar da nova sociedade, portanto a segregação não pode ser justificada, a escola inclusiva ela é difusa da igualdade como valor universal.

Neto *et. al.* (2018) enfatiza que a escola atual tem uma demanda extremamente diversificada de estudantes, no entanto, a inclusão de alunos com sofrem com alguma situação nos dias de hoje ainda é considerada um grande desafio. Pois infelizmente, ainda se vê muitas escolas com uma prática excludente, cometendo os mesmos equívocos de segregação de séculos passados. Inclusive, o discurso hoje é que os professores não estão preparados para receber alguns tipos de alunos e a escola não dispõe de infraestrutura adequada e não possui recursos didático-pedagógicos para atender esse público, mesmo sendo um direito estabelecido por lei.

Quando se pensa na construção de uma escola inclusiva, identifica-se que as instituições de ensino precisam assegurar o acesso ao conhecimento, em outras palavras, deve-se pensar em estratégias, ações, projetos e espaços para propor para cada um dos estudantes a oportunidade de aprender. Nesse sentido, Mantoan (2003, p. 120) explica que:

[..] a inclusão é um excelente motivo para que a escola se modernize e os professores aperfeiçoem suas práticas e, assim sendo, a inclusão escolar de todas as pessoas deficientes torna-se uma consequência natural de todo um esforço de atualização e de reestruturação das condições atuais do ensino básico.

Outrossim, sabe-se que não é fácil e imediata a adoção de novas práticas, pois elas dependem de mudanças que vão além da escola e da sala de aula. Para que a escola inclusiva possa se concretizar, é real a necessidade de atualização e criação de novos conceitos, assim como a redefinição e a aplicação de alternativas e práticas pedagógicas e educacionais que sejam compatíveis com a inclusão. Todavia, segundo Cunha (2015, p. 71), vivemos em um momento em que o mundo prega o respeito à diversidade, e que esta seja identificada como um processo natural, pois “defender a inclusão escolar é essencial para que seja dada a

oportunidade a todos os alunos de estarem na escola e, juntos, aprenderem o respeito às diferenças”.

3.3 Medidas de curto e médio prazo para prevenir o bullying

Delgado (2014, p. 32) salienta que não há como a instituição escolar se escusar da responsabilidade de proteger os alunos de situações de *bullying*: [...] a escola tem a responsabilidade de proteger seus alunos de ações violentas desde as violências verbais até as físicas; comunicando-as aos órgãos competentes à proteção integral de crianças e adolescentes, pois as crianças não podem mais ser tratadas como propriedade de suas famílias, mas sim como sujeitos de direitos e deveres. Dessa forma, a ausência de protocolos de ação diante dos flagrantes de violência torna-se, todavia, uma omissão institucional.

Os resultados negativos da perpetração e vitimização do bullying escolar estão bem documentados na literatura de investigação. Estes resultados destacam a necessidade de programas eficazes e de longo prazo, para intervenção e prevenção, visando reduzir o bullying escolar entre crianças e adolescentes em todo o mundo.

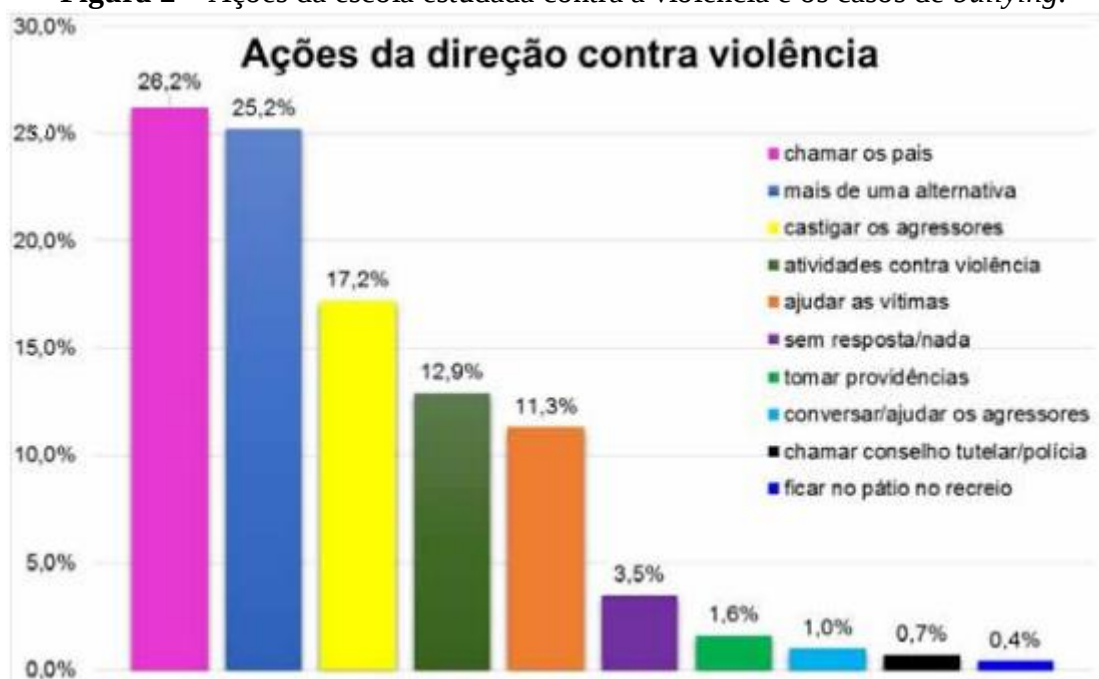
Outrossim, é imprescindível o envolvimento de toda a comunidade escolar para sua prevenção e enfrentamento, no sentido de conscientizar sobre a dimensão das consequências. Para assegurar a efetivação das ações nas escolas é primordial envolver os diversos segmentos sociais e profissionais da sociedade para dar visibilidade para a problemática do *bullying* nas escolas e auxiliar na construção de políticas públicas em nível federal, estadual e municipal. Para tanto, é preciso investir recursos financeiros para as formações dos professores e priorizar esforços em pesquisas e práticas que possam subsidiar ações para o bem-estar de toda a comunidade escolar, a partir da prevenção e enfrentamento ao *bullying* (Pereira, 2023).

Um estudo realizado por Silva (2015a) investigou como a escola poderia fazer para diminuir a violência e os casos de *bullying*. A maioria das sugestões referiu-se a ações punitivas, conforme informações da Figura 2. Foram sugeridas quatro opções as quais foram mais pontuadas foi chamar os pais dos alunos agressivos; outra proposta foi castigar os agressores, neste item foram somadas as respostas que remetiam a suspensão ou expulsão da escola; foi proposto também atividades contra violência e ajudar às vítimas. Muitos alunos assinalaram que deveriam ter mais de uma alternativa. No campo outras, os alunos preencheram ações curiosas, tais como: tomar providências; conversar ou ajudar os

agressores; chamar a polícia ou o Conselho Tutelar; e que a direção da escola deveria ficar no pátio durante o recreio.

Para tentar reduzir a ocorrência dos conflitos entre os estudantes, é preciso que o professor encontre meios de abordar as diversidades de maneira positiva, levando os alunos à reflexão e à percepção da igualdade de direitos e obrigações. É relevante construir uma sala de aula que seja repleta de relações saudáveis e que forneçam modelos de comportamento positivos através das práticas assertivas que inspiram os alunos a se tornarem bons cidadãos, conhecedores dos seus direitos e, principalmente, cumpridores de seus deveres no convívio social, atentando-se, assim, para o aspecto humano além do currículo (Pereira, 2023).

Figura 2 – Ações da escola estudada contra a violência e os casos de *bullying*.



Fonte: Silva, (2015).

No que tange a comunidade escolar, Freitas (2021) e Pereira (2023) concordam que é necessário construir uma cultura de respeito e aceitação por meio da educação e conscientização sobre o *bullying*. No que se refere à educação emocional, basta desenvolver habilidades socioemocionais nos estudantes para ajudá-los a enfrentar conflitos e construir relacionamentos saudáveis. No que concerne às campanhas de conscientização, é preciso criar campanhas educativas para conscientizar a comunidade escolar sobre o impacto do bullying e formas de prevenção.

Babarro (2022) reforça a perspectiva de que as oficinas pedagógicas de formação dos professores desenvolvem competências sociais e pode ser uma medida de curto prazo para prevenção *bullying*. Ou seja, têm o objetivo de auxiliar o professor a formar cidadãos críticos, colaborativos, a construir com seus alunos habilidades não violentas para a resolução de conflitos. Parece consenso também entre outros autores como Freitas (2021) que as ações sejam elaboradas de maneira que atinjam não somente os alunos, mas toda a comunidade escolar.

Alguns autores, como Pereira (2023) e Hearth (2022), quanto ao desenvolvimento de políticas, os autores acreditam que criar políticas escolares claras e abrangentes que proíbam o bullying e estabeleçam diretrizes para a sua prevenção e intervenção. No que diz respeito à divulgação das políticas, certificar-se de que todas as partes interessadas, incluindo alunos, pais e funcionários, estejam cientes das políticas antibullying da escola.

A prevenção do bullying é um esforço coletivo que requer a colaboração de alunos, pais, educadores e administradores escolares. Ao adotar essas estratégias de prevenção e criar um ambiente escolar seguro e acolhedor, é possível reduzir significativamente a ocorrência do bullying e promover uma cultura de respeito e empatia dentro da escola.

Nesse sentido, percebe-se que a escola desempenha um papel fundamental na prevenção do bullying. Algumas medidas eficazes incluem: implementar políticas de tolerância zero, capacitar a equipe escolar para lidar com o bullying, promover a inclusão e o respeito mútuo, e criar um sistema de apoio para as vítimas.

Discriminação, rótulos, preconceitos, infelizmente são inevitáveis, desde muito cedo, as crianças entram em contato com esses discursos negativos. Para que eles consigam conviver com as diferenças com sensibilidade e equilíbrio, é necessário que tenham conhecimento com a diversidade e não apenas em projetos com duração definida ou em datas comemorativas, como ainda é habitual em vários lugares (Man, et al. 2022).

Pereira et al. (2023, p. 10) propõe algumas medidas a curto e médio prazo para combater ao bullying:

Tratar desta questão o mais cedo possível junto ao contexto educacional e comunitário, uma vez que devemos falar em prevenção de bullying desde o jardim-de-infância; - projeto educativo e regulamento disciplinar; sensibilização e formação dos docentes, funcionários, pais ou encarregados de educação; - melhoramento dos recreios; oferta de desporto escolar e outras atividades de ocupação de tempos livre; oferta de atividades nas paragens letivas; - sensibilização/formação de médicos pediatras, enfermeiros, psicólogos e outros profissionais identificados como

fundamentais para um trabalho interdisciplinar e intersetorial; formação de docentes, auxiliares de ação educativa e pais; sensibilização dos alunos para este problema e criação de um clima não favorável à ocorrência destas situações.

No que tange as medidas a longo prazo assentam na formação inicial dos futuros profissionais: educadores de infância, professores do 1º, 2º e 3º ciclos e ensino secundário, profissionais da saúde, assistência social, segurança pública, judiciário. Parece existir alguma dificuldade dos profissionais das diversas áreas em lidar com os comportamentos de indisciplina e violência dos alunos, por esta ser uma lacuna na sua formação inicial (Pereira, 2023).

Para Noronha e Pinto (2012, p. 15), um ensino para todos os alunos precisa que se destacar pela sua qualidade. Sendo assim, o desafio de fazê-lo acontecer nas salas de aulas é uma tarefa que precisa ser assumida por todos os que compõem um sistema educacional. Praticar a inclusão e promover um ensino de qualidade provém de iniciativas que envolvem pais, alunos, gestores, professores, especialistas e outros profissionais que fazem parte de uma rede educacional em torno de uma proposta que é comum a todas as escolas e que, ao mesmo tempo, é construída por cada uma delas, segundo as suas peculiaridades.

No estudo de Barbosa et al. (2017) indica-se criar nas escolas um maior subsídio para uma intervenção mais eficaz contra o bullying, englobando, por exemplo, a enfermagem e a psicologia nas escolas brasileiras. O apoio multiprofissional auxilia na prevenção de agravos e promoção da saúde dos jovens. A identificação do problema, intervenção poderão acontecer de forma precoce, de maneira que as possíveis consequências pós-traumáticas futuras possam ser minimizadas.

Outra orientação importante é que o assunto não seja tratado como um conteúdo exclusivo. É importante levantar o tema de jeito natural, inserindo-o em práticas diárias, como brincadeira roda de conversas, leituras, ou seja, é, transformar esse conteúdo em convívio com a realidade todo dia o ambiente escolar é espaço para trabalhar as diferenças. A escola possui um papel fundamental e social no sentido de superar toda forma de preconceito e exclusão, até mesmo por que isso gera uma questão de indisciplina e má conduta dentro da escola (Pereira, 2023).

O estudo de Mendes (2011) avaliou positivamente o impacto de um programa de intervenção voltado para a formação de docentes e pais e para o treino de competências sociais de estudantes (vítimas e agressores) em uma escola pública portuguesa. O programa foi aplicado a todos os estudantes de 5º e 6º anos da escola e contou com as seguintes estratégias básicas:

1) Mapeamento do problema na unidade escolar, conscientização da escola e inclusão do programa no Projeto Pedagógico Escolar; 2) Formação dos professores da disciplina de Educação Cívica para trabalho em sala de aula com as turmas, visando à promoção de competências sociais (autocontrole e assertividade) e a redução/prevenção da violência escolar; 3) Reuniões dirigidas aos pais; 4) Aplicação do programa em sala de aula (intervenção com as turmas); 5) Intervenção com agressores e vítimas (realizadas pela psicóloga escolar). É importante considerar que o desenvolvimento de habilidades sociais como a empatia também deve ser considerado como possível estratégia de controle do comportamento agressivo dos alunos (Del Prette, 2005, p. 22).

No Brasil, programas relatados na literatura como o “Educar para a Paz” (Fante, 2008) também têm sido aplicados com bons resultados. Em linhas gerais, esse programa propõe as seguintes etapas, a serem adaptadas em função das peculiaridades de cada escola: Etapa A - Conhecimento da realidade escolar (inclui observações e aplicações de questionários, divulgação dos resultados e jornada sobre violência escolar); Etapa B - Modificação da realidade escolar, através de estratégias gerais, individuais, de sala de aula e familiares. A principal diferença com relação à estrutura geral do programa de combate ao bullying proposto por Olweus (1993) diz respeito ao programa brasileiro atribuir maior protagonismo e participação aos alunos na supervisão do problema, além de propor um serviço de denúncia escolar.

Segundo Santos et al. (2016b), apesar da implantação de diferentes projetos e programas sobre esta temática no Brasil, muito pouco se tem registrado a respeito do que pensam as pessoas que vivem na prática esses processos, pois essa visão contribuiria para a ampliação do número de classes de aceleração em todo o país, especialmente para os estudantes que sofrem com bullying escolar.

Por fim, destaca-se que a maioria das ações preventivas contra o bullying deve ser iniciada em casa antes que a criança ingresse na escola. Os pais têm a importante tarefa de preparar seus filhos para se encaixarem no mundo social fora da família. No momento em que as crianças começam a escola, elas deveriam ter sido ensinadas a ter um nível razoável de controle da agressividade. As crianças variam muito na facilidade com que aprendem a ser socialmente competentes, mas, por mais lentas que sejam, o processo é o mesmo. Os adultos que cuidam de crianças devem: dar exemplo de bons relacionamentos; ter um bom controle de agressividade; ensinar a criança que a agressão violenta é inaceitável; pare qualquer demonstração de agressão inaceitável imediatamente; identificar e nomear os

efeitos adversos da agressão inaceitável; descrever como a vítima de agressão se sente e ensine o cuidado e as relações empáticas.

Outros estudiosos concordam com essa afirmação, pois na convivência familiar, os filhos aprendem costumes e hábitos que vão perdurar pela vida toda. A família é o principal agente da socialização e reproduz padrões culturais no indivíduo. Ela inculca modos de pensar e atuar que se transformam em hábitos (Vygostki, 2010). Por família se entendem também um grupo de pessoas que compartilham circunstâncias históricas, culturais, sociais, econômicas e, em especial, afetivas.

Segundo Piaget (2003), a primeira vivência do ser humano acontece em família, involuntariamente de sua vontade ou da composição desta. É a família que lhe dá nome e sobrenome, que produz sua estratificação social, que lhe confere o biotipo específico de sua raça, e que o faz sentir, ou não, membro aceito pela mesma. Portanto, a família é o primeiro lugar para a constituição psíquica, moral, social e espiritual da criança. Sabe-se que uma família bem estruturada tem como base o apego e as interações afetivas entre um ou mais indivíduos.

Para Piaget (2003), é importante estabelecer limites às crianças para que consigam obter um desenvolvimento sadio e equilibrado, outro ponto levantado por ele é a questão de mostrar que existem regras para tudo na sociedade, e que as mesmas devem ser seguidas, inclusive as regras de dentro de casa. Sem sombras de dúvidas, a família é uma instituição importantíssima para a formação de todo e qualquer indivíduo por ser a partir dela que acontecem os primeiros contatos sociais que este indivíduo ainda criança vem a ter. Deste modo, pode-se considerar a família como o berço das relações sociais humanas.

3.4 Desafios para conter o bullying nas escolas

Desafios para conter o bullying nas escolas existem, porém, diferente do que ocorria há décadas, temos, atualmente, uma legislação antibullying, que é referência mundial. Conforme Pereira (2023), as instituições de ensino são obrigadas a conceber projetos educacionais que tenham o objetivo de combater o comportamento bulinizador. Porém, conforme já foi dito, havia uma tradição de negligência por parte das escolas e, como consequência, vivemos por muito tempo uma cultura de violência, assédio e agressão. Por conseguinte, por uma questão cultural, ainda temos, enquanto sociedade, boas décadas pela frente para trocarmos a cultura da violência por uma cultura de inclusão e respeito.

Camargo (2021) enfatiza que o maior problema para os docentes está em encontrar estratégias de ensino diversificado que ultrapasse programas e conteúdos um trabalho contínuo e que faça sentido a todos aqueles que fazem parte do cotidiano escolar. O grande desafio que se coloca é a necessidade de entender a relação entre a cultura e a educação. De um lado está a educação e do outro a ideia de cultura como lugar ou fonte, de que se nutre o processo educacional, onde se formam pessoas e consciências.

Uma área de debate para esse assunto é até que ponto as políticas e esforços antibullying nas escolas devem ter como alvo o bullying diretamente ou focar de forma mais geral na melhoria das relações dentro da escola. Trabalhos recentes na Noruega e na Espanha seguiram a última abordagem. Um estudo na Noruega descobriu que a qualidade da gestão da sala de aula (ou seja, as relações professor-aluno) e a estrutura social da turma (ou seja, as relações aluno-aluno) previam substancialmente as taxas de vitimização relatadas (Man, et al., 2022).

Qualquer ambiente precisa ser preservado por regras e regimes que buscam colocar ordem e regulamentar o comportamento e a convivência daqueles que estão inseridos no meio, assim quando se descumpri tais regras, indo contra as condutas pregadas no espaço, desobediência, confusão e insubordinação é considerado indisciplina ou atitudes indisciplinares, esses se constituem como os maiores desafios das escolas contra casos de bullying (Babarro, 2022).

Neto et al. (2018) enfatiza que diante disso é possível constatar que a escola tem um papel importante na formação de seu educando, onde busca atender a heterogeneidade dos alunos com os quais depara. Uma escola aberta a diversidade deve dar respostas concretas todos os alunos que a compõem, rompendo com modelos rígidos e fechados dirigidos somente a alguns, ainda deve sobretudo adaptar-se à criança, visto que, a escola deve ter uma atitude aberta a mudanças, e tem que inovar face as mudanças ocorridas, baseada numa reflexão crítica, como forma de descobrir novos caminhos que melhorem a qualidade de ensino, buscando soluções mais adequadas a situações recentes.

A indisciplina infantil é considerada um dos maiores desafios dentro da escola, que englobam família, aluno e professores. Além de dificultar o processo de aprendizagem, tal comportamento afeta a construção do lado social do aluno. Lidar com a indisciplina pode ser desafiador, porém não deve ser visto como impossível (Man, 2022).

Quando se menciona aspectos que influenciam de forma direta ou indireta o comportamento dos alunos, se leva em conta a realidade do ambiente escolar, o ambiente familiar, a forma como os alunos lidam ao seu meio social e as suas emoções e ainda o

contexto social que estão inseridas. Dentro do contexto escolar, quando o aluno passa a ter uma falta de interesse nas aulas, é considerada uma das principais dificuldades perante o processo de ensino-aprendizagem, porém muitos alunos comparecem as aulas (principalmente ensino médio) por obrigação. Assim, pode gerar uma ansiedade, tédio capaz de desviar facilmente o foco dos estudos.

O comportamento dos alunos sempre será um desafio para os professores, e estes comportamentos podem ser ocasionados por vários fatores, porém antes de um julgamento deve ser considerado efetuar uma avaliação de todo o contexto de desenvolvimento cognitivo e emocional deste aluno que apresenta a conduta imprópria e práticas de *bullying*. Assim, torna-se possível uma melhor compreensão de todos os fatos e comportamento desta criança, para qual se comporte desta forma, onde além de exercer uma escuta ativa promove as medidas de ações personalizadas e de modo individual para cada caso, sem deixar de estabelecer limites a este (Hearth, 2022).

Man et al. (2022) aborda que a falta de medidas preventivas ou até de conscientização em casos de coesão, *bullying* e violência podem nutrir sentimento de injustiça e abandono por parte da criança e do jovem que são alvos de ações dessa forma. Assim, aqueles que praticam esses atos podem ser repetitivos, gerando uma violência continua e generalizada através de um círculo vicioso de indisciplina e hostilidade.

Atividades como conscientização e afetividade, são consideradas caminhos acessíveis para resolver tais conflitos como senso de cooperação e igualdade, atividades engajadas com a família podem fortalecer a segurança e o convívio harmonioso em sala de aula. Vale ressaltar a importância do professor e da escola perante o olhar e ao zelo para os alunos que apresentam um perfil mais agressivo, distraído e desafiador, visto que tais problemas podem estar relacionados as questões pessoais, familiares e emocionais, no qual este aluno pode estar tendo dificuldades de pedir por ajuda (Freire, 2005 *apud* Pereira, 2023).

Diniz (2020) enfatiza sobre o *bullying* na escola como um grande desafio a ser enfrentado, pois muitos alunos sofrem com isso, sendo uma realidade que faz parte dos desafios da inclusão escolar no cotidiano da escola regular. O *bullying* acontece em grande parte pelo desconhecimento das especificidades e da falta de convívio entre grupos distintos, uma vez que, a pouca visibilidade dada as pessoas especiais no Brasil, fomenta práticas preconceituosas. Nesse âmbito, Figueiredo (2002, p. 68), alega que para efetivar a inclusão, é preciso (...) modificar pensamentos e transformar a escola, começando por desconstruir práticas segregacionistas é necessário, pois a inclusão significa um avanço educacional com

importantes repercussões políticas e sociais, e não se trata apenas de adequar, mas de transformar a realidade das práticas educacionais.

Percebe-se então que, um ensino para todos os alunos precisa que se destacar pela sua qualidade. Sendo assim, o desafio de fazê-lo acontecer nas salas de aulas é uma tarefa que precisa ser assumida por todos os que compõem um sistema educacional. Praticar a inclusão e promover um ensino de qualidade provém de iniciativas que envolvem pais, alunos, gestores, professores, especialistas e outros profissionais que fazem parte de uma rede educacional em torno de uma proposta que é comum a todas as escolas e que, ao mesmo tempo, é construída por cada uma delas, segundo as suas peculiaridades.

Segundo Pereira (2012), apesar da implantação de diferentes projetos e programas sobre esta temática no Brasil, muito pouco se tem registrado a respeito do que pensam as pessoas que vivem na prática esses processos, pois essa visão contribuiria para a ampliação do número de classes de aceleração em todo o país, especialmente para os estudantes que possui “dificuldades de aprendizagem” devido às situações de *bullying*.

Por meio da análise dos estudos deste capítulo, é possível perceber que apesar de ser grande a possibilidade de inclusão na educação para prevenir casos de *bullying*, ainda há um longo trajeto a percorrer para que esta inclusão seja plena. Sobre os desafios a serem enfrentados destacaram-se a necessidade de fortalecer a formação de professores e criar uma rede de apoio entre alunos, docentes e família, pois esse é um dos muitos passos que precisam ser implementados para o bom desenvolvimento da educação especial na perspectiva da educação inclusiva. Também se destacou a necessidade de adaptação das escolas.

Dessa forma, uma escola inclusiva é mais do que necessária, é fundamental para permitir que absolutamente todos tenham total acesso a uma formação escolar de qualidade. Os desafios para que isso ocorra são grandes, mas as iniciativas e a dedicação dos professores podem fazer com que ela aconteça.

4. CONSEQUÊNCIAS DO BULLYING ESCOLAR

Até aqui ficou evidente que o bullying é um problema não só da escola, mas de toda a sociedade devido às graves repercussões psicológicas e emocionais que podem causar aos envolvidos ao longo de suas vidas. O comportamento de bullying é um problema sério entre crianças e adolescentes em idade escolar; tem efeitos de curto e longo prazo sobre o indivíduo que é intimidado, o indivíduo que intimida, o indivíduo que é intimidado e intimida outros, e o espectador presente durante o evento de bullying.

Nesse sentido, neste capítulo, será apresentado as consequências do comportamento de bullying para as crianças. Tal como referido no Capítulo 1, o bullying pode ser direto ou indireto, e as crianças e os jovens podem sofrer diferentes tipos de bullying. Especificamente, será analisado na literatura as consequências para a saúde física, mentais e comportamentais. Também será analisado as consequências para o desempenho e aproveitamento acadêmico.

4.1 Consequências do bullying no desenvolvimento dos alunos

Silva (2019) destaca como consequência o medo persistente que segundo esse pesquisador bloqueia a agressividade e o bom funcionamento mental, além disso, compromete as funções de raciocínio-lógico, a abstração, causa perda do interesse por si mesmo e pelo aprendizado, compromete a autopercepção, concentração, autoestima e a capacidade de interiorização. Enquanto reações ao estresse persistem sensações corporais tais como: sudorese e dor de cabeça. Causa ainda, sensação de sufocação, cólicas, náuseas, vômitos, diarreia, ideias de vingança e facilita o desenvolvimento da ideia suicida.

A literatura apresenta diversas consequências resultantes das agressões vivenciadas, principalmente pelas vítimas, corroborando com Oliveira (2018, p. 311) no sentido que “a vítima o seu maior prejudicado, que muitas vezes além de todos os sofrimentos já passados, não consegue superá-los, carregam esses traumas por toda a vida, e muitas vezes preferem à morte”. É válido deixar claro que as consequências do bullying vão além do ambiente onde ocorrem as agressões.

O bullying também acarreta consequências graves na aprendizagem escolar e ao desenvolvimento da inteligência da vítima. Compromete a socialização, tanto na infância, quanto na vida adulta, repercutindo também no contexto profissional das vítimas, como também causa danos aos agressores, além de outras desordens psiquiátricas que podem

culminar no suicídio (Freire e Aires, 2012). Para as testemunhas, estão sujeitas aos mesmos problemas causados nas vítimas, e padrões de comportamento semelhantes aos dos agressores, pois se percebem como vulneráveis às situações sociais, reproduzem o mesmo comportamento, no intuito de se defender (Freire e Aires, 2012).

O estudo de Neto et al. (2018) concluiu que as experiências de bullying na infância estavam significativamente relacionadas com maiores taxas de abandono escolar e absentismo. O bullying também foi relacionado a uma diminuição na graduação escolar e a um menor desempenho acadêmico em geral, embora esta última relação não tenha sido estatisticamente significativa. Outra consequência das práticas de bullying é a Fobia Escolar, caracterizada por Silva (2015a, p. 26) como um “medo intenso de frequentar a escola, ocasionando repetências por faltas, problemas de aprendizagem e/ou evasão escolar”.

O *bullying* também tem como consequência a questão da evasão escolar, bem como para a desmotivação em relação aos estudos, levando essas pessoas a apresentarem dificuldades na aprendizagem, bem como formar uma geração de pessoas psicologicamente desestruturadas, que poderão adotar características antissociais. O mesmo autor afirma ainda que a pessoa que passa por esse tipo de violência viver constante em um estado de tensão e amedrontamento, bem como de estresse, o que de acordo com Silva (2015a) que pode surgir sem qualquer aviso prévio.

De maneira geral, os achados indicam que os agressores de ambos os sexos apresentam traços depressivos, estresse, solidão, baixa autoestima e, de maneira positiva, mais satisfação com a vida (Neto et al., 2018). Meninas e meninos estão predispostos a desenvolver depressão com os comportamentos de bullying, porém são elas que apresentavam maior chance de terem problemas emocionais como anedonia e baixa autoestima. Um estudo que contou com a participação de 456 adolescentes turcos revelou que o grupo de estudantes identificados como agressores também relatou diminuição do bem-estar subjetivo, maior emotividade e problemas comportamentais dentro e fora da escola (Akanni, et al., 2022).

Os sintomas internalizantes incluem problemas direcionados ao indivíduo, como depressão, ansiedade, medo e afastamento de contatos sociais. Os sintomas externalizantes refletem um comportamento que normalmente é direcionado para outras pessoas, como raiva, agressão e problemas de conduta, incluindo uma tendência a se envolver em comportamentos de risco e impulsivos, bem como em comportamentos criminosos. Os problemas de externalização também incluem o uso e abuso de substâncias.

Pessoas que sofrem *bullying* quando crianças, são muito mais propensas a sofrerem depressão e baixa autoestima quando adultos (Camargos, et al., 2021). Da mesma forma, quanto mais jovem for a vítima, maior será o risco de apresentar problemas associados a comportamentos antissociais quando adultos, estabilidade no trabalho e relacionamentos afetivos pouco duradouros.

As consequências do *bullying* são as mais variadas possíveis e dependem muito de cada indivíduo, da sua estrutura, de vivências, de predisposição genética, da forma e da intensidade das agressões. No entanto, todas as vítimas, sem exceção, sofrem com os ataques de bullying em maior ou menor proporção). Muitas levarão marcas profundas provenientes das agressões para a vida adulta, e necessitarão de apoio psiquiátrico e/ou psicológico para a superação do problema. Os problemas mais comuns são: desinteresse pela escola; problemas psicossomáticos; problemas comportamentais e psíquicos, como: transtorno do pânico, depressão, anorexia e bulimia, fobia escolar, fobia social, ansiedade generalizada, entre outros. O *bullying* também pode agravar problemas preexistentes, devido ao tempo prolongado de estresse a que a vítima é submetida. Em casos mais graves, podem-se observar quadros de esquizofrenia, homicídio e suicídio (Pereira, 2012, apud Camargos et al., 2021, p. 54).

Dados de pesquisas em psicopatologia do desenvolvimento indicam que eventos estressantes na vida podem levar ao aparecimento e manutenção de depressão, ansiedade e outros sintomas psiquiátricos e que, para muitos jovens, sofrer bullying é um grande fator de estresse na vida, e, especialmente para meninas, comportamento autolesivo (Weiz, 2021).

Os resultados de estudos transversais que relataram dados sobre indivíduos que intimidaram outros mostraram que estes indivíduos correm o risco de desenvolver problemas psicossomáticos (Hager, 2017). Gini e Pozzoli (2013) conduziram uma meta-análise para testar se as crianças envolvidas em comportamento de bullying em qualquer função correm risco de problemas psicossomáticos. Eles examinaram a associação entre envolvimento em bullying e queixas psicossomáticas em crianças e adolescentes com idades entre 7 e 16 anos. O resultado revelou que as crianças que praticam bullying tinham um risco mais elevado (OR = 1,65, IC 95% [1,34, 2,04]) de apresentar problemas psicossomáticos do que os seus pares não envolvidos.

Utilizando um estudo de coorte de base populacional, Hultin et al. (2021) examinaram se a perpetração de bullying e ser alvo de bullying na escola primária previam experiências psicóticas¹¹ na adolescência. Os autores avaliaram 4.720 indivíduos com

idades entre 8 e 11 anos que estiveram envolvidos em bullying como perpetradores ou alvos. Aos 18 anos, experiências psicóticas suspeitas ou definitivas foram avaliadas por meio de entrevistas semiestruturadas. Os pesquisadores descobriram que ambos os indivíduos que sofrem bullying e indivíduos que intimidaram outras pessoas tiveram uma maior prevalência de experiências psicóticas aos 18 anos. Os autores concluíram que o envolvimento em qualquer papel no bullying pode aumentar o risco de desenvolver experiências psicóticas na adolescência.

Evidências de alguns estudos longitudinais, como de Man et al. (2022), sobre as consequências do *bullying*, sugerem que sofrer bullying, especialmente na infância e adolescência, pode prejudicar gravemente o funcionamento físico, psicológico e social de uma pessoa, levando a comportamentos de risco, ansiedade, depressão, níveis mais baixos de desempenho acadêmico, ideação suicida, comportamento suicida e até mesmo a automutilação.

Apesar dos problemas crônicos levarem um tempo considerável para manifestação, suas consequências podem chegar ao desenvolvimento da depressão e baixa autoestima, problemas nos relacionamentos, que geralmente se constrói de maneira estável e de curta duração (Marques, et al., 2019). Também podem surgir sentimentos negativos, agressividade, sentimento de vingança, tendo como consequências problemas de cunho emocional e descontrole na personalidade do adolescente, fazendo com que os atos sejam reproduzidos mais tarde por essa vítima.

Pesquisas mostram que a frequência do bullying é um dos fatores que afetam a saúde mental dos adolescentes. Os adolescentes são mais propensos a sofrer de depressão mais grave quando são vítimas de bullying com mais frequência, e algumas vítimas de bullying podem até se tornar perpetradores de bullying, prejudicando colegas ou outras pessoas (González- Cabrera, et al., 2021).

Pereira (2012) em seu artigo, cita as principais doenças e transtornos decorrentes do sofrimento por *bullying* dentre elas estão: “Transtorno do pânico que é um medo intenso, sem motivo aparente, que aparece sem aviso prévio, provoca sintomas físicos; Depressão que afeta diretamente o humor, o paciente apresenta pensamentos e comportamentos negativos, vetando drasticamente a saúde do adolescente; Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG), sensação de medo e insegurança com intensidade, preocupação exagerada pela situações que não se podem controlar; Anorexia que é um transtorno alimentar que pode estar associado ao *bullying* e, atinge principalmente as mulheres, em geral adolescente ou jovens adultas; Bulimia também caracterizada por um

distúrbio alimentar, a bulimia se desenvolve pela ingestão exagerada e compulsiva de alimentos em especial de escolásticos, e posteriormente na tentativa de se livrar da culpa e eliminar os excessos consumidos, a pessoa bulímica provoca vômito várias vezes ao dia e abusa do uso de laxantes diuréticos, além de todas essas citadas a fobia social e a fobia escolar também podem aparecer, ambas relacionadas ao medo excessivo e está diretamente no convívio social”.

Em comparação com o bullying físico e a negligência, o *bullying* verbal teve o efeito negativo mais grave na saúde mental dos estudantes na maioria dos estudos analisados. O *bullying* verbal não só teve a maior prevalência entre as formas de *bullying*, mas também teve o efeito negativo mais grave na saúde mental dos adolescentes por duas razões principais: em primeiro lugar, o bullying verbal ocorreu com mais frequência e, de acordo com o estudo de Giumetti et al. (2021), a frequência do bullying afeta significativa e negativamente a saúde mental dos alunos, portanto, menor o nível de saúde mental quando os indivíduos sofriam zombarias frequentes ou xingamentos por parte dos colegas; em segundo lugar, do ponto de vista da teoria da identidade social, este tipo altamente discriminatório levou a resultados negativos para a saúde mental, especialmente para estudantes com identidade extremamente forte, e esta discriminação aumentou o seu sofrimento psicológico.

Os autores Fante e Pedra (2008, p. 87) salientam ainda que as vítimas tendem:

Tendem a apresentar dificuldades na vida sentimental, por não confiarem nos parceiros. No local de trabalho, podem apresentar dificuldade para se expressar, falar em público e liderar, déficit de concentração, insegurança, dificuldade de resolução de conflitos, de tomada de decisões e iniciativas. Quanto à educação dos filhos, projetam sobre eles seus medos, suas desconfianças e inseguranças, em muitos casos tornando-se pais superprotetores.

Além das causas já descritas, as vítimas sobrem de emoções que incitam aflição, angústia, tensão, vergonha e medo de ser agredidas a qualquer instante, isso porque ficam imaginando um novo ataque ou armando estratégias de defesa, fuga ou contra-ataque.

Um estudo realizado por Akanni et al. (2022) descobriu que os estudantes que praticam *bullying* apresentam maior risco de uso de álcool em comparação com aqueles sem experiência de *bullying*. Também foi relatado que adolescentes que sofreram *bullying* na infância, seja como vítimas ou como perpetradores, têm um risco aumentado de beber em comparação com aqueles que não sofreram bullying. O uso anormal de álcool possui a capacidade de diminuir as inibições, prejudicar o julgamento e aumentar a capacidade de

julgamento, risco de violência e comportamento agressivo, especialmente naqueles que são tímidos, mas possuem uma tendência agressiva. Além disso, a perpetração do bullying e o consumo de substâncias podem partilhar uma origem comum; por exemplo, algumas dimensões da personalidade, como a impulsividade, que não foram exploradas neste estudo, podem predispor tanto ao bullying quanto ao uso de substâncias.

Em resumo, vários estudos centraram-se nas consequências do bullying para os indivíduos que são vítimas de *bullying* e também relataram de forma mais ampla as consequências para os perpetradores de comportamento agressivo, mas as consequências do envolvimento em bullying para indivíduos que cometem comportamentos de bullying raramente foram estudadas até o momento. Ou seja, embora exista uma literatura rica sobre agressores e os resultados de ser agressivo, há poucos estudos que examinam especificamente a perpetração do *bullying*, tendo em conta o desequilíbrio de poder, a repetição e a intencionalidade que diferenciam a agressão do *bullying* de outras formas de agressão entre os estudantes.

4.2 Como identificar o aluno alvo do bullying

O aluno que sofre bullying carrega consigo uma dor causada pela violência física ou moral e, geralmente, apresenta dificuldades e baixo rendimento escolar, isolamento social, insegurança para realizar as tarefas propostas, desânimo e falta de interesse. Muitas vezes, ele não quer mais frequentar a escola e cria doenças imaginárias para faltar às aulas. Há uma série de relatos sobre as reações violentas de alunos que passaram por essa experiência negativa, então observar esses sinais é uma forma de identificar que o aluno esteja sofrendo *bullying* na escola (Pereira, 2023).

A construção de conhecimentos deve acontecer em sala de aula, ambiente destinado à aprendizagem por meio da interação social. Nesse espaço, algumas atitudes são consideradas brincadeiras, mas, se houver a intenção de magoar ou ferir física e/ou psicologicamente qualquer aluno, elas devem ser reconhecidas pelo professor como prática de bullying. Cabe ao professor, então, estar sempre atento às situações citadas, pois, segundo Fante (2008, p. 16):

Na maioria das vezes as vítimas sofrem caladas por vergonha de se exporem ou por medo de represálias dos seus agressores, tornando-se reféns de emoções traumáticas e destrutivas, como medo, insegurança, raiva, pensamentos de vingança e de suicídio,

além de fobias sociais e outras reações que impedem seu bom desenvolvimento escolar.

Melhorar a qualidade das relações pessoais dentro da escola implica, necessariamente, criar situações de convivência humana que beneficiarão os indivíduos envolvidos. Trata-se de um processo mais amplo e aprofundado de formação ético-política das gerações presentes e futuras para superação das condições de desumanização e barbárie que ameaçam o processo civilizatório contemporâneo.

Falando do cyberbullying, este infelizmente acrescentou outra dimensão a este problema com que os pais e professores se devem preocupar. E o cyberbullying pode ser ainda mais difícil de detectar, pois pode ocorrer em espaços privados, como mensagens de texto ou redes sociais. Mas ter um diálogo aberto em torno das redes sociais e estabelecer regras e limites em torno delas pode ser uma das melhores formas de abordar o cyberbullying. Muito do trabalho preventivo quando se trata de cyberbullying consiste em informar os pais sobre como limitar o tempo dos filhos nas redes sociais.

Ter uma melhor compreensão do bullying pode ajudá-lo a identificar as crianças que precisam de ajuda – quer sejam elas que sofrem bullying ou que praticam o bullying. Ao agir, será possível evitar resultados negativos de curto e longo prazo. A sua intervenção pode fazer uma enorme diferença e até mudar a vida de um jovem.

Gonçalves (2018) alega que os professores necessitam avançar também no campo conceitual sobre inclusão, pois muitos ainda cultivam a ideia de que a inclusão está para atender somente os alunos com necessidades especiais. Dessa forma, é fundamental que esta concepção seja superada para entender o seu verdadeiro sentido. Ferreira (2023) também enfatiza sobre isso, e afirma que a inclusão deve considerar todos os alunos que sofrem de qualquer forma de exclusão educacional, inclusive alunos que sofrem com o *bullying* que acontece nas escolas e, sobretudo, nas salas de aulas, quando eles não acompanham todas as atividades escolares, e são expulsos ou suspensos ficando de fora da escola.

Para identificar o alvo de *bullying* Rech et al. (2014) propôs um treinamento de assertividade, trabalhando com alunos específicos, o treinamento em assertividade foi recomendado como forma de ajudar as vítimas ou potenciais vítimas de bullying a lidar de maneira não passiva, mas também não agressiva. Essas técnicas podem ser ensinadas aos alunos e parecem ajudá-los bastante. O Método da Preocupação Compartilhada é uma abordagem baseada em aconselhamento para situações em que um grupo de alunos sofreu bullying. Esta abordagem concentra-se nas crianças que praticam o bullying, bem como

naqueles que sofrem bullying. Encoraja as crianças que praticam bullying a reconhecer o sofrimento da vítima e tomar medidas para ajudar a situação.

Nos estudos de Stamatis et al. (2016), a vitimização relatada (por bullying direto) diminuiu menos para crianças mais velhas após a intervenção e, de fato, aumentou para adolescentes de 17 a 18 anos. Concluiu-se então que as crianças mais novas aceitam mais voluntariamente a autoridade do professor e as atividades curriculares e políticas escolares que refletem a influência do professor. As crianças mais velhas – especialmente aquelas envolvidas em bullying e outras atividades antissociais – podem rejeitar explicitamente a influência do professor e os valores defendidos pela escola. O clima geral dos alunos e as atitudes em relação às vítimas também se tornam um pouco mais negativas na adolescência, particularmente entre os meninos.

5. MARCO METODOLÓGICO

Para que se possa iniciar uma pesquisa científica, necessita de um método sistemático, rigoroso e organizado para que os dados coletados acerca do objeto de pesquisa respondam os objetivos propostos pelo estudo. Portanto, a pesquisa aponta para uma ideia de cientificidade, sendo assim, assessora a ciência em seu entendimento e na organização da atividade sistemática de construção do conhecimento. Segundo Campoy, (2018, p.31) “[...] a investigação científica é um processo que, mediante a aplicação do método científico, busca informação fiel e relevante para entender, verificar, corrigir ou aplicar o conhecimento”. Sua finalidade consiste em solucionar problemas científicos e se caracteriza por ser reflexiva, sistêmica e metódica.

Nessa perspectiva, se faz necessário ainda conceituar metodologia, que no entendimento de Prodanov e Freitas (2013, p.14), a “metodologia, [...], examina, descreve e avaliam métodos e técnicas de pesquisa que possibilitam a coleta e o processamento de informações, visando ao encaminhamento e à resolução de problemas e/ou questões de investigação”.

É sabido que uma pesquisa nasce das inquietações do pesquisador em relação a determinado objeto de seu contexto. A busca de conhecimentos para essas inquietações aproxima o pesquisador de seu objeto, proporcionando estudos e aprofundamento do conhecimento da sua realidade, o que possibilita que se conceba conhecimento a partir das suas observações (Minayo, 2013).

Para nortear essa busca, o método de uma pesquisa é imprescindível, pois ele se refere à trajetória, à direção, ao caminho que será percorrido pelo pesquisador para atingir o objetivo de seu estudo, considerando o embasamento teórico e as técnicas a serem aplicadas nesse percurso. Os instrumentos que serão utilizados devem ser claros, coerentes, bem definidos para, juntamente com os procedimentos adotados, que seja realizada a análise dos dados obtidos (Bardin, 2011).

Nas pesquisas científicas, os objetivos precisam estar entre o ideal e o possível, admitindo a presença das limitações (Vieira, 2009). Além disso, como uma atividade humana, devem ter uma orientação teórica existente e seguir uma metodologia rigorosa até que se encontre uma resposta. E o papel da metodologia consiste exatamente em explicar os processos estruturais utilizados para alcançar os objetivos elencados pelo pesquisador (Lakatos e Marconi, 2003). Essa explicação de processo estruturais permite que os leitores

e pesquisadores conheçam as potencialidades e fragilidades de cada estratégia utilizada pelo pesquisador daquele objeto de estudo nos diferentes contextos.

É necessário que se utilizem metodologias adequadas ao tipo de pesquisa e aos questionamentos que se pretende responder ao longo desta. E neste caso, aplica-se como sequência metodológica para a investigação, a pesquisa. Para se edificar o conhecimento, a ciência apropria-se de padrões metodológicos que lhes servem de subsídios para o alcance de seus objetivos. Esses padrões metodológicos constituem-se em um conjunto de métodos e procedimentos, organizados em etapas, que facilitarão a elaboração de um trabalho científico bem fundamentado e capaz de esclarecer as ocorrências da realidade.

É vital a importância dos recursos na aplicação de uma metodologia, destacando que tais recursos são essenciais para o progresso do trabalho de pesquisa. Eles possibilitam ao pesquisador a escolha de instrumentos adequados para investigar e coletar dados, simplificando a tarefa e contribuindo para a construção do conhecimento. A metodologia da pesquisa, com o objetivo de atender aos objetivos propostos (Minayo, 2018).

Os recursos para a aplicação da metodologia são de fundamental importância para o progresso do trabalho, pois eles permitem que a partir de suas escolhas, o pesquisador se aproprie de instrumentos capazes de investigar e coletar os dados necessários facilitando a tarefa, a construção do conhecimento. O desenho metodológico da pesquisa que tem como propósito responder aos objetivos elencados, isso acontecerá através de uma pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa.

5.1. Justificativa da Investigação

É de extrema importância que o bullying seja discutido na sociedade atual, visto que ele tem interferência na saúde mental e no bem-estar social das crianças e dos jovens, que já estão passando por intensas transformações sociais, comportamentais, emocionais e físicas. Assim, a convivência desses jovens com situações de violência pode interferir profundamente nos processos de desenvolvimento. Segundo um levantamento realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), cerca de 23% dos brasileiros declararam ter sofrido bullying em algum momento da sua vida (IBGE, 2023).

Diante deste cenário, esse tipo de violência se apresenta como um problema de saúde pública no Brasil e no mundo, uma vez que, essas taxas são muito perigosas, principalmente quando se considera que essa depreciação do próximo pode levar a uma autodepreciação, na

qual o estudante que sofre bullying pode aderir a comportamentos prejudiciais a seu bem-estar e crescer com essa dor.

Nesse sentido, a escolha do tema desta dissertação de mestrado intitulada: “A Prática do Bullying Escolar e seus Reflexos no Desenvolvimento dos Alunos do 9º ano do Colégio Estadual José Cândido Rosa”, tem sua origem nas experiências e observações vivenciadas durante minha vida profissional como professora do ensino fundamental e médio da rede pública do Estado de Goiás e justifica-se pela preocupante disseminação de atos violentos de bullying no ambiente escolar, ou seja, de agressões verbais ou físicas que vem aumentando nos últimos anos e que impacta de forma intensa o aluno agredido.

E esse aumento de ocorrências de bullying no colégio, tem suscitado críticas tanto da comunidade local, como dos telejornais do Estado, e até mesmo da Assembleia Legislativa do Estado de Goiás, por parte de alguns Deputados Estaduais, como mostra na Figura 3, onde o Deputado Estadual pede providências em relação as brigas que ocorrem no colégio, lembrando que a maioria dessas brigas são causadas pela violência do bullying escolar.

Figura 3 – Deputado na Assembleia legislativa.



"São as cenas que acontecem lá no colégio Estadual José Cândido rosa. Nós precisamos de uma providência dura ali", afirma o deputado.

Fonte: Graziely, (Jornal da Manhã, 2022).

Conforme palavras do deputado publicadas no Jornal da Manhã de Aragoiânia:

Nós precisamos que a coordenadora regional de educação e a secretária Fátima Gavioli tome uma providência com relação a esse colégio na cidade de Aragoiânia. Ali estão estudando os filhos de os trabalhadores daquela cidade. Nós precisamos de uma providência dura ali. Eu quero chamar o comando da polícia militar regional da cidade de Aragoiânia, para estar ali no colégio, a comunidade escolar, os professores, a diretora da regional de educação (Graziely, 2022, p.1).

Percebe-se que tudo isso, tem causado um desequilíbrio escolar em diversas áreas, tornando-se um problema preocupante devido ao aumento significativo de casos de depressão e desmotivação entre os alunos em relação à sua aprendizagem.

Nesse sentido, seguindo os preceitos de Minayo (2001, p. 15) a justificativa:

Trata-se da relevância, do porquê tal pesquisa deve ser realizada. Quais motivos a justificam? Que contribuições para a compreensão, intervenção ou solução para o problema trará a realização de tal pesquisa? A forma de justificar em pesquisa que produz maior impacto é aquela que articula a relevância intelectual e prática do problema investigado à experiência do investigador.

Portanto, a realização dessa pesquisa justifica-se pela necessidade de entender as representações sociais acerca do bullying; de identificar essa prática existente com alunos do 9º ano e os reflexos na vida do aluno agredido, e na vida do agressor, pois são atos violentos que acabam refletindo em todos que vivenciam ou estão próximos a alguém que sofreu ou sofre com a prática violenta. E também, da necessidade de acompanhar e identificar a atuação e estratégias de enfrentamento do bullying no ambiente escolar pelos professores, o qual desempenham papel fundamental nesse contexto, pois são mediadores responsáveis para acompanhar, identificar, orientar e desenvolver ações necessárias para inibir e combater tais atos ou práticas violentas. Assim, pelo intermédio dos professores, tanto o aluno agredido quanto o agressor têm possibilidade e a oportunidade de dialogar, entrando num consenso para resolverem de maneira pacífica a prática violenta do bullying escolar.

5.2. Problema da Investigação

Neste tópico se abordará sobre a problemática deste estudo, que está relacionado com a prática do bullying escolar. Enfatizar sobre o problema de pesquisa é importante para

que se conheça exatamente o percurso que a pesquisa irá seguir, e assim poder responder este problema ao final do trabalho.

Segundo Campoy (2018, p. 51), o problema da pesquisa “é um ponto de partida para toda a investigação. É provavelmente a etapa mais importante do processo de investigação, já que implica em vários passos inter-relacionados”. Logo, é possível afirmar que toda pesquisa se inicia com algum tipo de problema ou indagação. Um problema de pesquisa pode ser determinado por razões de ordem prática ou de ordem intelectual. Por isso, são diversas razões de ordem prática e intelectual que conduzem à formulação de problemas de pesquisa.

A problemática do bullying tem sido bastante discutida atualmente, no contexto escolar, o bullying entre pares é a forma de violência mais comum entre crianças e jovens. O bullying compromete os direitos das crianças, incluindo o direito à educação, tal como exigido pela Convenção sobre os Direitos da Criança (Nações Unidas 1989). Apresenta riscos especiais para crianças vulneráveis, como crianças com deficiência; refugiados; crianças excluídas; crianças que pertencem a um grupo minoritário, ou simplesmente crianças que diferem do grupo de pares.

Sabe-se que os comportamentos violentos que retratam o bullying possuem diversas características, acontecendo por meio de agressões físicas, insultos chantagens, apelidos e furtos. Também se destacam atitudes de indiferença, desprezo, isolamento e difamação da vítima. Nesse sentido, a problemática deste estudo está relacionada à crescente disseminação de agressões verbais ou físicas que impactam e afetam a vida do aluno agredido e que vem aumentando nos últimos anos no ambiente escolar.

Um dos maiores problemas é que o bullying nem sempre é óbvio. A maior parte do bullying ocorre longe dos olhos dos adultos e a vítima muitas vezes se sente incapaz de relatar o que está acontecendo por causa do medo de represálias. Outros tipos de bullying podem ser tão sutis que podem ser descartados como provocações, o que muitas vezes é considerado aceitável. Se a provocação envolve intimidação e resulta em angústia, ela claramente se enquadra na definição de bullying.

O bullying tem um efeito negativo significativo na saúde mental, na qualidade de vida e no desempenho acadêmico das crianças. As crianças que são frequentemente vítimas de bullying têm quase três vezes mais probabilidades de se sentirem estranhas na escola e duas vezes mais probabilidades de faltar à escola do que aquelas que não são frequentemente vítimas de bullying. Têm piores resultados educativos do que os seus pares

e também são mais propensos a abandonar a educação formal depois de concluírem o ensino secundário.

É fato que o bullying traz consequências negativas para a saúde tanto dos agressores como das vítimas, e também pode ter um impacto negativo nos espectadores. As últimas três décadas, um esforço significativo tem sido feito por investigadores que analisam os efeitos do bullying e da vitimização no bem-estar físico, psicológico, relacional e geral. Os principais resultados mostram que os adolescentes que sofrem bullying faltam mais à escola e mostram sinais de fraco desempenho escolar.

Consequências educativas: Ser vítima de bullying prejudica o sentimento de pertença à escola e afeta o envolvimento contínuo na educação. As crianças que são frequentemente vítimas de bullying têm maior probabilidade de se sentirem estranhas na escola e de quererem abandonar a escola depois de concluírem o ensino secundário. As crianças que são vítimas de bullying têm resultados académicos mais baixos do que aquelas que não são vítimas de bullying com frequência.

Com base em uma pesquisa de campo, será abordado as seguintes questões relacionadas ao bullying escolar: Quais os tipos de bullying escolar e locais de maior ocorrência? Qual a percepção a respeito da prática do bullying e seus reflexos no desenvolvimento dos alunos? De que forma os professores têm participado da construção de ações de enfrentamento e de conscientização ao combate ao bullying no ambiente escolar?

Frente a esses questionamentos surge uma pergunta que norteará todo esse estudo: **Quais são os reflexos da prática do bullying escolar no desenvolvimento dos alunos do 9º ano do Colégio Estadual José Cândido Rosa?**

Cabe destacar que a pergunta problema norteará toda a pesquisa, pois é a partir dela que será possível alcançar resultados para os objetivos propostos e poderá fornecer a base para desenvolver esse estudo. Com essa finalidade essa pergunta problema consiste em uma pergunta sobre a realidade existente e que ainda não possuem uma resposta satisfatória.

5.3 Objetivos da Pesquisa

Busca-se nessa etapa da pesquisa, responder ao que é pretendido no estudo, quais as metas que se deseja alcançar ao término dessa pesquisa. É fundamental que os objetivos aqui propostos sejam possíveis de serem atingidos.

De acordo com Campoy (2018), os objetivos têm uma função orientadora, uma vez que direcionam toda a trajetória da pesquisa. Sendo assim, os objetivos são as etapas que se constituem nas metas a serem alcançadas no desenvolvimento da pesquisa, aprofundando significativamente o conhecimento.

5.3.1. Objetivo Geral

Analisar os reflexos da prática do bullying escolar no desenvolvimento dos alunos do 9º ano D do Colégio Estadual José Cândido Rosa.

5.3.2 Objetivos Específicos:

1. Identificar os principais tipos bullying escolar e locais de maior ocorrência na turma do 9º ano;
2. Verificar junto aos alunos e professores do 9º ano sobre os principais problemas de relacionamento, violência do bullying, discriminação que os alunos vivenciam no ambiente escola;
3. Conhecer se a escola dispõe de um plano de ação ou intervenção para conscientizar os alunos do 9º ano sobre os reflexos da prática violenta do bullying;
4. Descrever as consequências do bullying no desenvolvimento dos alunos do 9º ano.

Na Tabela 1 abaixo têm-se a explicação do que será analisado em cada objetivo específico.

Tabela 1 – Objetivos da investigação e o que se busca responder.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	O QUE BUSCA RESPONDER?
Identificar os principais tipos bullying escolar e locais de maior ocorrência na turma do 9º ano.	1 - Entender o que é bullying; 2 - Quais tipos de bullying escolar são mais comuns na percepção dos alunos e professores; 3 - Em quais locais da escola estudada acontece casos de bullying.
Verificar junto aos alunos e professores do 9º ano sobre os principais problemas de	1 – Principais problemas de relacionamento que os alunos vivenciam;

relacionamento, violência do bullying, discriminação que os alunos vivenciam no ambiente escola.	2 – Quais as providências tomadas pela instituição em casos de bullying; 3 – Comportamento dos professores perante o bullying; 4 – O que leva os alunos a praticar bullying.
Conhecer se a escola dispõe de um plano de ação ou intervenção para conscientizar os alunos do 9 ano sobre os reflexos da prática violenta do bullying	1 – O que é preciso para reduzir situações de bullying; 2 – Discutir se a escola realiza palestras ou atividades pedagógicas no combate ao bullying; 3 – Projetos para conscientizar os alunos.
Descrever as consequências do bullying no desenvolvimento dos alunos do 9 ano	1 – Saber se a violência do bullying afeta a aprendizagem dos alunos; 2 – Saber quais as principais consequências do bullying.

5.4 Desenho Metodológico

O desenho da pesquisa é como “circular ou de aproximações sucessivas e que conta com a flexibilidade na utilização dos procedimentos a serem adotados” (Minayo, 2013, p. 147). A elaboração do desenho da pesquisa tem como premissa a operacionalização de todas as variáveis previstas na pesquisa com base nos objetivos, isso porque, a investigação rastreia referências e conhecimentos e centra em uma conduta de analisar, identificar e, organizar o conhecimento.

O desenho da pesquisa pode ser assim definido como os métodos e técnicas escolhidos por um investigador. Então os métodos e técnicas combinam-se de maneira razoavelmente lógica, para que o problema de pesquisa seja tratado eficientemente. Sendo assim, o desenho de uma pesquisa é usado para explicar o tipo de pesquisa e também seu subtipo. Daí sua importância no processo investigativo.

A eleição dos participantes da pesquisa é considerada uma etapa essencial para o início do processo investigativo, visto que, por meio da contribuição desses sujeitos encontraremos as justificativas para os objetivos da pesquisa. Entretanto, é primordial que

haja coerência entre os tópicos analisados e os coadjuvantes, para que esses agentes participativos sejam capazes de contribuir com respostas significativas, bem como satisfatórias para o presente estudo.

Tendo em vista a problemática e os objetivos desse estudo, optou-se pela pesquisa de abordagem qualitativa que permite a percepção, a compreensão e a descrição do fenômeno em estudo, proporcionando um entendimento profundo do bullying no ambiente escolar e a percepção dos professores sobre a construção, reprodução e reconstrução da realidade, dando sentido ao bullying como fenômeno social no ambiente escolar e, assim, buscando um guia operacional para a vida social, para a resolução de problemas e conflitos.

A pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados (Richardson, 1999). A pesquisa qualitativa, segundo Bogdan e Biklen (1982), envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes.

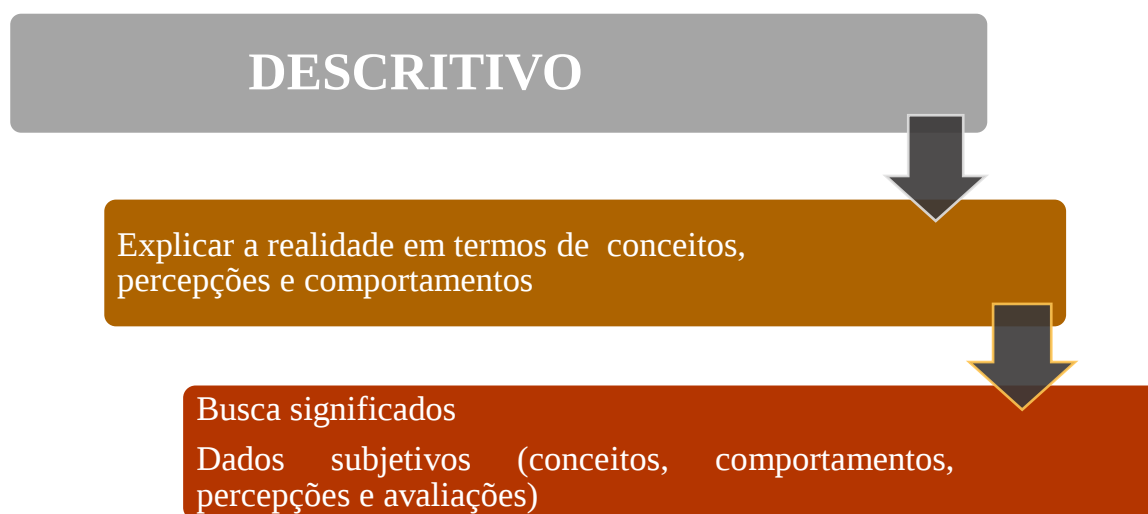
Para a pesquisa qualitativa, considerou-se o que postulam Bogdan e Biklen (1982), que apresentam cinco características básicas desse tipo de estudo: tem ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento; os dados gerados são predominantemente descritivos; a preocupação com o processo do estudo é muito maior do que com o produto; o “significado” que as pessoas dão às coisas e à sua vida foram focos de atenção especial do pesquisador; a análise segue um processo indutivo.

Nesse sentido, a abordagem do trabalho ancora-se no campo das investigações qualitativas, e teve o ambiente natural como fonte direta dos dados por meio da pesquisa de campo identificadas por um relato de experiência. As pesquisas qualitativas configuram-se como estudos de opiniões ou projeções e tem como foco principal as experiências de vida que alteram e moldam a atribuição das pessoas a elas e às suas experiências (Vilela, 2003).

Dessa forma, foi realizada uma pesquisa de campo de abordagem qualitativa, que segundo Piana (2009), é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas. Assim, será realizada a investigação no Colégio Estadual José Cândido Rosa. Foi escolhido o enfoque qualitativo pois ele contribuiu para entender o nível de violência na escola estudada.

De acordo com Campoy (2019), os estudos qualitativos fornecem informações sobre as motivações profundas das pessoas, quais são seus pensamentos e sentimentos; eles nos fornecem informações para adaptar o desenho metodológico de um estudo com informações úteis para a interpretação de dados. As técnicas permitem que problemas complexos sejam abordados, como o estudo de crenças, motivações ou atitudes da população, aspectos que seriam difíceis de abordar através de técnicas qualitativas (Campoy, 2019).

Figura 4 – Base descritiva.



Fonte: Autora, com base em Cavalcante (2023).

Minayo (2018) defende a ideia de que o desenho da pesquisa é como circular ou de aproximações sucessivas e que conta com a flexibilidade na utilização dos procedimentos a serem adotados. Assim, a elaboração do desenho da pesquisa tem como premissa a operacionalização de todas as variáveis previstas na pesquisa com base nos objetivos, isso porque, a investigação rastreia referências e conhecimentos, e centra em uma conduta de analisar, identificar e, organizar o conhecimento.

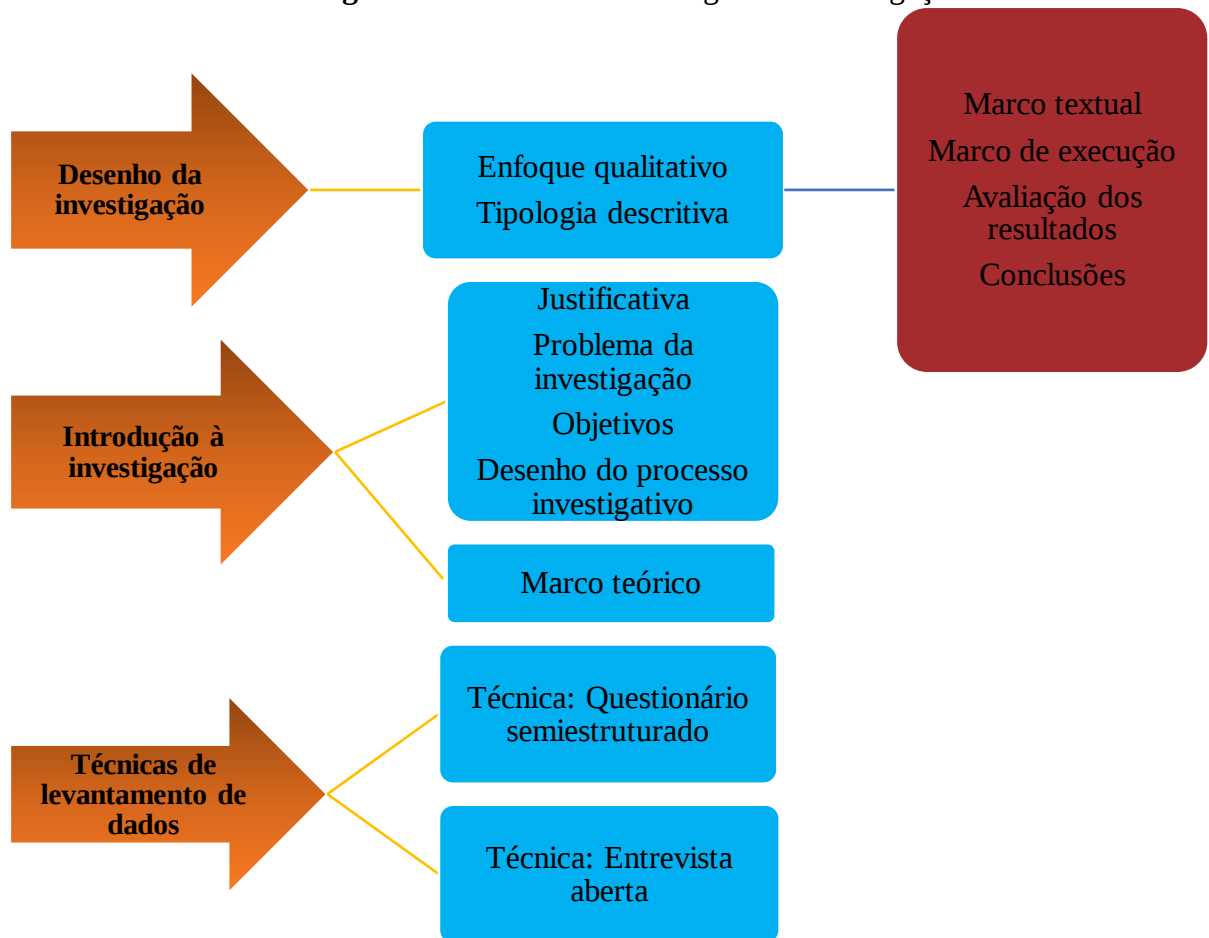
Segundo os objetivos dessa pesquisa, esta caracteriza-se também como descritiva, que de acordo com Gonçalves (2007, p. 67) “Entre esse tipo de pesquisa estão as que atualizam as características de um grupo social, nível de atendimento do sistema educacional, como também aquela que pretendem descobrir a existência de relações entre variáveis”.

Assim, por meio da tipologia descritiva será possível apresentar uma profunda descrição sobre as ocorrências de bullying na escola estudada, como também descrever os fatores associados. De acordo com Gil (2010) a pesquisa descritiva é responsável por

especificar as características da população estudada. Esta metodologia centra-se mais no “quê” do que no “porquê” do sujeito da investigação. Ou seja, seu objetivo é descrever a natureza de um segmento demográfico, sem focar nas razões pelas quais determinado fenômeno ocorre. As pesquisas descritivas têm como finalidade a descrição das características da população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis. São muitos os estudos que podem ser classificados assim, e uma de suas características mais significativas aparece na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados.

Nesse sentido, para essa pesquisa, a tipologia descritiva colabora para que os fenômenos estudados possam ser descritos de forma real de acordo como ele acontece, assim sendo possível compreender fatos relacionados ao tema que são de grande valia para esse estudo. A pesquisa foi realizada no CEJCR- Colégio Estadual José Cândido Rosa, turma do 9º ano do ensino fundamental. Trata-se de uma pesquisa com desenho descritivo, de corte transversal com enfoque ou abordagem qualitativa. Na Figura 4 apresenta-se o esquema metodológico dessa pesquisa.

Figura 5 – Desenho metodológico da investigação.



Fonte: Autora (2024).

5.5. Contexto Espacial e Socioeconômico da Pesquisa

O Brasil está localizado na América do Sul, sendo o maior país dessa América e o 5º do mundo em extensão territorial. (IBGE, 2017), o Brasil possui uma área de 8.514.876.599 km², abrigando uma população de 207,7 milhões de habitantes, formados por brancos, pardos, negros, amarelos e índios. Seu espaço geográfico divide-se em 26 estados e 1 Distrito Federal.

O território brasileiro possui uma excelente vantagem, se comparado aos outros países gigantes, como a Rússia. Não há geleiras e as áreas desertificadas e montanhosas são pequenas, portanto, praticamente toda a extensão é habitável e propícia para atividades como agricultura e pecuária. Está localizado na América do Sul, completamente na porção ocidental. Boa parte do território encontra-se no hemisfério sul e apenas uma pequena porção no hemisfério norte.

Figura 6 – Localização geográfica do Brasil.



Fonte: IBGE (2019).

Goiás é uma das 27 unidades federativas do Brasil. Situa-se na Região Centro-Oeste do país, no Planalto Central brasileiro e possui 246 municípios. O seu território é de 340 257 km², sendo delimitado pelos estados de Mato Grosso do Sul a sudoeste, Mato Grosso a oeste, Tocantins a norte, Bahia a nordeste, Minas Gerais a leste, sudeste e sul e pelo Distrito Federal a leste. Com 7,2 milhões de habitantes, é o estado mais populoso da Região Centro-Oeste e o 11º mais populoso do país. Possui, ainda, a nona maior

economia entre as unidades federativas brasileiras. Segundo o Tribunal Regional Eleitoral de Goiás, em 2022 registram-se 4 865 290 eleitores (Wikipedia, 2024).

A história de Goiás remonta ao início do século XVIII, com a chegada dos bandeirantes vindos de São Paulo, atraídos pela descoberta de minas de ouro. Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera, liderou a primeira bandeira com a intenção de se fixar no território, que saiu de São Paulo em 3 de julho de 1722.

A região do Rio Vermelho foi a primeira a ser ocupada, onde fundou-se Vila Boa (mais tarde renomeada para Cidade de Goiás), que serviu como capital do território durante 200 anos. O processo de independência de Goiás se deu gradativamente, impulsionado pela formação de juntas administrativas. O desenvolvimento e povoamento do estado deu-se, de forma mais intensificada, a partir da mudança da capital para Goiânia, na década de 1930, e com a construção de Brasília, em 1960.

Figura 7 – Mapa da localização de Goiás.



Fonte: Wikipédia (2024).

Aragoiânia é um município brasileiro localizado no interior do Estado de Goiás, na Mesorregião do Centro Goiano e na Microrregião de Goiânia. Sua população estimada pelo IBGE em 2021 era de 10.680 habitantes. Na região havia uma parada de gado – local de descanso e ruminção dos animais – devido a este fato, a primeira denominação do município foi Malhadouro passou por Rosália, uma homenagem ao pioneiro José Cândido Rosa. Aragoiânia foi a última denominação, mas a cidade até hoje carrega o pseudônimo de

Biscoito Duro. Apelido peculiar, devido ao local que era parada de lanche entre Goiânia e Rio Verde.

No dia 27 de abril de 1940, foi celebrada a primeira missa do povoado. Nesta época havia apenas meia dúzia de casas no local. Ainda neste referido ano surgiu a ideia da construção de uma capela, cujo terreno fora doado por José Cândido Rosa. Em 1946, este templo foi ampliado pelo sírio-libanês João Nasser. Com o passar dos anos, a comunidade ajudou em diversas reformas, até o atual formato que a Igreja de Santa Luzia se encontra hoje. A igreja nunca mudou de local, sempre esteve na praça que também tem o seu nome (Wikipédia, 2024).

Figura 8 – Localização de Aragoiânia.



Fonte: Wikipédia (2024).

O nome Aragoiânia foi uma escolha do pioneiro José Cândido Rosa, significa cidade entre Goiânia e o Rio Araguaia. Por muito tempo a rodovia que corta o município foi o caminho entre a capital e o referido rio. Na Figura 5 têm-se a localização de Aragoiânia no Brasil.

Se tratando de educação, dados do IBGE (2023) indicam que em 2010, a taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade era de 98%. Na comparação com outros municípios do estado, ficava na posição 103 de 246. Já na comparação com municípios de todo o país, ficava na posição 2065 de 5570. Em relação ao IDEB, no ano de 2021, o IDEB para os anos iniciais do ensino fundamental na rede pública era 5,4 e para os anos finais, de 4. Na comparação com outros municípios do estado, ficava nas posições 174 e 239 de 246. Já na comparação com municípios de todo o país, ficava nas posições 2921 e 4314 de 5570.

Figura 9 – Cidade de Aragoiânia-GO.



Fonte: Wikipédia (2024).

Figura 10 – Imagem de Aragoiânia.



Fonte: Prefeitura de Aragoiânia (2022).

5.5.1. Delimitação da Pesquisa

O tratamento de pesquisa possui limites, entre os quais a própria qualidade da informação e o tratamento analítico, que se apoiam em subjetividades, fenômenos de muitas

variáveis e possibilidades sem condições de quantificá-los com exatidão (Minayo, 2013; Campoy, 2018). Desse modo, o que se pode considerar nesse enredo subjetivo é o significado, a proximidade e a representatividade das percepções e respostas do sujeito participante que se alinham à problemática e aos objetivos da pesquisa, constituindo-se em subsídios para se fecharem possíveis lacunas que eventualmente poderiam existir na proposta do estudo.

O CEJCR- Colégio Estadual José Cândido Rosa está localizada na Avenida Goiás, 567 Centro, Aragoiânia – GO (Figuras 11, 12 e 13). A Unidade Escolar iniciou suas atividades em 1.950. Suas instalações vieram de uma aquisição de um terreno no povoado de Malhadouro (hoje Aragoiânia), na fazenda Cachoeira, com área de 10.000m² para nele ser edificado a construção de um prédio rural, em que é adquirente o Estado de Goiás e o Transmitente: José Cândido Rosa, conforme escritura pública de compra e venda em doação Gratuita lavrada no dia 07/02/1950. O nome da Unidade Escolar se deu pelo nome do doador da área. No ano de dois mil e vinte um, houve a unificação com o extinto Col. Est. Genoveva Rezende Carneiro, escola com boa aceitação da comunidade (prédio situado ao lado, área também doada pelo senhor Jose Cândido Rosa) onde eram ministradas aulas somente de turmas do Ens. Fundamental 2ª fase.

Figura 11 – Frente do Colégio Estadual José Cândido Rosa.



Fonte: Autora (2024).

Figura 12 – Pátio do Colégio Estadual José Cândido Rosa.



Fonte: Autora (2024).

Figura 13 – Corredor da escola.



Fonte: Autora (2024).

Todas as informações sobre a escola foram tiradas do seu PPP – Projeto Político Pedagógico. Atualmente a escola oferece os cursos de Ens. Fundamental II e Ens. Médio, diurnos parciais, com um total de 930 alunos nos dois prédios, com amplo espaço do terreno ainda ocioso. A unidade hoje conta com boas instalações prediais e com espaços climatizados buscando uma melhor qualidade a todos que dela necessita ou trabalhe. O prédio é abastecido por água tratada da SANEAGO, não tem rede de esgoto, somente fossa séptica, a coleta de lixo é feita pela Prefeitura municipal, o sistema de energia elétrica é fornecido pela Equatorial, não tem telefone fixo ou móvel.

O Colégio Estadual José Cândido Rosa, após 72 anos de funcionamento, conta com a seguinte estrutura física dentre seus 10.000 m²: 15 Salas de aula climatizadas com medidas variadas; 02 Quadras Poliesportivas cobertas de dimensões oficiais para prática de desporto; 03 Banheiros masculinos; 03 Banheiros femininos; 02 Banheiros para Portadores de Necessidades Especiais; 02 Banheiros professores; 01 Cozinha semi-industrial para preparação de toda refeição ofertada; 03 Salas administrativas.

Sobre a dimensão socioeconômica, a escola está situada numa região em que o índice de Desenvolvimento Humano é médio. A economia local é constituída de pequenos e grandes produtores rurais, especialmente de horticultores, fruticultores e leiteiro.

Quanto à dimensão pedagógica, a comunidade hoje tem uma melhor participação e aceitação da escola, quando convidada às reuniões pedagógicas a comunidade, pais e demais responsáveis participam com maior frequência. A proposta pedagógica é baseada na teoria da Aprendizagem Verbal Significativa e na teoria Sociocultural, sociointeracionista da aprendizagem, seguindo a linha de Vygotsky. O sistema de avaliação é contínuo, somatório bimestral. Oferecendo a recuperação contínua para alunos que não apresentem rendimento satisfatório, combatendo a evasão e diminuindo o número de reprovação. Apesar das adversidades, a escola apresenta melhoria nos índices de proficiência e IDEB.

A estrutura organizacional da unidade escolar é composta, além do gestor, 03 coordenadores pedagógicos, 02 coordenadores de turno, de 15 Técnico-Administrativos e 28 docentes (05 da formação geral e 23 da área técnica). A escola ainda não conta com profissionais na área de Laboratório de Informática. A Unidade Escolar tem sua administração financeira pelo Conselho Escolar Professora Cidinha, visto, porém, a administração escolar é exercida pela Direção com autonomia institucional. Os recursos financeiros da escola são determinados pelos repasses dos recursos: PROESCOLA, PDDE, oriundos de repasses do Governo Estadual e do FNDE. Estes recursos se dividem nas verbas de Custeio e Capital.

Sobre a Estrutura e Organização Escolar do Colégio Estadual José Cândido Rosa, almeja oferecer condições para os alunos, famílias e toda comunidade para participarem do cotidiano escolar em todas as dimensões do fazer pedagógico. A participação de todos se dá por meio de gestão participativa, na qual acompanhamos os avanços e dificuldades do processo de ensino e aprendizagem.

Assim estão distribuídas: Gestão Pedagógica: Análise de resultados e rendimento escolar: Analisa os resultados e rendimentos educacionais, acompanhando o progresso de desempenho avaliativo dos alunos verificando: rendimento, frequência e desempenho dos estudantes nos períodos bimestral e anual adotando estratégias e instrumentos metodológicos que mensura os níveis de aprendizagem conforme a proposta curricular da escolar. Planejamento de ações pedagógicas: Acompanha, o planejamento da prática pedagógica no processo de organização da proposta curricular organizando a rotina, ações e estratégias de acompanhamento da aprendizagem e/ou dificuldades para assegurar o sucesso do trabalho educacional da escola.

Gestão participativa: Atua conforme os princípios da gestão democrática envolvendo o compromisso e a participação dos pais, estudantes, profissionais, colegiados no processo de organização e na tomada de decisões diante dos problemas e conflitos existentes no âmbito escolar buscando integrar a comunidade e a sociedade nas ações e eventos durante o ano letivo. Gestão de Infraestrutura: Administram os serviços de apoio, recursos físicos e financeiros de infraestrutura com a finalidade de oferecer um ensino de qualidade e mais eficiente para a comunidade escolar dentre estes estão: organização dos registros escolar, adequação das instalações, equipamentos, preservação do patrimônio escolar e outros afins.

Nesse sentido, pela abordagem qualitativa, propõe-se a identificar opiniões e perspectivas de alunos e professores acerca do bullying no ambiente escolar, de modo que se percebessem seus pontos de vista sobre a questão e os reflexos no trabalho docente. Sem contar ainda que foi possível se revelar as causas geradoras do problema da pesquisa, bem como consequências desse problema na prática de ensino.

Enfatiza-se que os dados foram limitados a escola estudada, e todo o processo de levantamentos dos dados qualitativos seguiu um roteiro de contatos pessoais, administrativos e pedagógicos com gestão escolar, alunos e professores de participação prevista na pesquisa.

5.6. Participantes da Pesquisa

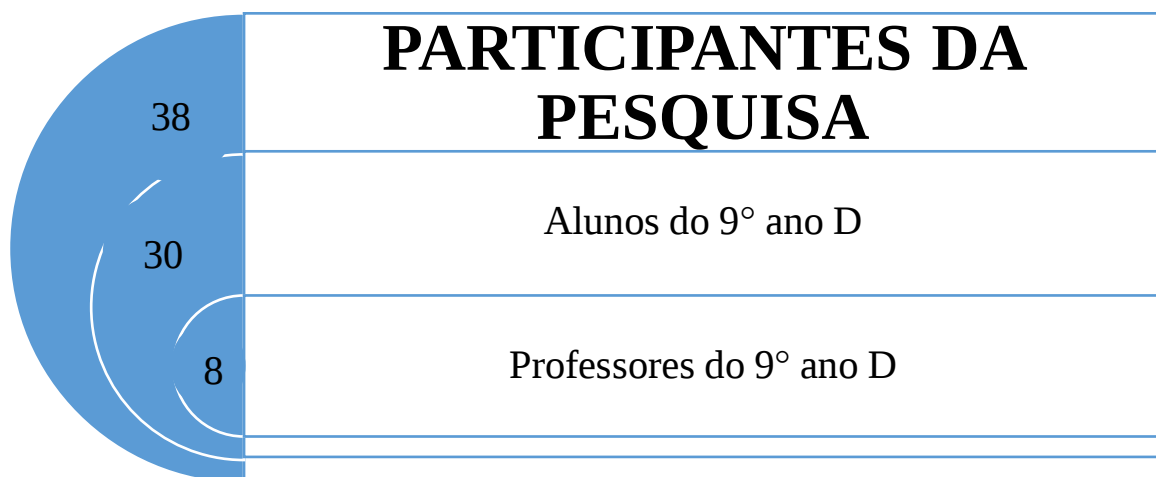
Os participantes da pesquisa é um dos elementos indispensáveis para o estudo, de tal forma que necessitam ser capazes de responder aos questionamentos propostos com coerência, necessitam estar relacionados com a temática abordada sendo capazes de apresentar dados que respondam com veemência ao problema da pesquisa.

A presente análise tem um enfoque qualitativo sendo estabelecido como participantes, ou seja, “indivíduos de campo de interesse da pesquisa” (Kauark, Manhães e Medeiros, 2010, p. 60), os professores do 9º ano D, e alunos da mesma turma, uma vez que sujeitos que estão diretamente relacionados com a temática. “É sobre eles que se pretende tirar conclusões” (Kauark, et al., 2010, p. 60).

Reafirmando o exposto acima, Gil (2014, p.105) explica como sendo o “conjunto de elementos que possuem determinadas características”. Essas particularidades em uma esfera direta ou indireta são essenciais para a evolução e dos princípios e posicionamento da investigação.

Quanto aos participantes, de acordo com Campoy (2018, p. 383) “estes serão oficialmente convidados, dando-lhes os objetivos do estudo, a metodologia de trabalho e qual será a sua participação”. Para ficar mais claro, referente aos participantes, a referida pesquisa será realizada no CEJCR - Colégio Estadual José Cândido Rosa, com os seguintes participantes: alunos (30) do 9º ano D e professores (8) do 9º ano D. Nesse sentido, a categoria participante é justificada, pois como afirma Alvarenga (2019, p.51) “o investigador extrai a essência do fenômeno para descrevê-lo.

Figura 14 – Participantes da pesquisa.



Fonte: Autora (2024).

No que se refere aos participantes desta pesquisa, pode-se afirmar ter sido alcançado o êxito desejado em relação à participação, pois todos os envolvidos deram suas contribuições, sem hesitar, de modo que os objetivos propostos quanto ao ato de atingir a maior quantidade de participantes possível, foi alcançada, tanto em relação aos estudantes, quanto em relação aos docentes.

5.6.1 Seleção dos Participantes

Tendo em vista as exigências da pesquisa qualitativa, a seleção dos participantes ocorre através de uma seleção não probabilística intencional, ou seja, acontece quando os participantes são selecionados através de critérios pré-estabelecidos. De acordo com Campoy (2018, p. 84) “se trata de obter amostras representativas mediante a inclusão de grupos supostamente críticos”.

A pesquisa não probabilística intencional permite abordar participantes que estão diretamente relacionados com objeto que se pretende estudar, como também esses devem ser capazes de responder aos objetivos propostos. Nesse contexto, o principal critério de seleção será justamente abordar esses participantes, pois acreditamos que esses grupos são capazes de dar respostas aos questionamentos elencados como também ter em mente que esses são elementos indispensáveis para conseguir resultados relevantes ao final desse estudo.

Pode-se enfatizar que todos os participantes selecionados são capazes de responder aos questionamentos elencados e oferecer respostas a pergunta problema. Classifica-se assim como uma amostra intencional onde “os sujeitos se selecionam em relação a critérios do investigador” (Campoy, 2018, p. 84).

Como já enfatizado, a seleção dos participantes é de extrema relevância para a investigação, haja vista, que é por meio dessas pessoas que conseguiremos encontrar as respostas para as indagações acerca do que está posto nos objetivos da pesquisa. Todavia, é muito importante a correlação entre a temática e os participantes, de modo a ter um cuidado no tocante ao material a ser apresentado, para que todos os envolvidos sejam capazes de participar, oferecendo respostas condizentes com o que se deseja para obtenção dos resultados desejados.

Pensando nisso, a Tabela a seguir apresenta a seleção dos participantes baseado em cada objetivo específico.

Tabela 2 – Seleção dos participantes.

OBJETIVOS DA PESQUISA	FONTE DE INFORMAÇÃO	TÉCNICA	CRITÉRIOS DE SELEÇÃO
Identificar os principais tipos de bullying escolar e locais de maior ocorrência na turma do 9º ano;	Alunos e Professores	Questionário (Semiestruturado) e Entrevista (Aberta)	Pelos participantes terem contato direto com situações de bullying na escola, tanto direta como indiretamente.
Verificar junto aos alunos e professores do 9º ano sobre os principais problemas de relacionamento, violência do bullying, discriminação que os alunos vivenciam no ambiente escola.	Alunos e Professores	Questionário (Semiestruturado) e Entrevista (Aberta)	Os alunos para verificar seu conhecimento sobre as questões que envolvem a problemática do bullying. Os professores pela sua vivência com os alunos vítimas e agressores.
Conhecer se a escola dispõe de um plano de ação ou intervenção para conscientizar os alunos do 9º ano sobre os reflexos da prática violenta do bullying.	Professores	Entrevista (Aberta)	Os Professores para conhecer os planos que a escola propõe para tratar de casos de violência relacionada ao bullying, e para conhecer quais intervenções eles praticam.
Descrever as consequências do bullying no desenvolvimento dos alunos do 9º ano.	Alunos e Professores	Questionário (Semiestruturado) e Entrevista (aberta)	Os alunos para investigar se eles reconhecem possíveis consequências causadas pelo bullying. Os professores pelas suas experiências

			em contato com vítimas de bullying.
--	--	--	---

Fonte: Autora (2024).

5.6.2. Professores do 9º ano D

Os professores foram escolhidos por acreditar que exercem um grande papel na educação e por serem agentes multiplicadores e facilitadores do processo de ensino aprendizagem, uma vez que diariamente são convocados a discutir questões, orientando os alunos sobre determinados temas que estejam relacionados à realidade social em que se encontram. O critério de seleção da amostra será por conveniência, que conforme Campoy (2019, p. 84) “A seleção da mostra se faz de forma arbitrária, em função dos elementos que estão ao seu alcance (que seja mais acessível)”.

Para selecionar os professores estabelecemos também os seguintes critérios:

- Serem professores do 9º ano D;
- Demonstrarem interesse em participar da pesquisa;
- Reconhecer a problemática do bullying no Colégio Cândido Rosa;

No total participaram da pesquisa oito professores da escola. Entre eles tinham 3 professores homens e 5 mulheres. A entrevista ocorreu de forma individualizada para que se pudesse compreender e interpretar de maneira aberta e detalhada suas experiências, seus sentimentos e opiniões acerca do fenômeno bullying.

Segundo Campoy (2019, p. 353) a entrevista em profundidade é “[...] flexível e dinâmica, que permite recorrer a uma grande quantidade de informação de uma maneira mais próxima e direta entre o entrevistador e o entrevistado, onde se manifestam as emoções, sentimentos e pensamentos”.

5.6.3. Alunos do 9º ano D

Participaram da pesquisa 30 alunos, entre eles tinham 17 meninos e 13 meninas com idades entre 14 e 18 anos. Os alunos foram selecionados pensando no fato de que eles estão envolvidos diretamente com muitos casos de bullying que ocorrem na escola, sejam como

agressores, vítimas ou telespectadores, por isso a participação deles se mostra essencial neste estudo.

Sobre a escolha do ensino fundamental, se justifica por acolher alunos em tenra idade com registros de condutas violentas com perspectivas de prejuízos ao trabalho docente e à aprendizagem, portanto, condutas danosas à própria escolarização. Além de se examinar como esses alunos veem essa questão do ponto de vista pessoal e escolar, principalmente nos fatores que predisporiam situações dessa natureza.

Um dos fatos mais importantes para selecionar essa turma (9ºano D) para a pesquisa, se refere ao fato de existirem muitos relatos de bullying nessa turma. Dentre as turmas do Colégio, ela está entre as que mais praticam e sofrem bullying.

Para selecionar os alunos estabelecemos também os seguintes critérios:

- Serem alunos da turma do 9º ano D;
- Demonstrarem interesse em participar da pesquisa;

5.7 Técnicas e Instrumentos da Coleta de Dados

A escolha das técnicas e instrumentos de coleta de dados de uma pesquisa é um passo fundamental para que o pesquisador consiga obter sucesso ao final de todo o processo. Há um conjunto de fatores que devem ser observados no tocante ao problema a ser estudado. É o que explicita Lakatos (2003, p. 17) “relacionado com o problema a ser estudado; a escolha dependerá dos vários fatores relacionados com a pesquisa, ou seja, a natureza dos fenômenos, o objeto da pesquisa, os recursos financeiros, a equipe”.

Diante do que afirma Lakatos, pode-se dizer que a escolha dos instrumentos utilizados nesta pesquisa foi muito cuidadosa, seguindo aos critérios elencados pelo citado autor, com a preocupação de que ao final da aplicação de todos os instrumentos, no momento da análise dos resultados, os objetivos, tanto o geral, quanto os específicos sejam alcançados.

Para a realização da coleta de dados nesta investigação, cujo objetivo é analisar os reflexos da prática do bullying escolar no desenvolvimento dos alunos do 9º ano D do Colégio Estadual José Cândido Rosa, na cidade de Aragoiânia-Go, considerando que os dados não são passíveis de quantificação, mas oriundo das realizadas pela pesquisadora, por meio das técnicas de Entrevista aberta para os professores e Questionário semiestruturado para os alunos. Dessa forma, o uso dessas técnicas torna possíveis o estudo do fenômeno em questão.

De acordo com Campoy (2018, p. 177): “o ponto de partida de um questionário passa pelo seu planejamento, pois o pesquisador reflete e concretiza suas ideias e crenças em relação ao problema do estudo.” A partir dessa preocupação, foi que houve a escolha desta técnica, visando a atender a um público maior, referindo-se neste caso, aos 30 estudantes do 9º ano, na intenção de que esta fosse capaz de atender às expectativas desta pesquisa.

Outra técnica escolhida foi a entrevista aberta, a qual concretizou-se com os professores do 9º ano. Para esta técnica, Campoy tem o seguinte posicionamento:

A entrevista em profundidade é uma técnica qualitativa utilizada com maior ou menor profundidade, flexível e dinâmica, que permite recolher uma grande quantidade de informações de uma maneira mais próxima e direta entre o entrevistador e o entrevistado, em que se põe a manifestação das emoções, sentimentos e pensamentos (Campoy, 2018, p. 348).

Com base nas citações acima, percebe-se que a técnica de questionário semiestruturado e entrevista aberta é de grande importância, pois proporciona um momento onde o investigador consegue obter informações importantes sobre o tema em estudo, no tocante aos atores sociais envolvidos na pesquisa. Nesse sentido, a seguir será explicado mais detalhadamente cada uma das técnicas e instrumentos.

5.7.1 Entrevista aberta

A entrevista aberta é a técnica utilizada quando queremos obter dados para a elaboração da pesquisa, para dar resposta aos objetivos. Para Richardson (1999), entrevista é uma das mais comuns e poderosas maneiras que utilizamos para tentar compreender nossa condição humana. Para este mesmo autor, a entrevista tornou-se técnica clássica de obtenção de informações nas ciências sociais, com larga adoção em áreas como sociologia, comunicação, antropologia, administração, educação e psicologia.

Entrevista aberta: se caracteriza por ter um tema central que flui livremente, enquanto o entrevistado define a resposta segundo seus próprios termos, utilizando como referência seu conhecimento, percepção, linguagem, realidade, experiência. De acordo com Lakatos (2003), nas entrevistas abertas ocorrem “um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional”. Aqui as questões são formuladas com a finalidade de se obter dados para a pesquisa.

A entrevista aberta foi aplicada para os 8 professores do 9º ano D, que responderam espontaneamente, dentro da mais absoluta liberdade, no local em que ocorreu a pesquisa. As perguntas foram abertas e puderam ser respondidas dentro de uma conversação informal. Nesse sentido, os participantes da pesquisa foram entrevistados individualmente, de forma dialogada e as informações foram coletadas de forma escrita, não havendo qualquer interferência externa nas questões específicas sobre a temática em debate.

Entende-se como uma das partes mais importantes da pesquisa a preparação da entrevista, pois esta requer tempo e exige alguns cuidados, tais como: o planejamento da entrevista, que deve ter em vista os objetivos a serem alcançados, a escolha dos entrevistados, que nesse caso são os professores do ensino fundamental, que terão suas identidades mantidas em sigilo nesta pesquisa, bem como as suas confidências.

Nesse sentido, na Tabela 3 estão descritos o caminho percorrido para a montagem da entrevista (aberta) para os professores.

Tabela 3 – Etapas e passos da entrevista aberta.

ETAPAS	PASSOS
<i>Planejamento da entrevista</i>	Evidenciou-se os objetivos da pesquisa
	Considerou-se as especificidades da área
	Escolheu-se o formato de entrevista aberta
<i>Dar forma a entrevista</i>	Para cada objetivo determinou-se o conteúdo de cada pergunta
	Decidiu-se sobre o formato de cada pergunta
<i>Texto das perguntas</i>	Determinou-se como as perguntas seriam redigidas
	Avaliou-se cada uma das perguntas

Fonte: Elaborado pela autora com base em Aaker (2001).

Destaca-se que a entrevista é uma das técnicas utilizadas para a coleta de dados na pesquisa qualitativa, bastante indicada para quase todos os tipos de pesquisas na área das ciências sociais, devendo estar atento à interação que permeia a entrevista que acontece entre o entrevistado e o entrevistador, tendo como instrumento o roteiro de entrevista. Desse modo, na entrevista as questões são respondidas, através de uma conversa, cuja finalidade é a coleta de dados sobre a realidade dos fatos e fenômenos. Lakatos e Marconi (2003, p. 80)

descrevem que na entrevista ocorre “um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional”.

Nessa perspectiva, a pesquisadora teve o cuidado de minuciosamente estudar a formulação das perguntas tanto no que diz respeito a objetividade com a clareza das questões e de sua intencionalidade compatibilizando a entrevista, norteando as perguntas para o real alcance dos objetivos propostos pela pesquisa. Buscou-se com a entrevista extrair a percepção dos professores pesquisados sobre suas vivências quanto ao tema do bullying escolar, para então descrever e interpretar os dados de maneira objetiva e, assim validar e dar consistência à questão da pesquisa de forma clara e consistente, garantindo o anonimato dos participantes e respondentes da pesquisa.

5.7.2 Questionário Semiestruturado

Um questionário semiestruturado pode ser definido como um conjunto de perguntas, que obedecem a uma sequência lógica, sobre variáveis e circunstâncias que se deseja descrever. O questionário semiestruturado pode ser aplicado para que um povo seja conhecido em suas crenças, conhecimentos, representações e informações pontuais ou para questões a respeito do meio em que vivem (Miranda, 2020). Apesar das respostas serem capturadas direto da fonte, não é uma tarefa fácil a aplicação de questionários. Até que se alcance uma boa ferramenta, nos bastidores existem muita cautela e muitos estudos (Medeiros; Neto; Zotto, 2000).

Para Campoy (2018, p. 171), o questionário é uma técnica qualitativa utilizada com maior ou menor profundidade e dinâmica, que permite recolher uma quantidade de informações de uma maneira mais próxima e direta.

Vieira (2009) aponta não é fácil elaborar um bom questionário. Pois, antes da construção é necessário que se leve em consideração os objetivos e o público-alvo, depois disso, é necessário se ater ao passo-a-passo de construção em si. Segundo Gil (2014) as etapas para construção de um bom questionário são: especificação dos objetivos da pesquisa, conceitualização e operacionalização das variáveis, familiarização com as formas de expressão do grupo, estruturação do grupo e só então a aplicação do questionário.

A utilização do questionário como instrumento de pesquisa apresenta diversas vantagens. Uma vantagem amplamente citada pelos autores é a economia de tempo, uma vez que é mais rápido o processo de coleta, análise e tratamento dos dados, e também de recursos

em termos de pessoal, no que concerne ao treinamento (não exigido para os pesquisadores) e trabalho de campo (Oliveira et al., 2016). Além disso, Oliveira et al (2016) ressalta que as respostas são mais rápidas e precisas, rapidez que é particularmente vantajosa para pesquisas que necessitam de resultados rápidos ou para estudos em que a temporalidade das respostas é relevante. E apesar dessas facilidades o método proporciona a agregação de um número elevado de questões, o que possibilita obter maiores informações sobre os inquiridos.

No Tabela 4 abaixo têm-se as etapas e os passos seguidos para a montagem do questionário semiestruturado no Colégio Estadual José Cândido Rosa.

Tabela 4 – Etapas e passos do questionário semiestruturado.

ETAPAS	PASSOS
<i>Planejamento do que seria mensurado</i>	Evidenciou-se os objetivos da pesquisa
	Definiu-se o assunto da pesquisa no questionário
	Buscou-se informações adicionais sobre bullying a partir de fontes de dados secundários
	Determinou-se o que seria perguntado sobre o assunto da pesquisa.
<i>Dar forma ao Questionário</i>	Para cada objetivo determinou-se o conteúdo de cada pergunta
	Decidiu-se sobre o formato de cada pergunta
<i>Texto das perguntas</i>	Determinou-se como as questões seriam redigidas
	Avaliou-se cada uma das questões em termos de sua facilidade de compreensão, conhecimentos e habilidades exigidos, e disposição dos respondentes.
<i>Decisões sobre Sequenciamento e Aparência</i>	As questões foram dispostas em uma ordem adequada.
	Agrupou-se todas as questões de cada subtópico para obter um único questionário.

Fonte: Elaborado pela autora com base em Aaker (2001).

O Questionário Semiestruturado foi aplicado a 30 alunos do 9º D, entre eles tinham 17 meninos e 13 meninas com idades entre 14 e 18 anos. Os alunos foram selecionados pensando no fato de que eles estão envolvidos diretamente com muitos casos de bullying

que ocorrem na escola, sejam como agressores, vítimas ou telespectadores, por isso a participação deles se mostra essencial neste estudo.

Outra preocupação da pesquisadora foi instituir de forma concisa os dados do questionário semiestruturado, ou seja, as perguntas, tanto no sentido de facilitar a compreensão dos respondentes, quanto apropriar os dados de forma intrínseca associando-os à metodologia e a teoria detalhando como o questionário deveria ser respondido para que, de forma natural, eles representem a percepção dos alunos pesquisados sobre a visão e a relevância das informações para consolidar os objetivos propostos pela pesquisa.

No mais, é importante enfatizar que para que um questionário (semiestruturado) como instrumento de coleta de dados ofereça os resultados desejados, deve ser bem planejado de modo a não deixar dúvidas dos respondentes, fundado em questões fundamentadas em consonância com a intencionalidade da pesquisadora e em consonância com os objetivos da pesquisa e também compreender o ambiente dos respondentes e a capacidade de resposta deles.

5.8 Validação dos Instrumentos

A elaboração dos instrumentos de pesquisa (Questionário Semiestruturado e Entrevista Aberta) e sua validação oportunizam a possibilidade de o pesquisador coletar dados objetivos e subjetivos, para lograr evidências científicas que possam proporcionar mudanças na prática de procedimentos que poderão diminuir os riscos aos quais os participantes estão expostos. Segundo Campoy (2016, p. 89), “a respeito da validade das técnicas, se entende que a validação é um processo contínuo que inclui procedimentos diferentes para comprovar se uma entrevista mede o que disse realmente medir”. Diante disso e com propósito de aferir o ajustamento, da compreensão e uniformidade entre as questões propostas e os objetivos estabelecidos a cada questão elaborada.

Dessa forma, para a validação dos instrumentos de coleta de dados da turma do 9º ano D do CEJCR, foi um Questionário Semiestruturado para 30 alunos, com 20 questões objetivas e subjetivas. As questões **1 a 6**, são respaldadas no **1º Objetivo Específico**: Identificar os principais tipos de bullying escolar e locais de maior ocorrência na turma do 9ºano. As questões **7 a 14**, possui como base o **2º Objetivo Específico**: Verificar junto aos alunos e professores do 9ºano sobre os principais problemas de relacionamento, violência do bullying, discriminação que os alunos vivenciam no ambiente escolar. As questões **15, 16 e 17** ressalta investigações com relação ao **3º Objetivo Específico**: Conhecer se a escola

dispõe de um plano de ação ou intervenção para conscientizar os alunos sobre os reflexos da prática violenta do bullying e as questões **18, 19 e 20** refere-se ao **4º Objetivo Específico**: Descrever as consequências do bullying no desenvolvimento dos alunos do 9ºano. Outro instrumento para validação foi o da Entrevista Aberta para 8 Professores, com 13 questões estruturadas, sendo da nº **1 a 4** referentes ao 1º objetivo específico; da nº **5 a 7** respaldadas ao 2º objetivo específico; da nº **8 a 10** relacionadas ao 3º objetivo específico e da **11 a 13** refere-se ao 4º e último objetivo específico.

Logo depois dessa primeira fase, os instrumentos de pesquisa foram apresentados para validação. Seguindo as orientações dadas por Campoy (2016, p.199), que diz que: “avaliar as propriedades psicométricas de um instrumento resulta basicamente determinar a qualidade de sua medição. Existem duas características métricas essenciais para valorizar a precisão de um instrumento são: a validade e a confiabilidade”. O processo de validação desses instrumentos passou pela análise e possíveis sugestões que se torne relevante para pesquisa. A **validação** se deu por três (3) professores doutores, brasileiros, da área de educação: Doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília; Doutor em Ciência da Educação pela UAA e a Doutora em Educação pela PUC-RS.

Os especialistas seguiram dois critérios estabelecidos para validação: - Coerência, na qual estabelece que as perguntas devem estar correlacionadas com os objetivos dessa pesquisa. - Clareza, nesse ponto foi observado se as perguntas proporcionariam compressão por parte dos entrevistados. O resultado da análise dos três doutores garantiu a validação dos instrumentos: **questionário semiestruturado** (alunos) e **entrevista aberta** (professores), pois de acordo com os mesmos, os instrumentos elaborados para a realização da pesquisa de campo atendem os propósitos metodológicos de coleta de dados com questões claras e coerentes aos objetivos específicos e sem violar os princípios éticos de pesquisa. Entretanto, foi **sugerido** pela Doutora PUC-RS duas pequenas modificações (palavras) nas questões, mas deixando a critério de análise da professora orientadora, a qual concordou e permitiu fazer as duas alterações, por considerar que as duas questões ficam mais coerente.

Ademais, a ação foi considerada positiva, o que permitiu a aplicação dos instrumentos com resultados satisfatórios para o levantamento dos dados e análise dos resultados da pesquisa.

5.9. Procedimento para Coleta de Dados

Para a coleta de dados, inicialmente ocorreu o contato com o colégio onde a pesquisadora atua e desejou realizar a pesquisa, tratou-se sobre o trabalho de campo, e foi esclarecido a direção sobre os fundamentos e as operações da pesquisa. Foram explicados os objetivos do estudo, a fim de se conseguir confiança e colaboração do corpo gestor da Escola, o que foi possível após as informações solicitadas.

O formulário de autorização para pesquisa foi assinado pela Gestora do Colégio, sendo possíveis as ações seletivas dos sujeitos participantes do questionário semiestruturado e da entrevista aberta e os demais encaminhamentos (alunos do 9º ano D). Nesse primeiro momento, a coordenação pedagógica incumbiu-se de dar prosseguimento na definição dos alunos e professores e nos respectivos contatos para, em data posterior, serem apresentados à instrutora da pesquisa. No segundo contato, foi possível encontrá-los, oportunidade em que foram esclarecidos os processos e os objetivos da pesquisa e a disposição deles em contribuir. Assim, foram tratadas das questões da aplicação do questionário aos alunos, e em seguida a entrevista com os professores.

Todas as ocorrências de bullying na turma possuem perspectivas de prejuízos ao trabalho docente e à aprendizagem dos estudantes, portanto são condutas danosas à própria escolarização. Na fase de levantamento de dados, foi adotada a técnica de entrevista aberta e questionário semiestruturado, formados por questões organizadas previamente para serem respondidas pelos alunos e professores.

5.10. Técnicas de Análise: Interpretação dos dados

O último passo do processo de análise e interpretação dos dados, conforme classificação apresentada por Gil (1999), diz respeito à interpretação dos dados propriamente dita. A análise e a interpretação são dois processos da pesquisa que estão estreitamente relacionados, o que dificulta precisar onde termina a etapa da análise e começa a da interpretação. A interpretação dos dados na pesquisa social refere-se à relação entre os dados empíricos e a teoria. É recomendável que haja um equilíbrio entre o arcabouço teórico e os dados empiricamente obtidos, a fim de que os resultados da pesquisa sejam reais e significativos.

A técnica de análise de dados e a interpretação dos mesmos permite ao pesquisador examinar o material que foi coletado através das técnicas de entrevistas abertas para

professores e questionário semiaberto para alunos, observando possíveis falhas ou dúvidas, para logo em seguida expor os significados encontrados, os resultados e as conclusões obtidas com a pesquisa de campo.

Para Mascarenhas (2012, p.48) “[...] o objetivo da análise é medir a frequência dos fenômenos e entender a relação entre ele”. O autor destaca a importância da análise em um processo de pesquisa, especificamente no contexto de medir a frequência dos fenômenos e compreender suas relações e menciona que o objetivo da análise é alcançar uma compreensão mais profunda, e para isso, é necessário realizar um trabalho minucioso na organização e tratamento comparativo dos dados coletados durante a investigação.

Interpretar os dados consistiu em examinar o material colhido nos questionários semiestruturado e na entrevista aberta, verificou-se possíveis falhas, erros ou dúvidas para posterior exposição dos significados encontrados ao longo da pesquisa. Em geral, a interpretação significa dar significado ao material apresentado em relação aos objetivos propostos referente à temática.

Desse modo, os dados foram analisados e interpretados. O processo interpretativo e analítico foi desenvolvido por meio de discurso indireto, observando-se o que cada entrevistado comentou no âmbito de cada temática, assim como alunos no questionário. Ao término do processo argumentativo de cada temática, e com base na condição inferencial da análise (Bardin, 2011), sublinhou-se a ideia predominante da discussão para efeito comparativo com as percepções dos professores e alunos e se deduziram os achados necessários à resposta ou respostas do objeto da pesquisa. Assim, a análise será realizada por meio de categorias.

5.11. Ética da pesquisa

A ética na pesquisa não se restringe à relação entre pesquisador e os sujeitos ou os participantes da pesquisa. Segundo Gil (2008), a ética perpassa todo o processo investigativo. Diz respeito desde a simples escolha do tema ou da amostra, ou ainda, dos instrumentos de coleta de informações. Estas opções exigem do pesquisador um compromisso com a verdade e um profundo respeito aos sujeitos que nele confiam. Da mesma forma, a análise das informações e a produção das conclusões exigem do pesquisador cuidado ético.

Dessa forma, para o início da pesquisa foram adotados todos os procedimentos éticos necessários. Foi informado aos participantes sobre as finalidades da pesquisa, os

procedimentos de coleta de informações e como estas seriam utilizadas e divulgadas pelo pesquisador. Dessa forma, os sujeitos puderam aderir voluntariamente aos projetos de investigação, cientes da natureza do estudo e dos perigos e das obrigações nele envolvidos.

Após os esclarecimentos sobre os objetivos e intenções da pesquisa, todos os participantes foram convidados a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, possibilitando a participação de forma voluntária e assegurada a garantia de anonimato pessoal nos textos produzidos com fins exclusivamente acadêmicos. O risco de identificação foi minimizado com a exclusão de registros pessoais que pudessem ligar o relato ao seu autor. Não houve qualquer desrespeito à privacidade dos sujeitos envolvidos, sendo da escolha dos participantes as informações fornecidas nas entrevistas e questionários.

Desta forma, garantirá o acesso aos resultados individuais e coletivos, minimizará desconfortos, garantiu local reservado e liberdade para não responder questões constrangedoras, esteve atento aos sinais verbais e não verbais de desconforto. A pesquisa assegurará a confidencialidade e a privacidade, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas, garantirá que o estudo será suspenso imediatamente ao perceber algum risco à saúde do sujeito participante e serão respeitados os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, bem como os hábitos e costumes dos participantes voluntários da pesquisa. Os alunos participantes do questionário semiestruturado serão identificados apenas como “alunos” e suas respostas foram descritas como R1, R2 (resposta 1 e resposta 2) e assim sucessivamente, Quanto aos participantes da entrevista (professores) serão identificados por códigos, sendo eles: P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7 e P8 (professor 1...).

6. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Esta é a etapa da pesquisa onde se apresenta a análise, interpretação e discussão dos dados obtidos pelos instrumentos de pesquisa utilizados no trabalho. Sabe-se que a base da discussão dos resultados se encontra na fundamentação teórica estudada para atendimento de todo andamento da pesquisa. Logo após a coleta de dados, se prossegue com a análise dos resultados e sua interpretação dos resultados, os quais representam o cerne da pesquisa.

Desse modo, serão apresentados os resultados e as análises acerca do bullying no ambiente escolar, os dados serão sistematizados a partir do questionário semiestruturado aplicado aos alunos e a entrevista aberta realizada com os professores. Análise de Conteúdo, na concepção de Bardin (2011, p. 147) “são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão das características comuns destes elementos”.

Dessa forma, os dados coletados permitiram a realização de reflexões pertinentes e significativas para elaborar a conclusão do estudo realizado. Nessa perspectiva, a metodologia utilizada, conforme descrita na parte anterior, deu suporte para caracterizar e detalhar o objeto de estudo da presente pesquisa, estando condizente com cada objetivo já referendado, nos quais possibilitaram interpretações e reflexões sobre o tema.

É importante salientar que a análise que segue nesta parte se refere a todas as perguntas do questionário semiestruturado aplicado e da entrevista aberta realizada. Essa preferência justifica-se pela pretensão que se possui em juntar os dados obtidos com ela em uma pesquisa empírica voltada para a análise do bullying escolar e da utilização de estratégias didáticas desenvolvidas na escola frente a essa temática.

As categorias foram criadas por meio de palavras-chave que foram baseadas nos objetivos específicos deste estudo. Dessa forma, configuram-se para esta pesquisa, quatro categorias de análises conforme objetivos específicos. Na categoria 1: serão avaliadas as primeiras impressões acerca do bullying escolar, tipos e locais de ocorrência. Na categoria 2: principais problemas de relacionamento vividos entre os alunos. Na categoria 3: as ações e intervenções realizadas pelo colégio. Na categoria 4: as consequências do bullying escolar.

Tanto a entrevista aberta, como o questionário semiestruturado, foram descritos de acordo com a interpretação do conteúdo das perguntas, a compreensão dos mesmos com base nos conceitos teóricos, com o propósito de uma breve descrição da categoria formulada após a realização da unidade de registro e a unidade de contexto pela pesquisadora.

As categorias foram construídas e nomeadas em sintonia com os dados obtidos a partir da pesquisa realizada e, por isso, estão condicionadas a subjetividade do pesquisador quanto a sua identificação. Após a apresentação e discussão das categorias 1 e 2, foram levantadas as categorias 3 e 4, que surgiram do agrupamento das categorias iniciais, que foram construídas através das falas dos participantes.

Nesse sentido, as categorias escolhidas estão descritas abaixo:

Categoria 1	Categoria 2	Categoria 3	Categoria 4
Primeiras impressões acerca do bullying escolar, tipos e locais de ocorrência	Principais problemas de relacionamento e discriminação vividos entre os alunos	Ações do colégio para enfrentamento do bullying	Principais consequências do bullying no desenvolvimento dos estudantes do 9º ano

As categorias que foram definidas constituíram para dar base ao processo de análise dos dados em discurso indireto, articulados com o referencial teórico. No fim de cada discussão, destacou-se por inferência a ideia central da categoria abordada, conforme orientação metodológica (Bardin, 2011).

Organizadas as categorias, procedeu-se à análise dos depoimentos dos participantes. Foram 8 professores participantes da pesquisa, sendo 5 mulheres e 3 homens, todos eles dão aula na turma do 9º ano D do Colégio Cândido Rosa, sobre o tempo de atuação dos professores variam entre 5 e 20 anos.

Sobre o questionário semiestruturado, foi aplicado a 30 alunos do 9º ano D do Colégio Cândido Rosa. O questionário semiestruturado, foi previamente elaborado com 20 perguntas, (sendo 4 delas abertas e 16 de múltipla escolha), para posterior organização da categoria e inferencial, conforme as diretrizes metodológicas da pesquisa. Entre os participantes tinham 13 meninas e 17 meninos, destes, 16 alunos tem 14 anos; 8 alunos tem 15 anos ; 4 tem 16 anos, 1 aluno tem 17 anos e 1 aluno tem 18 anos.

O levantamento do perfil dos participantes pesquisados foi de fundamental importância para que se tivesse um conhecimento dos envolvidos no estudo, no sentido de compreender os interesses de cada pesquisado pelo assunto abordado.

Categoria 1: “Primeiras impressões acerca do bullying escolar, tipos e locais de ocorrência.”

A primeira categoria de análise foi sobre as primeiras impressões acerca do bullying escolar, tipos e locais de ocorrência. Para responder essa categoria foram elaboradas 6 questões (1 a 6) no Questionário Semiestruturado. Elas abordaram:

A primeira pergunta do questionário semiestruturado para os alunos, **foi aberta** e abordou: **Questão 1- “Para você, o que é bullying?”** As respostas para essa pergunta se repetiram muitas vezes, assim, selecionou-se as respostas de cinco alunos, que foram a média das respostas mais citadas entre eles:

R1: *“É uma agressão em forma de ações e palavras.”*

R2: *“É o ato de maltratar verbalmente e fisicamente as pessoas, deixando-as desconfortáveis com traumas e inseguranças.”*

R3: *“É agredir as pessoas de forma injusta, seja verbalmente ou fisicamente.”*

R4: *“É intimidar e agredir, ofender, xingar e humilhar o outro.”*

R5: *“É a violência física e verbal, é a discriminação, apelidos, etc.”*

Figura 15 – O que é bullying para os alunos do 9º ano, as palavras mais citadas.



Fonte: Autora, 2024.

Com essa questão, é possível perceber que os alunos possuem uma ideia muito objetiva e parecida sobre o que é o bullying e como ele acontece. A percepção dos alunos vai de acordo com a opinião de Pires (2013, p. 13) que descreve o bullying como:

[...] atos, palavras ou comportamentos prejudiciais, intencionais e repetidos. Dentre eles estão: ofensas à integridade física, moral, humilhações, difusão de boatos, exposição ao ridículo, agressões físicas e psicológicas que levam a vítima a manter o sofrimento em silêncio. A ação mais preocupante é a violência sutil, velada, mascarada ou invisível, por se passar despercebida.

Sabe-se que o bullying é um fenômeno complexo que ocorre em diferentes formas e contextos (físico, verbal e escrito, ou psicológico).

A Questão 2 do questionário semiestruturado foi uma questão: ***“Você já sofreu, ou sofre, bullying no Colégio Estadual José Cândido Rosa?”***

Para essa pergunta, 10 alunos responderam que sim, mas apenas uma vez, 13 alunos responderam que sim e várias vezes, e 7 alunos responderam que nunca sofreram bullying no colégio.

Por meio dessa questão percebe-se que é uma minoria de alunos que nunca sofreram bullying no colégio, sendo apenas 7 alunos do total de 30. Estes resultados corroboram com o estudo de kaminski (2020), onde constatou-se que nem todos os alunos sofrem bullying, e nem todos que sofrem, sofrem igualmente. A pesquisa mostrou que os estudantes pertencentes a vários grupos minoritários são frequentemente mais propensos a sofrer bullying. Esses grupos incluem estudantes com deficiência, estudantes LGBT, estudantes de minorias religiosas e estudantes de minorias raciais.

A Questão 3 do questionário semiestruturado perguntou: ***“Você sofreu que tipo de bullying?”***

As respostas variaram bastante e muitos alunos marcaram até mais de uma opção de agressão. 19 alunos marcaram “agressão verbal” (apelidos pejorativos, insultos, ofensas, xingamentos, zoações); 3 alunos marcaram “agressão física direta” (arranhões, beliscões, chutes, empurrões, socos, surras); 10 alunos marcaram agressão física indireta (objetos pessoais escondidos, quebrados, roubados); 1 aluno respondeu “ameaças” (Ameaças com chantagens, ameaças com faca, ameaças com pau); 9 alunos marcaram “exclusão social” (ignorado(a), isolado(a), excluído(a), humilhado(a), discriminado(a)); 7 alunos disseram que “nunca sofreram bullying na escola”.

Nota-se que a agressão verbal por meio de apelidos pejorativos, insultos, ofensas, xingamentos etc., é o tipo de bullying mais praticado na escola, seguida por agressão física indireta e exclusão social. Isso pode ter relação com o fato de que a agressão física direta deixa os envolvidos mais em evidência, podendo ser punidos mais facilmente, enquanto, muitas vezes, os outros tipos de agressão passam despercebidos aos demais.

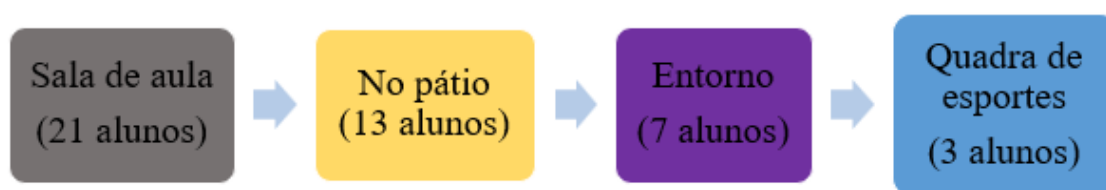
Outros estudos como o de Man et al. (2022) corroboram com essa afirmação e destaca que, especificamente na sala de aula, as manifestações diretas envolvendo agressões físicas são mais raras, porque tendem a suscitar consequências disciplinares imediatas e mais severas, acredita-se que, nesse ambiente, a tônica seja a da violência verbal, que nem sempre é vista como prejudicial ou que precise de intervenção mais rigorosa. Assim, em sala de aula, supõe-se que os alunos, de forma geral, independentemente do sexo, se inclinam mais a esse tipo de agressão.

A **Questão 4** do questionário semiestruturado foi relacionada ao sexo do agressor: **“O seu agressor era?”**. 5 alunos responderam feminino, 4 alunos responderam masculino e 16 alunos responderam que eram ambos os sexos.

No que tange ao sexo dos agressores, a resposta dos alunos não vai de acordo com os dados da literatura, que demonstram que o gênero masculino sofre e pratica mais do que o feminino. Os estudos, ainda, sugerem que as meninas tendem a se envolver mais em episódios de *bullying* indireto, seja espalhando rumores ou provocando o isolamento de colegas, enquanto os meninos, nas formas diretas, tais como empurrar, chutar e agredir fisicamente.

A **Questão 5** do questionário semiestruturado abordou os locais de ocorrência do bullying na escola, foi perguntado: **“Em quais locais do colégio já visualizou alguma violência do bullying?”** As respostas estão na Figura 15 abaixo.

Figura 16 – Locais de ocorrência do bullying na escola.



Fonte: Autora (2024).

A **Questão 6** do questionário semiestruturado, tendo relação com a questão 5, a questão 6 que também foi aberta perguntou: **“O que fizeram os alunos que presenciaram?”** Chamaram o professor, coordenação ou direção, foi a resposta dada por 5 alunos, em

contrapartida, 16 alunos responderam que filmaram para postar nas redes sociais, 6 alunos separaram a briga e 7 alunos responderam que não fizeram nada.

Percebe-se uma problemática nessa questão, já que a maioria dos alunos não ajudariam ou não saberiam ajudar a vítima de *bullying*. Pode ser difícil para os pais ou pessoas com funções de autoridade (professores, treinadores, chefes) identificar se alguém está sendo intimidado – ou intimidando outra pessoa – porque muitas vezes isso ocorre fora da vista deles. É por isso que é útil que os colegas saibam quando e como ajudar caso percebam que alguém está sendo intimidado.

Tendo isso em vista, enfatiza-se que os jovens que vivenciam ou testemunham o *bullying* devem ser incentivados a denunciar os incidentes aos seus professores ou outras figuras de autoridade. As crianças não devem ser encorajadas a reagir com violência contra os agressores.

As perguntas acima foram as que tiveram relação direta com a categoria 1. Agora serão analisados os resultados dessa **Categoria 1 “Primeiras impressões acerca do bullying escolar, tipos e locais de ocorrência.”** com base na **Entrevista Aberta com os Professores**, correspondendo as questões **1 a 4**:

A **Questão 1** da Entrevista Aberta foi: *“Pra você o que é bullying escolar?”*

O professor P1 respondeu: *“Bullying é toda forma de violência física ou psicológica em atos de humilhação ou discriminação.”*

O professor P2 respondeu: *“Para mim, bullying é uma manifestação negativa de colegas no mesmo ambiente, em forma de agressão física ou verbal.”*

O professor P3 respondeu: *“É todo ato ou ação de violência física ou psicológica, repetidas várias vezes contra uma pessoa ou grupo.”*

Já o professor P4 afirma: *“É um ato de violência que pode ser física ou psicológica onde o agressor tem o objetivo de humilhar ou discriminar com gestos ou palavras.”*

O professor P5 diz que: *“Quando há violência física ou psicológica em atos de humilhação ou discriminação.”*

O professor P6 foi mais direto e disse apenas que: *“É todo ato de violência física ou psicológica.”*

O professor P7 afirma: *“Ato intencional com objetivo de intimidar uma pessoa.”*

Por fim, o professor P8 destaca: *“É o ato de violência física ou psicológica seja intencional ou repetido contra um aluno ou grupo, com objetivo de agredir ou intimidá-lo causando dor.”*

Com base nessas respostas, percebe-se que os professores têm uma ideia muito clara e objetiva sobre o que é o *bullying*, assim como os alunos, as respostas se repetem várias vezes, tendo a mesma ideia. A grosso modo, os professores compreendem o *bullying* como comportamentos emitidos por algum sujeito ou grupo a outras pessoas com o objetivo de constrangê-las ou prejudicá-las. As agressões causam danos à vítima, que geralmente não tem condições de se defender por conta própria.

A Questão 2 da Entrevista Aberta, abordou: *“Quais os tipos de bullying que ocorrem no cotidiano escolar?”*

O professor P1 respondeu: *“Agressões verbais, piadinhas de mau gosto, brincadeiras desagradáveis.”*

O professor P2 respondeu: *“Agressão verbal e física, talvez psicológica.”*

O professor P3 respondeu: *“Verbal, apelidos, xingamentos e calúnias.”*

Já o professor P4 afirma: *“Xingamentos, palavras ofensivas, insultos e apelidos.”*

O professor P5 Diz que: *“O principal é o verbal, e é manifestado através de apelidos, xingamentos, etc.”*

O professor P6 foi mais direto e disse apenas que: *“Verbal, xingamentos, insultos, socos e chutes.”*

O professor P7 afirma: *“Os principais são apelidos.”*

O professor P8 disse: *“Apelidos, brincadeiras sem graça dos próprios alunos, aspectos sociais e financeiros e etnia racial.”*

De modo geral, percebe-se que os professores demonstraram conhecer as principais formas de manifestação do *bullying*, em termos da natureza das agressões (física, verbal e psicológica), conforme sugerem as respostas. Ao identificarem o que são as manifestações do *bullying* na sala de aula, os professores têm uma percepção que revela uma combinação entre as formas de agressão verbal e física, principalmente.

Na literatura há indicações de que o fenômeno pode efetivamente se manifestar dessa forma (combinada), havendo apontamentos de que, diante disso, uma intervenção precoce do professor, logo no momento em que percebe o início das ofensas verbais, por exemplo, pode romper o ciclo de intimidação ou retaliação iniciado nas interações dos alunos, naquele momento. Esse tipo de atuação tenderia a abrir brechas ao entendimento de todos quanto à incompatibilidade dos comportamentos hostis, vexatórios ou humilhantes no ambiente da sala de aula e escolar em razão do enfraquecimento dos estilos interacionais agressivos (Pereira, 2023).

A **Questão 3** da Entrevista Aberta foi: **“No colégio existe a prática do bullying escolar? Em quais locais do colégio já presenciou?”** As respostas estão descritas a seguir:

P1: “No pátio, nos corredores e até mesmo em sala de aula, com piadas desagradáveis, onde o professor intervém, mas, muitas vezes repetem a brincadeira.”

P2: “Muitas das vezes, ocorre dentro da sala de aula, onde tento conter fazendo apontamentos.”

P3: “No recreio escolar, na saída escolar.”

P4: “Na sala de aula, no pátio e no banheiro.”

P7: “Dentro da sala de aula e no pátio, hora do intervalo.”

P6: “Sala e pátio da escola.”

P7: “Principalmente na sala de aula.”

P8: “Na sala de aula, no intervalo do recreio e entre amigos.”

Percebe-se que professores e alunos tem a mesma percepção sobre os locais de ocorrência do bullying, sendo a sala de aula o local mais citado, seguido pelo pátio na hora do recreio.

A **Questão 4** da Entrevista Aberta foi: **“Aponte as principais causas de violência do bullying vivenciadas no ambiente de sua escola”** As respostas para essa pergunta foram mais variadas, como apresentado abaixo:

- Falta de acompanhamento familiar, falta de educação e falta de respeito (P1)
- As pessoas que praticam bullying costumam atacar pessoas que elas consideram diferentes de si (P2)
- Falta de educação, falta de acompanhamento familiar, e seguindo o exemplo dos outros. (P3)
- Insegurança, crises de ansiedade, falta de empatia (P4)
- A falta de investimento na educação (P5)
- Falta de compreensão e insegurança (P6)
- Falta de empatia e respeito ao próximo (P7)
- Brigas entre os alunos do colégio por esse motivo (P8)

Resumo final da categoria 1

Essa categoria trata de identificar **sobre as primeiras impressões acerca do bullying escolar, tipos e locais de ocorrência do mesmo no colégio**. Percebe-se que os alunos e os professores têm uma ideia muito clara e objetiva sobre o **conceito de bullying** e que as respostas se repetem várias vezes, tendo a mesma ideia, na qual o bullying é um fenômeno complexo que ocorre em diferentes formas e contextos (físico, verbal e escrito, ou psicológico). De modo geral, eles compreendem que o *Bullying é toda forma de violência física ou psicológica em atos de humilhação ou discriminação, onde as agressões causam danos à vítima, que geralmente não consegue se defender. E que o bullying são comportamentos emitidos por algum sujeito ou grupo a outras pessoas com o objetivo de constrangê-las ou prejudicá-las.*

Quanto se trata dos locais de ocorrência do bullying, outros estudos na literatura, como o de Ferreira (2023) relatam que existem lugares e situações no ambiente escolar onde a ocorrência de bullying parece ser maior, especialmente nos recreios, nesse sentido, o recreio um ambiente crítico, sobretudo quando é mal supervisionado. A sala de aula também tem sido apontada, em algumas pesquisas brasileiras, como um ambiente com elevada frequência de práticas de bullying. Desse modo, a realidade da escola ratifica-se a importância da figura do professor diante da problemática, uma vez que seu comportamento influencia os acontecimentos.

Em relação aos principais tipos de bullying escolar, os alunos e os professores demonstraram conhecer, em termos da natureza das agressões (**verbal, física e psicológica**), conforme sugerem as respostas. Nota-se que a agressão verbal por meio de apelidos pejorativos, insultos, ofensas, xingamentos etc., é o tipo de bullying mais praticado no colégio, seguida por agressão física indireta e exclusão social. Ao identificarem o que são as manifestações do *bullying* na sala de aula, os professores têm uma percepção que revela uma combinação entre as formas de agressão verbal e física, principalmente.

Percebe-se que professores e alunos têm a mesma percepção sobre os **locais de ocorrência do bullying** no colégio, sendo a sala de aula o local mais citado, seguido pelo pátio na hora do recreio.

É importante enfatizar que quando essas intimidações ocorrem no ambiente escolar, a instituição de ensino passa a ter responsabilidade e tem que agir para impedir qualquer violência. Em um ambiente como uma escola, que reúne um grande grupo de jovens, é

possível que diferenças entre os alunos deem origem a práticas inaceitáveis de discriminação.

Portanto, analisando os dados com base nas percepções compartilhadas por alunos e professores sobre o bullying escolar, é evidente que existe um entendimento claro e consistente sobre a natureza complexa desse fenômeno. Tanto os alunos quanto os professores reconhecem o bullying como uma forma de violência que pode se manifestar de diversas maneiras, incluindo agressões verbais, físicas e exclusão social. A predominância do bullying verbal, seguido por agressões físicas indiretas e exclusão social, destaca a necessidade de medidas preventivas e intervencionistas que abordem esses tipos específicos de comportamentos agressivos. Além disso, a identificação dos locais de ocorrência mais comuns, como a sala de aula e o pátio durante o recreio, sugere que intervenções direcionadas a esses ambientes podem ser especialmente eficazes na redução do bullying.

Porém é fundamental que as políticas e programas de prevenção ao bullying considerem as percepções dos alunos e dos professores, bem como as características específicas do ambiente escolar, a fim de implementar estratégias eficazes que promovam um ambiente escolar seguro e inclusivo para todos os estudantes.

Categoria 2: “Principais problemas de relacionamento e discriminação vividos entre os alunos.”

As primeiras perguntas dessa categoria 2 no **Questionário Semiestruturado** para os alunos, abordaram a questão dos principais problemas de relacionamento e discriminação vividos entre os alunos, (questão 7 a 14):

A **Questão 7** do questionário semiestruturado perguntou: “*Você já praticou bullying no Colégio Estadual José Cândido Rosa?*” seguida pela **Questão 8** que questionou: “*Você praticou:*”, para que os alunos pudessem enfatizar qual tipo de bullying teriam praticado.

Assim, sobre a prática do bullying, 22 alunos responderam que nunca cometeram, 2 alunos disseram que sim, 5 alunos responderam que sim, mas poucas vezes, e apenas 1 aluno disse que já praticou muitas vezes. Sobre qual tipo praticou, 6 responderam que praticaram agressão verbal, 1 aluno praticou agressão física direta, 3 alunos responderam agressão física indireta e 1 respondeu exclusão social. Novamente essas respostas chamam a atenção para o fato de que os alunos que praticam bullying, tem uma preferência por agressões verbais, do que agressões físicas.

A Questão 9- Sobre uma possível punição pela prática do bullying, questionou: **“Caso tenha praticado bullying, foi punido pelo professor ou coordenação por conta das agressões?”** Apenas 1 dos praticantes de bullying disseram que sofreram punições sempre, enquanto que 20 alunos responderam que nunca são punidos pelo bullying.

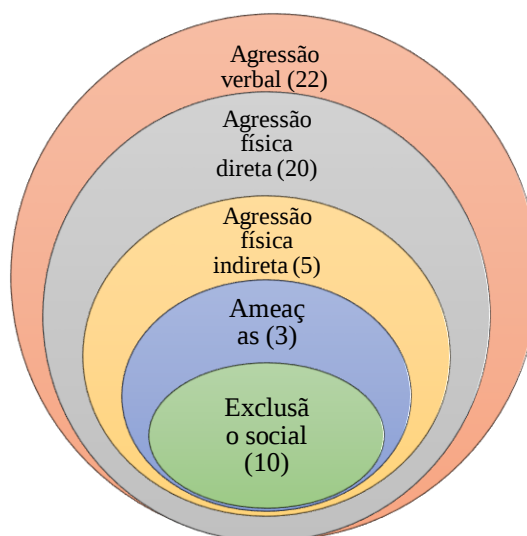
Percebe-se que esta questão traz uma problemática para a escola, que o fato de os praticantes de bullying não sofrerem punição por seu comportamento, reforçando a necessidade de medidas para combater o bullying na instituição, para que não se torne uma prática corriqueira, onde eles se sintam a vontade para agredir os colegas, acreditando que não serão punidos.

A Questão 10- Neste mesmo âmbito, essa questão do questionário semiestruturado perguntou: **“Quais são as providências tomadas pelo professor ou coordenador com relação aos atos de bullying?”** As respostas também não foram animadoras para a escola, pois 11 alunos disseram que apenas eram chamados a atenção, 6 alunos disseram que os professores não fizeram nada, 7 responderam que chamaram os responsáveis, e 6 deles disseram que receberam advertência/suspensão.

As Questões 11 e 12 tiveram relação direta, onde foram questionados: **“Você já presenciou o ato do bullying com outros alunos na sala de aula ou em outros ambientes do Colégio?”** e **“Você presenciou o bullying como?”**. 27 alunos responderam que já presenciaram, enquanto 3 alunos disseram nunca ter presenciado. Sobre os tipos de bullying que presenciaram, os alunos marcaram mais de uma opção já presenciada.

Os dados estão dispostos na Figura 16.

Figura 17 – Agressões presenciadas pelos alunos.



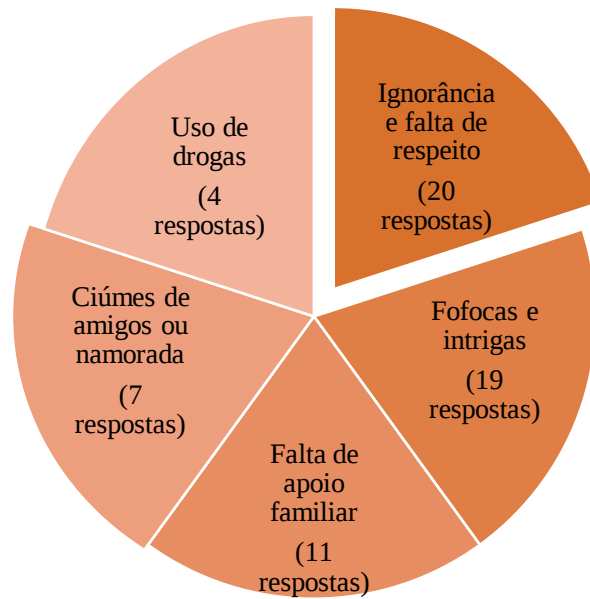
Fonte: Autora (2024).

A **Questão 13** abordou: *“Qual o comportamento dos professores quando ocorre a prática do bullying com alunos em sala de aula?”*. Para essa pergunta, tivemos 12 respostas para: *Conversam com os alunos envolvidos e chamam atenção*. 14 alunos marcaram a opção: *Conversam, chama atenção e os levam para a direção/coordenação*. 3 alunos disseram que os professores: *Apenas retiram da sua aula , não resolvendo o problema dos envolvidos*. E 4 estudantes marcaram a opção: *Não falam nada e continuam a aula*.

As respostas dessa questão reforçam a ideia de que ignorar o bullying pode aumentar os sentimentos de solidão e isolamento por parte da vítima. Além disso, ao não intervir, os professores toleram implicitamente o *bullying*, o que pode, por sua vez, desencorajar os alunos vitimados de denunciar o *bullying*. Nesse sentido, os professores precisam sentir-se capazes de lidar com situações de *bullying* e saber que estratégias utilizar em tais situações.

Estudos em vários países demonstraram que os professores que possuem os conhecimentos, competências e atitudes necessárias diante de uma situação de *bullying*, tiveram maior probabilidade de intervir (Neto et al., 2018). Além disso, os professores que se posicionam ativamente contra o *bullying* têm sido associados a níveis mais baixos de *bullying* na sala de aula.

A **Questão 14** do questionário semiestruturado abordou a seguinte problemática: *“Na sua opinião, o que leva os alunos a praticarem a violência do bullying na escola? Marque duas”*. As respostas estão descritas na Figura 17.

Figura 18 – Motivação para a prática do bullying.

Fonte: Autora, 2024.

Percebe-se aqui o quão variada podem ser as opções para que um aluno seja motivado a praticar o bullying. Além disso, os alunos se apegam a questões do seu dia a dia, como fofocas, ciúmes, falta de respeito, etc.

Ainda na **categoria 2** de análise **“Principais problemas de relacionamento e discriminação vividos entre os alunos.”** Agora será analisado as respostas da **Entrevista Aberta com os Professores** nessa categoria, correspondendo as **questões 5, 6 e 7** a seguir:

A **Questão 5** ou primeira pergunta dessa categoria abordou: **“Cite os principais problemas de relacionamento dos alunos em sala de aula.”**

O professor P1 respondeu: *“Falta de respeito, indisciplina, pegar material sem a permissão do colega.”*

O professor P2, respondeu: *“Roubo de material escolar, falta de respeito com o próximo.”*

O professor P3, respondeu: *“Uma prática comum está relacionada ao racismo e a classe social.”*

Já o professor P4, afirma: *“Desmotivação, falta de empatia e falta de respeito.”*

O professor P5, diz que: *“A ausência da família no ambiente escolar.”*

O professor P6, disse: *“Falta de respeito e xingamentos.”*

O professor P7, afirma: *“Desinteresse e desmotivação.”*

O professor P8, destacou que os problemas são: *“Comportamento agressivo verbal, piadas, apelidos e brincadeiras desnecessárias.”*

Ocorreu uma diferença significativa entre as respostas dos professores e dos alunos para essas questões, tanto sobre os problemas de relacionamento como as motivações com as repostas dos alunos. Percebe-se com essas respostas que os professores se voltam mais para as motivações práticas e para a raiz do problema, enquanto os alunos se apegam a pequenas questões do seu dia a dia, como fofocas, ciúmes e etc.

A Questão 6- Foi a segunda pergunta da categoria 2: *“Você já identificou em sala de aula algum caso de violência e discriminação que podem ser considerados bullying? Quais?”* Todos os professores responderam que sim, e sobre quais tipos de violência eles presenciaram, as respostas se combinaram, sendo citados principalmente a discriminação racial, a homofobia, xenofobia, ataques físicos, insultos e xingamentos.

Nesse sentido, ao perceberem as manifestações do *bullying* na sala de aula, os professores têm uma percepção que revela uma combinação entre as formas de agressão verbal e física, principalmente. Com isso, na literatura existe indicações de que o fenômeno pode efetivamente se manifestar dessa forma (combinada), havendo apontamentos de que, diante disso, uma intervenção precoce do professor, logo no momento em que perceba o início das ofensas verbais, por exemplo, pode romper o ciclo de intimidação ou retaliação iniciado nas interações dos alunos, naquele momento.

A Questão 7- Pensando nisso, essa questão aborda: *“Que atitudes pedagógicas os professores devem ter ao se deparar com a violência do bullying em sala de aula?”* As respostas estão descritas a seguir.

- *“Explicar sobre empatia e respeito” (P1);*
- *“Inibir imediatamente, e após fazer aulas onde levem a reflexão sobre o tema, conscientização (P2);*
- *“Primeiramente atuar na prevenção. Após isso, trabalhar a empatia e ficar atentos aos comportamentos dos alunos (P3);*
- *“Deve investir em conscientização e capacitação, por meio de eventos, palestras e feiras com explicações sobre o assunto” (P4.);*
- *“Conversar sobre o assunto para conscientizá-los da importância de respeitar o próximo” (P5);*

- *“Comentar sobre a problemática do bullying e as consequências que podem ser provocadas” (P6);*
- *“Canal de denúncias anônimas, palestras, vídeos educativos, etc.” (P7);*
- *“Podemos orientá-los, demonstração de vídeos e ações inibidoras, como palestras e canal de comunicação” (P8).*

No geral, as respostas dos professores refletem uma variedade de abordagens e estratégias para lidar com o bullying em sala de aula, desde a promoção de valores como empatia e respeito até a implementação de medidas concretas de prevenção e intervenção. Essas diferentes abordagens podem ser complementares e indicam a importância de uma abordagem multidimensional e colaborativa para enfrentar o bullying na escola.

Os professores embora tenham reconhecido a necessidade de conscientização e prevenção do bullying a longo prazo, as respostas dos professores sobre suas abordagens ao lidar com a prática do bullying variaram, e não ficou claro se estavam dispostos a intervir imediatamente diante de situações de bullying.

Embora tenham sido realizadas pesquisas mínimas sobre as respostas dos professores em situações de bullying, o estudo de Han et al. (2017) evidenciou que é muito comum alguns professores escolherem estratégias que provavelmente não serão eficazes, como aconselhar as vítimas a evitar o agressor ou aconselhar a vítima a lidar com o bullying por conta própria, porém, a questão tem que ser além, pois os professores que não encaram o bullying como um problema sério, ou que acreditam não possuir competências adequadas, têm menos probabilidades de intervir em situações de bullying.

Resumo final da categoria 2

A análise das respostas dos professores na categoria 2 revela diversas perspectivas sobre os problemas de relacionamento e discriminação entre os alunos. Como o da **Conscientização sobre o bullying**, onde os professores demonstram estar conscientes da existência e gravidade do bullying na escola, identificando uma variedade de formas e manifestações desse comportamento prejudicial. E o da **Diversidade de problemas identificados**, em que os problemas mencionados pelos professores vão além do bullying

tradicional e incluem questões como falta de respeito, indisciplina, roubo de material escolar, desmotivação e falta de empatia.

Se tratando dos principais problemas de relacionamento e discriminação vividos entre os alunos, tanto as respostas dos alunos quanto dos professores ofereceram perspectivas complementares sobre o tema, já que as respostas dos alunos se concentraram em questões do dia a dia, como fofocas, ciúmes e falta de respeito, destacando problemas mais imediatos e cotidianos. Por outro lado, os professores identificaram uma gama mais ampla de problemas, incluindo falta de respeito, indisciplina, roubo de material escolar, desmotivação e comportamentos agressivos.

Sobre as percepções do Bullying, os alunos relataram casos de bullying, principalmente através de agressões verbais, embora também tenham mencionado exclusão social e agressões físicas. Já os professores confirmaram a existência do bullying na escola e destacaram formas diversas de violência e discriminação, incluindo discriminação racial, homofobia, xenofobia, ataques físicos, insultos e xingamentos.

Quanto às abordagens e Intervenções: os alunos expressaram preocupação com a falta de punição para os praticantes de bullying e a ineficácia das medidas tomadas pelos professores após o bullying ocorrer. E os professores embora tenham reconhecido a necessidade de conscientização e prevenção do bullying a longo prazo, as respostas dos professores sobre suas abordagens ao lidar com o bullying variaram, e não ficou claro se estavam dispostos a intervir imediatamente diante de situações de bullying.

Em suma, as respostas dos alunos e professores destacam a complexidade dos problemas de relacionamento e discriminação na escola, assim como a importância de uma abordagem abrangente e colaborativa para prevenir e combater o bullying, promovendo um ambiente escolar seguro, inclusivo e respeitoso para todos os alunos.

Percebe-se então que eles possuem consciência sobre os Problemas: Tanto alunos quanto professores estão conscientes da existência de problemas de relacionamento e discriminação na escola, incluindo o bullying. Isso demonstra uma percepção compartilhada dos desafios enfrentados pelos alunos no ambiente escolar. As respostas dos alunos e dos professores oferecem também perspectivas complementares sobre os problemas vivenciados pelos alunos, abordando desde questões cotidianas até problemas mais estruturais e sociais.

Necessidade de Intervenção Eficaz: Ambos os grupos reconhecem a importância de abordar e prevenir o bullying, mas há uma lacuna na eficácia das intervenções imediatas diante das situações de bullying. Isso destaca a necessidade de fornecer aos professores o apoio necessário para lidar com esses casos de forma mais eficaz e proativa.

Enfatiza-se que para criar um ambiente escolar seguro e inclusivo, é essencial promover a colaboração entre alunos e professores, reconhecendo e abordando os problemas de relacionamento e discriminação de maneira holística e colaborativa. Portanto, as respostas dos alunos e dos professores destacam a importância de uma abordagem abrangente e colaborativa para enfrentar os problemas de relacionamento e discriminação na escola, visando criar um ambiente escolar seguro, inclusivo e respeitoso para todos os alunos.

Categoria 3: “Ações do colégio para enfrentamento do bullying.”

A categoria 3 foi sobre as ações do colégio para enfrentamento do bullying. O **Questionário Semiestruturado** com os alunos abordou as seguintes questões (15, 16 e 17):

Questão 15- “*Em sua opinião, para acabar com o bullying ou diminuir a sua prática na escola é preciso:*”. Alguns alunos marcaram mais de uma opção, então, 22 alunos escolheram a opção: “punir severamente quem pratica e quem apoia o bullying; 5 alunos responderam “reforçar a segurança e a vigilância dentro do espaço da escola”; 8 alunos optaram por “fazer palestras educativas sobre o tema bullying para todos da sua comunidade escolar; alunos responderam “realizar atividades pedagógicas envolvendo o tema bullying”; e 1 aluno apenas marcou a opção “não sei o que fazer”. Percebe-se que os alunos entendem sobre a importância da punição para combater a prática de bullying.

Questão 16- Essa segunda questão da categoria 3 perguntou aos alunos: “***A escola realiza palestras educativas e atividades pedagógicas envolvendo o tema bullying:***”. E

24 alunos responderam que realiza as vezes, 4 alunos responderam sempre e 2 alunos responderam nunca. Seguindo essa mesma linha, a questão seguinte:

Questão 17 perguntou: “***O professor da eletiva Projeto de Vida ou outros, debate/conscientiza os alunos sobre os reflexos do bullying?***” Aqui 21 alunos disseram que sim e 9 alunos disseram que não.

As respostas dos alunos nessa categoria, foi importante para entender a percepção deles sobre como a escola busca combater o bullying, a maioria concordando que a escola realiza ações educativas e conscientização com os alunos. Entretanto, o número de alunos que afirmam que a escola não realiza nenhuma ação deve ser considerado.

Na **Entrevista Aberta com os Professores**, a primeira pergunta da **Categoria 3: “Ações do colégio para enfrentamento do bullying”**, abordou nas questões 8, 9 e 10:

Questão 8- “*Quais ações a escola realiza para minimizar a prática do bullying?*”, as respostas foram:

P1: *“Ações punitivas e suspensivas. Intervenções com o conselho tutelar.”*

P2: *“Ações punitivas e suspensivas.”*

P3: *“Em minha escola não existe muitas ações e palestras de conscientização.”*

P4: *“São trabalhados temas referentes ao assunto em rodas de conversa, aulas de ensino religioso, estudo orientado.”*

P5: *“Conversar com os alunos e escutar atentamente. Estimular os alunos a informar os casos, reconhecer e valorizar as atitudes da garotada.”*

P6: *“Conversas com os alunos e cartazes.”*

P7: *“Conversas em sala de aula e atividades (trabalhos) sobre o assunto.”*

P8: *“Rodas de conversas, conscientização e em alguns casos, advertência.”*

Analisando as falas dos professores, percebe-se que de fato, a escola não possui muitas ações preventivas para o bullying, assim como afirmou P3, a opinião desse professor foi respaldada pelos demais quando praticamente todos eles enfatizam mais sobre ações punitivas, como suspensão, advertência, e até mesmo intervenção com o conselho tutelar. As conversas em sala de aula (citado por 5 dos 8 professores), é uma boa forma de tentar educar os alunos quanto a problemática do bullying, porém essa ação sozinha não é suficiente para acabar com a prática do bullying na escola.

O bullying acontece em grande parte pelo desconhecimento das especificidades e da falta de convívio entre grupos distintos, uma vez que a pouca visibilidade dada as minorias no Brasil fomentam práticas preconceituosas. Estudos tem descrito que a maioria dos programas de intervenção anti-bullying baseados nas escolas inclui alguns componentes essenciais para apoiar os professores, tais como formação de pessoal para abordar e prevenir incidentes de bullying; avaliação sistemática do comportamento de bullying; e aulas anti-bullying ou aulas para promover as competências socioemocionais dos alunos, e essas ações combinadas que podem trazer resultados positivos para o combate ao bullying (Diniz, 2020).

A Questão 9- essa questão questionou: ***“Que tipo de apoio os professores recebem do Órgão Educacional do Estado (SEDUC GO) para o combate do bullying no espaço educativo?”***

Para essa pergunta, os professores P1 e P2 tiveram a mesma resposta: *“O órgão educacional contribui com o auxílio aprimoramento que abre margem para o professor buscar capacitação”*, P2 destacou que essa capacitação pode ser em qualquer situação de incapacidade profissional. P3 disse que: *“Lembro-me de receber apenas uma cartilha sobre o racismo”*. Já P4 afirma que *“O tema está no Projeto Político Pedagógico, e é trabalhado pelos professores”*. P5 destacou que o SEDUC: *“Estimula a construção do regimento*

escolar, estimular lideranças positivas entre estudantes.” O professor P6 respondeu apenas *“Estudo orientado”*, enquanto P8 disse somente *“Livros”*. Já o professor P7 teve uma resposta mais ambígua: *“Segundo a direção, não pode haver palestras com pessoas convidadas, somente do próprio colégio. Os professores sempre estão orientando os alunos.”*

A **Questão 10** e a última pergunta dessa categoria 3 e foi: ***“Os programas de formação de professores fornecem subsídios teóricos e práticos para lidar com a prática violenta do bullying escolar?”*** Para essa questão, 5 professores (P3, P4, P5, P6 e P7), disseram “Não!”, P5 complementou que: *“Eles são falhos e o professor deve assumir o papel relevante de combate ao bullying.”* Os professores P1 e P2 tiveram a mesma resposta, citando que: *“Foi realizada palestras instrutivas em casos de violência escolar” (P1); e “Em certos momentos do ano de 2023 foi realizada palestras instrutivas em casos de violência escolar. (P2).* Já o professor P8 disse que *“Alguns cursos foram disponibilizados nas plataformas digitais.”*

Percebe-se então que a maioria dos professores não percebem um esforço do SEDUC-GO no combate ao *bullying*, e a maioria afirma não haver programas para formação de professores que sejam suficientes para o combate à violência no colégio. Com isso, o professor acaba precisando assumir um papel relevante na prevenção e na identificação de atos que possam ser mostrados dentro de sala de aula que podem ser levados ao *bullying*, já que essas ações podem ou não ocasionar situações propícias a essa prática dentro do ambiente escolar.

Resumo final da categoria 3

Os resultados da Categoria 3 revelam uma visão abrangente das percepções dos alunos e professores em relação às ações da escola para enfrentar o bullying. Aqui está um resumo dos principais pontos levantados: Na percepção da maioria dos alunos, os mesmos reconhecem a importância da punição severa como meio de combater o bullying. Grande parte dos alunos afirma que a escola realiza palestras educativas e atividades pedagógicas relacionadas ao bullying, embora uma minoria ainda sinta que essas ações são inconsistentes ou ausentes. Na percepção da maioria dos professores enfatizam predominantemente ações punitivas, como suspensão e intervenção com o conselho tutelar, como medidas para lidar com o bullying. Poucos professores relatam ações preventivas mais abrangentes, como

palestras educativas ou programas de formação de professores específicos para o combate ao bullying.

Muitos professores expressam insatisfação com o apoio recebido do órgão educacional do estado, sugerindo uma falta de recursos e programas de capacitação adequados para lidar com o bullying. Nesse sentido, tanto alunos quanto professores reconhecem a necessidade de ações mais abrangentes e preventivas para enfrentar o bullying. No geral, os resultados indicam que há espaço para melhorias nas estratégias e políticas da escola para prevenir e combater o bullying, com ênfase na implementação de ações preventivas e no fortalecimento do apoio aos professores por meio de programas de capacitação mais abrangentes e recursos adequados do órgão educacional do estado.

Nota-se nesta categoria, que há uma compreensão compartilhada entre alunos e professores sobre a gravidade do problema do bullying e a necessidade de ações para enfrentá-lo. No entanto, existem diferenças significativas na percepção das medidas adotadas pela escola. Os alunos reconhecem a importância da punição severa como meio de dissuadir o bullying, mas também valorizam iniciativas educativas e preventivas, como palestras e atividades pedagógicas. Embora a maioria dos alunos relate a realização dessas atividades pela escola, alguns expressam preocupação com a consistência e eficácia dessas ações. Do outro lado, os professores parecem mais inclinados a enfatizar medidas punitivas, como suspensão e intervenção com o conselho tutelar, do que ações preventivas mais abrangentes. Além disso, muitos professores expressam descontentamento com o apoio recebido do órgão educacional do estado, especialmente em termos de capacitação e recursos para lidar com o bullying.

É preciso entender que a prática do bullying pode ser uma forma em que o indivíduo encontrou para lidar com seus próprios conflitos internos, buscando chamar a atenção dos outros e se sentir mais poderoso ou importante. Dessa forma, abordar a situação apenas de forma punitiva e sem considerar as causas por trás do comportamento, é uma medida errônea de lidar com quem faz a prática de bullying, pois não leva em consideração a situação singular de cada pessoa, tanto a pessoa que pratica quanto a que sofre nesse processo.

Portanto, é notório que existe uma lacuna perceptiva entre as percepções dos alunos e professores sobre as ações da escola para enfrentar o bullying. Isso destaca a necessidade de uma abordagem mais holística, que combine medidas punitivas com iniciativas educativas e preventivas, bem como um maior apoio aos professores por meio de programas de capacitação e recursos adequados. Uma comunicação mais transparente e uma colaboração mais estreita entre alunos, professores, escola e órgãos educacionais são

essenciais para enfrentar eficazmente o problema do bullying e criar um ambiente escolar seguro e inclusivo para todos.

É indispensável enfatizar que sobre a importância de toda a comunidade escolar estar mobilizada em torno desse assunto. Qualquer estratégia de prevenção à violência na escola pede uma sensibilização, uma mobilização e participação de toda a comunidade escolar, não só dos envolvidos. E não é tão eficaz que as intervenções sejam separadas das dinâmicas gerais da escola, deve-se estar envolvido em diversas atividades. Compreender essa dinâmica aponta os caminhos que o Colégio Estadual José Cândido Rosa precisa buscar para prevenir o bullying na escola.

Categoria 4: “Principais consequências do bullying no desenvolvimento dos estudantes do 9º ano.”

Nesta categoria 4, o **Questionário Semiestruturado** com os alunos (questões 18, 19 e 20) abordaram:

Questão 18: *“A violência do bullying escolar interfere no processo de aprendizagem do aluno?”*: Assim, 21 alunos concordaram que o bullying interfere na aprendizagem, e 9 alunos disseram que não interfere. E em seguida foi perguntado:

Questão 19: *“Assinale as principais consequências que as agressões do bullying causaram em você:”* Sobre as consequências, as respostas deles estão descritas na Figura 19 abaixo.

Figura 19 – Consequências do bullying na opinião dos alunos.



Fonte: Autora (2024).

Considero positivas as repostas dos alunos para essas questões, visto que a maioria deles percebe que existem consequências na aprendizagem de alunos que sofrem ou praticam bullying na turma do 9º ano. Essa percepção é importante para que os alunos

reconheçam o quanto a prática do bullying não é algo legal. De acordo com Neto (2005) é possível afirmar que todos nós desejamos que as escolas sejam ambientes seguros e saudáveis, onde crianças e adolescentes possam desenvolver ao máximo, os seus potenciais intelectuais e sociais. Portanto, não se deve admitir que sofram violências que lhes tragam danos físicos ou psicológicos que possam afetar sua aprendizagem e desenvolvimento.

A última pergunta do questionário semiestruturado foi aberta e abordou sobre comentários adicionais:

Questão 20 *“Há algo mais que você gostaria de compartilhar sobre as consequências do bullying na escola ou suas experiências? Se sim, qual?”* 4 alunos disseram que sim e 26 alunos disseram que não. Os comentários que eles deixaram foi basicamente dizer que o bullying é algo extremamente ruim de se viver, pois causa muito desânimo até problemas psicológicos e mentais. Também disseram que é muito triste ser agredido por outro colega, pois isso gera profunda revolta, tristeza e desânimo de tudo, até mesmo dos estudos.

Alguns estudos na literatura têm de fato constatado que o bullying causa impactos na saúde mental dos estudantes. Como o estudo de Baldry, Farrington e Sorrentino (2017), que enfatiza que os alunos que sofrem *bullying* de outros alunos na escola têm maior probabilidade de desenvolver depressão. Os sinais mais comuns de depressão incluem problemas de sono, alterações de apetite, distúrbios emocionais e até pensamentos suicidas. As crianças que sofrem de depressão podem perder o prazer em atividades que antes lhes traziam felicidade.

A **Entrevista Aberta com os Professores** para a **categoria 4 “Principais consequências do bullying no desenvolvimento dos estudantes do 9º ano.”** Correspondendo as questões 11, 12 e 13 que abordaram:

A **Questão 11** abordou: *“Quais mudanças você já identificou em sala de aula no comportamento de aluno vítima de bullying?”* As respostas estão descritas abaixo:

- *“Alguns alunos ficam mais agressivos ou passam a ficar menos comunicativos.” (P1);*
- *“Os alunos vítimas passam a ser menos comunicativos e ficam mais agressivos quando passam pela situação de estresse absoluto.” (P2);*
- *“Vários comportamentos: silenciamento ou agressividade.”(P3);*

- *“Fica isolado ou as vezes revida, se torna agressivo ou se fecha.”(P4);*
- *“Isolamento social, perda de motivação, piora no rendimento escolar e traumas psicológicos.” (P5);*
- *“Comportamento hostil.” (P6);*
- *“Isolamento, diminui o interesse na aula, conseqüentemente, no aprendizado.” (P7);*
- *“Agressividade em alguns casos, violência física contra o próprio corpo.” (P8).*

Pelas palavras dos professores, nota-se que o *bullying* pode dificultar o sucesso das crianças na sala de aula. As atitudes observadas por eles podem dificultar o acompanhamento dos estudos acadêmicos. Se os alunos são vítimas de bullying regularmente, podem não querer ir à escola ou participar em atividades relacionadas com a escola, e essa é uma questão séria a ser tratada.

Para Diniz (2020) o comportamento do estudante que sofre *bullying* são variados e deve existir uma atenção dos professores para essas atitudes. As vítimas de *bullying* podem considerar-se menos dignas do que as outras. Eles podem sentir que outras pessoas são melhores do que eles. Podem acreditar que não merecem desfrutar da mesma felicidade e sucesso que as outras crianças. Isto pode ser devastador para o desenvolvimento acadêmico e social e pode ter resultados variados.

A Questão 12 dessa categoria 4, foi: “Qual é a principal consequência do bullying escolar no processo ensino-aprendizagem dos alunos?”

P1: *“Falta de concentração escolar, indisciplina e até mesmo evasão.”*

P2: *“Falta de rendimento, falta de concentração escolar.”*

P3: *“Várias consequências, desde prejuízos na aprendizagem até evasão escolar.”*

P4: *“Perde a autoconfiança, a autonomia, se torna inseguro, com baixa autoestima.”*

P5: *“Sensações de desmotivação, insegurança e baixa autoestima, ansiedade.”*

P6: *“Falta de compromisso com as atividades da escola.”*

P7: *“Redução na aprendizagem.”*

P8: *“Não querer vir para escola.”*

Figura 20 – Palavras mais citadas pelos professores como consequência do *bullying*.

Fonte: Autora (2024).

As respostas dos professores corroboram com os dados da literatura que afirmam que a ansiedade, evasão, baixa autoestima, isolamento, desmotivação e insegurança são as principais consequências do bullying. Oliveira (2018) chama a atenção para a necessidade de compreendermos que as vítimas de *bullying*, carregam essas consequências e esse sofrimento para o resto da vida. Não sofrendo as consequências somente na sua vida escolar. Os estudantes sofrem dificuldades por toda a sua vida, devido a sua baixa autoestima e saúde emocional abalada. A vítima do bullying se torna uma pessoa insegura por toda a vida, desde a sua aparência física até nas decisões a tomar.

A **Questão 20** foi a última questão da categoria 4 e da entrevista aberta e abordou:

“Aponte uma das consequências da prática do bullying na relação aluno-aluno.”

P1: “Afastamento dos alunos da unidade escolar, falta e até mesmo evasão.”

P2: “Afastamento dos alunos na tentativa de evitar conflitos.”

P3: “Medo, insegurança, agressões.”

P4: “A falta de empatia e falta de respeito mútuo gera até violência física.”

P5: “A depressão e suicídio.”

P6: “Violência.”

P7: “Isolamento, baixa autoestima e estresse.”

P8: “Brincadeiras de apelidos sem perceberem as consequências.”

Percebe-se que são muitas as consequências para o estudante, na opinião dos professores, a relação aluno-aluno também é afetada por essas consequências, principalmente com o afastamento entre eles. É importante destacar que, ser intimidado pode afetar tudo no estudante, como ele se vê, seus amigos, a escola e também o seu futuro.

Diversos estudos constataram (Akanni, et al., 2022; Babarro, et al., 2022; Giumetti, et al., 2021) que os alunos que sofrem bullying, muitas vezes sofrem de depressão, baixa

autoestima que pode durar a vida toda, timidez, solidão, doenças físicas e ameaças ou tentativas de automutilação. Alguns alunos faltam à escola, veem as suas notas cair ou até mesmo abandonam a escola porque foram vítimas de bullying. Deve-se lembrar que o bullying verbal e social/relacional pode ser tão prejudicial quanto o bullying físico.

Alguns alunos praticam bullying apenas por um curto período de tempo e depois param porque percebem que é errado ou porque são apoiados para aprender um comportamento mais apropriado. Um pequeno grupo de estudantes continuam a intimidar outros durante muitos anos. Dessa forma, os pais e as escolas precisam apoiar aqueles que intimidam os outros para aprenderem formas mais apropriadas de se relacionarem com os colegas e de lidarem com conflitos e desafios sociais.

Resumo final da categoria 4

Os resultados dessa categoria revelaram uma convergência de percepções entre alunos e professores quanto aos impactos negativos do bullying. Os alunos reconheceram amplamente que o bullying interfere significativamente no processo de aprendizagem, sendo que a maioria relatou experiências negativas decorrentes das agressões, como desânimo, problemas psicológicos e mentais. Além disso, muitos expressaram tristeza e revolta em relação ao bullying, destacando seus efeitos nocivos na vida escolar e pessoal.

Por sua vez, os professores identificaram diversas mudanças no comportamento dos alunos vítimas de bullying, como agressividade, isolamento, perda de motivação e traumas psicológicos. Eles também apontaram para a relação direta entre o bullying e a diminuição do rendimento escolar, falta de concentração, evasão escolar e desmotivação. Essas observações corroboram com a literatura existente, que destaca a ansiedade, baixa autoestima, isolamento e desmotivação como principais consequências do bullying.

Os professores também destacaram a influência do bullying na relação aluno-aluno, apontando para o afastamento entre os estudantes, a falta de empatia, o surgimento de violência física e até mesmo casos de depressão e suicídio. Esses relatos evidenciam a complexidade e gravidade das consequências do bullying não apenas no ambiente escolar, mas também na saúde emocional e no bem-estar dos estudantes.

Em síntese, os resultados desta categoria indicam que o bullying escolar tem impactos profundos e multifacetados no desenvolvimento dos estudantes do 9º ano, afetando não apenas seu desempenho acadêmico, mas também sua saúde mental, relações interpessoais e perspectivas futuras. Esses achados reforçam a necessidade urgente de

medidas preventivas e de intervenção para combater o bullying e promover um ambiente escolar seguro, saudável e inclusivo para todos os alunos.

Diante das respostas dos alunos e dos relatos dos professores sobre as principais consequências do bullying no desenvolvimento dos estudantes do 9º ano, é evidente a gravidade e a amplitude dos impactos dessa prática no ambiente escolar. A convergência de percepções entre alunos e professores ressalta a urgência de abordar o bullying como uma questão complexa e multifacetada, que vai além das simples interações entre colegas.

As experiências relatadas pelos alunos, que incluem desânimo, problemas psicológicos, tristeza e revolta, refletem o profundo impacto emocional que o bullying pode causar. Por outro lado, as observações dos professores sobre mudanças no comportamento dos alunos vítimas de bullying, como agressividade, isolamento e queda no rendimento escolar, corroboram a compreensão dos efeitos adversos do bullying no ambiente de aprendizagem. Além disso, as respostas dos professores sobre as consequências na relação aluno-aluno destacam a necessidade de promover relações saudáveis e empáticas entre os estudantes, ressaltando que o bullying não afeta apenas os indivíduos diretamente envolvidos, mas também o clima social e emocional da escola como um todo.

Em última análise, as respostas dos alunos e professores destacam a importância de se criar um ambiente escolar seguro, inclusivo e acolhedor, onde todos os estudantes possam se desenvolver plenamente, livres do medo, da intimidação e das consequências devastadoras do bullying.

CONCLUSÃO

O objeto desse estudo teve como base analítica analisar os reflexos da prática do bullying escolar no desenvolvimento dos alunos do 9º ano D do Colégio Estadual José Cândido Rosa. As repostas do questionário semiestruturado com os alunos e a entrevista aberta com os professores possibilitou avaliar todo o panorama da violência causada pelo *bullying* no colégio.

O *bullying* escolar é um processo social prejudicial que se caracteriza por um desequilíbrio de poder, e sua prática, algumas vezes é repetida e se manifesta como comportamento interpessoal indesejado entre os alunos. No geral, os participantes desta pesquisa (alunos e professores) demonstraram conhecimento geral e muito claro sobre o que é o *bullying*, existem diferentes níveis de abrangência e profundidade nos entendimentos apresentados. Entretanto, apesar de alguns participantes possuírem noções mais completas, o que prevaleceu foram as compreensões fragmentadas que pendem aos aspectos base da natureza das agressões.

O objetivo específico 1 foi: **Identificar os principais tipos de bullying escolar e locais de maior ocorrência na turma do 9º ano.** Constatou-se que os tipos de bullying mais praticados no Colégio Cândido Rosa é o verbal, seguido por violência física indireta, comprovado tanto pelos alunos, como pelos professores. Sobre os locais de ocorrência, a sala de aula foi a mais citada entre os participantes, seguida pelo pátio no horário de recreio. Um problema observado quanto a esse objetivo, é que muitos alunos demonstraram não saber como agir diante de uma situação de *bullying*.

O objetivo específico 2 buscou: **Verificar junto aos alunos e professores do 9º ano sobre os principais problemas de relacionamento, violência do bullying, discriminação que os alunos vivenciam no ambiente escola.** A maioria dos alunos que responderam ao questionário semiestruturado disseram não cometer *bullying*, porém, essa não é a realidade vivenciada pelos professores que disseram ocorrer muitos casos nesta turma, inclusive, presenciados por eles, os principais foram a discriminação racial, a homofobia, xenofobia, ataques físicos, insultos e xingamentos.

Os alunos que reconheceram ser praticantes de *bullying*, disseram que não sofrem punição por seu comportamento, reforçando a necessidade de medidas para combater o *bullying* na instituição. Nesse âmbito, percebeu-se que diante destas situações, os professores só os orientam, dizendo que não é uma prática legal. Sobre isso, estudos na literatura tem descoberto que diante de uma situação de violência, se o professor apenas

chama a atenção, a longo prazo não terá uma redução significativa da violência naquele ambiente.

O objetivo específico 3 foi: **Conhecer se a escola dispõe de um plano de ação ou intervenção para conscientizar os alunos do 9 ano sobre os reflexos da prática violenta do bullying.** Percebeu-se que a escola não possui um plano de ação específico para o combate ao bullying no colégio, os professores assumem a responsabilidade por orientar e repreender os alunos quando se deparam com uma situação de violência. A escola realiza ações punitivas, como suspensão, mas não tem um plano para prevenção.

Conforme enfatizado pelos docentes, existem algumas ações que são implementadas por eles no colégio, assim como pela escola, de modo geral essas iniciativas visam orientar os alunos sobre o bullying, criando conscientização nos educandos. Destaca-se que a análise dos dados sobre as intervenções inadequadas (incidentes negativos no colégio) permite inferir, ainda, que os professores estão sob pressão considerável, em razão das exigências para manter o ensino dos conteúdos em dia. Além disso, a indisciplina dos alunos ou as agressões que praticam pode ser uma fonte geradora de estresse significativa para esses profissionais.

Nesse sentido, importa que o colégio se dedique ao desenvolvimento de um ambiente seguro, no qual exista supervisão efetiva por funcionários nos momentos em que os alunos estejam interagindo em espaços favoráveis à manifestação de atitudes agressivas, tais como quadra, pátio e corredores, em horários de entrada, saída e recreio especialmente.

O objetivo específico 4 visou **Descrever as consequências do bullying no desenvolvimento dos alunos do 9 ano.** Diferentes consequências foram citadas pelos alunos e professores, as principais foram ansiedade, evasão, depressão e medo, e todas essas consequências afetam no desenvolvimento dos estudantes. Um dos primeiros efeitos que os estudantes sentem quando sofrem *bullying* é a perda de confiança. Sentindo que não são tão boas num determinado âmbito, como a pessoa que as intimida. Eles podem sentir que nem merecem experimentar uma determinada atividade. Essa perda de autoconfiança pode afetar não só no desenvolvimento, como em outras áreas da vida.

Também existe um aumento da autocrítica, os alunos que sofrem *bullying* costumam ser duros consigo mesmos. Eles podem ter ouvido declarações negativas do agressor com tanta frequência que começam a acreditar que as declarações são verdadeiras. Começam até mesmo a se sentir mal por algo que não pode mudar, como a cor do cabelo, da pele ou da altura. Eles também podem sentir vergonha ou constrangimento em relação a eventos ou comportamentos pelos quais um agressor os envergonha ainda mais.

Outra consequência que ficou evidente no estudo, foi o aumento do autoisolamento, os estudantes que sofrem *bullying* muitas vezes se sentem tão mal consigo mesmas que tentam se isolar de seus colegas, familiares e amigos. Eles podem passar muito tempo fechados em seus quartos quando não estão na escola, podendo não querer ir à escola. As consequências para isso podem incluir problemas acadêmicos significativos, transtornos por uso de substâncias e comportamentos agressivos.

O problema de pesquisa deste estudo foi: Quais são os reflexos da prática do bullying escolar no desenvolvimento dos alunos do 9º ano do Colégio Estadual José Cândido Rosa? Mediante os resultados alcançados da pesquisa, percebeu-se que sobre a prática do *bullying* escolar, na turma do 9º ano D do CEJCR, evidencia-se que o ato violento do *bullying* é comum e crítico na turma. E esses atos de violências comprometem muito o aprendizado ou desenvolvimento dos alunos. Assim, por ter evidenciado algumas situações/ações que ainda precisam ser melhoradas ou aprimoradas na escola, com atuação de professores mais preparados para trabalhar essa temática e assim em conjunto com outros conseguirem minimizar e coibir a prática violenta do *bullying* no ambiente escolar.

Pode-se concluir ainda que, o *bullying* é uma questão complexa ligada a fatores individuais, contextuais e estruturais, tornando a colaboração essencial. Desse modo, é importante que a escola e os profissionais se voltem para uma abordagem holística e orientada para a inclusão para combater o *bullying* e a violência nas escolas. Acredita-se que a elaboração de uma definição mais inclusiva tem o potencial de quebrar barreiras acadêmicas e profissionais, incentivando a cooperação entre os alunos. Também fornece uma base sólida para compreender melhor o *bullying*, especialmente em relação aos mais marginalizados devido à aparência, etnia, gênero, classe social ou sexualidade.

Portanto, é de suma importância de se criar um ambiente escolar seguro, inclusivo e acolhedor, onde todos os estudantes possam se desenvolver plenamente, livres do medo, da intimidação e das consequências devastadoras do bullying. Somente assim, será possível promover uma cultura de respeito, empatia e bem-estar que favoreça o sucesso acadêmico e pessoal de todos os alunos.

SUGESTÕES

Portanto, sugere-se:

- Ampliar as estratégias de atuação dos professores e da escola, para coibir o ato violento do bullying no CEJCR;
- Implementação de um Projeto ou **Proposta de Ação**, como o de: conscientização, prevenção e combate ao bullying no ambiente escolar;
- Atendimento e acompanhamento psicológico para os alunos que necessitem;
- Fortalecimento do debate nas rodas de conversas entre alunos/alunos e professores/alunos, sobre a prática do bullying e suas consequências
- Sensibilizar a importância da participação e interação da família na vida escolar do(o) filho(s);
- Solicitar ao órgão educacional responsável (SEDUC) por intermédio do gestor, investimentos em cursos de capacitação para os professores e outros, para o combate da prática do bullying na escola;
- Sugerir um plano de execução de denúncias, que possam ajudar a denunciar os alunos que fazem ou sofrem bullying na escola.

Recomenda-se ainda aos professores:

- Não aceitem o bullying como normal;
- Crie um ambiente de sala de aula seguro, estabelecendo expectativas claras de gentileza e respeito;
- Permaneça atento a sinais de bullying;
- Mantenha-se informado sobre estratégias eficazes de prevenção e resolva prontamente quaisquer incidentes;
- Implementar uma política anti-bullying robusta, sob a ideia de uma abordagem de “educação inclusiva”;
- Utilize métodos de aprendizagem colaborativa.

Para os Alunos: **Denunciem o bullying, tenham confiança em reconhecê-lo e responder a ele e encorajem a intervenção dos espectadores. Você tem o poder de parar o bullying.**

REFERÊNCIAS

- Aaker, et al. (2001). *“Marketing Research”* (7th Ed.), New York: John Wiley & Sons, Inc.
- Alvarenga, E. M. (2019). *Metodologia da investigação quantitativa e qualitativa*. Normas técnicas de apresentação de trabalhos científicos, 2. Universidade Nacional de Assunção.
- Aramis, A. (2005). Lopes Neto – Bullying – Comportamento agressivo entre estudantes – *Jornal de Pediatria* – Artigo de Revisão, p. 254.
- Akanni, O. O.; Olashore, A. A.; Osasona, S. O.; Uwadiae, E. (2022). Predictors of bullying reported by perpetrators in a sample of senior school students in Benin City, Nigeria. *S Afr J Psychiatr.* v. 26; p. 1359.
- Antunes, C. (2006). Professor bonzinho = Aluno difícil: Questão da indisciplina na sala de aula (4a ed.). Petrópolis: Vozes
- Babarro I, Andiarana A, Fano E, García-Baquero G, Lebeña A, Arranz-Freijo EB, Ibarluzea J. (2022). Do prepubertal hormones, 2D:4D index and psychosocial context jointly explain 11-year-old preadolescents’ involvement in bullying? *Biol Psychol.* Jul; p. 172:108379.
- Barbosa, A. A. D.; Soares, M. S.; Pereira, J. M. (2017). Características associadas a vítimas de bullying nas escolas brasileiras. *Revista da Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações*, v. 15, n. 2, p.791-799, ago./dez.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Ed.70.
- Baldry, A. C., Farrington, D. P., & Sorrentino, A. (2017). School bullying and cyberbullying among boys and girls: Roles and overlap. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 26(9), p. 937-951.
- Bandeira, C. M.; Hutz, C. S. (2012). Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. *Psicol. Esc. Educ.*, v. 16, n. 1, p. 35-44.
- Beaudoin, M.; Taylor, M. *Bullying e desrespeito: como acabar com essa cultura na escola*. Trad. Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006, 232 p.
- Bittencourt, D. M. B. (2012). Fenômeno bullying na escola. *Práxis Educacional*, Vol. 8, Núm. 3, p. 211-231.
- Bodgan, R.; Biklen, S.K. (1982). *Qualitative research for education*. Boston: Allyn and Bacon, Inc.
- Borges, L. S. (2010). Análise teórica sobre a evolução histórica do fenômeno bullying. *Intercursos Revista Científica*. V.8 - N.2 - Jul-Dez.
- Braga, L. B. (2017). Família e escola: alguns entendimentos sobre Participação. *Revista de Pesquisa Interdisciplinar*, Cajazeiras, n. 2, suplementar, p. 416-425, set.

- Brasil. (1996). Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei 9394/96. Brasília: Ministério da Educação.
- Brasil. (IBGE) (2018). Município de Pojuca. Recuperado de: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/pojuca/panorama>.
- Brasil. (2015). Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Dispõe sobre a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência.
- Butovskaya M, Burkova, V, D. Karelin, V. Filatova. (2019). The association between 2D: 4D ratio and aggression in children and adolescents: Cross-cultural and gender differences. *Early Human Development*, 137, Article 104823.
- Cabral, J. C. C., Corrêa, M. A., Neves, V. T., Garcia-Dias, A. C., & Almeida, R. M. M. (2020). Do otimismo à agressão: cognições positivas preveem comportamento violento em homens. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 38(1), 203–217.
- Camargo, N. R.; Reis, S.; Carvalho, A. M. S. (2021). O bullying na infância e seus efeitos na vida adulta. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 3, p. 58.
- Campoy, A. T. J. (2018). *Metodología de la Investigación Científica. Manual para elaboración de Tesis y trabajos de Investigación*. Asunción, Paraguay: Marben.
- Cavalcanti, L. (2010). Lesões no complexo maxilofacial em vítimas de violência no ambiente escolar. *Ciênc Saúde Coletiva*. v. 14(5):1835-1842.
- Cavalcante, M. S. *Os avanços da educação inclusiva no município de tupanatinga-pernambuco – brasil*. Universidad Autónoma de Asunción. Asunción, Paraguay 2023.
- Ceballos-Ospino, Guillermo; Suarez-Colorado, Yuly Paola; CAMPOARIAS, Adalberto. (2019). Asociación entre matoneo escolar, síntomas depresivos e ideación suicida. *CES Psicol*, v. 12, n. 3, p. 91-104.
- Coutinho, K. A. (2017). *As representações sociais de acadêmicos do curso de Pedagogia acerca do bullying*. Orientadora: Solange Franci Raimundo Yaegashi. 2017. 212f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Maringá, Maringá.
- Chalita, G. *Pedagogia da amizade-bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores*. 2ª Ed. São Paulo: Gente, 2008.
- Cunha, M. S. (2015). Ensino da língua portuguesa na perspectiva da inclusão do aluno cego no nível fundamental. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós Graduação em Educação. Universidade Federal de Sergipe. p. 173.
- Delgado, M. M. dos S. (2014). Escola território e violência: reflexos no campo escolar. 2014. Dissertação (Mestre em Políticas Públicas) – Departamento de Ciência Sociais, Universidade Estadual de Maringá, Maringá.
- Del Prette, EL., Z. A. P., (2005). *Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática*. Petrópolis, RJ: Vozes.

- Diniz, Y. (2020). Conheça os desafios da inclusão escolar no cotidiano da escola regular. Artigo. Gestão da Escola. São Paulo.
- Fante, C. (2008). Fenômeno Bullying. Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 6ª ed. Campinas: Verus.
- Ferreira, T. R. S. C., & Deslandes, S. F. (2018). Cyberbullying: conceituações, dinâmicas, personagens e implicações à saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, Vol. 23, Núm. 10, p. 3369-3379.
- Ferreira, F. (2023). Educação inclusiva: quais os pilares e o que a escola precisa fazer? Artigo. PROESC. Dezembro, p. 45.
- Figueiredo, R. V. *Políticas de inclusão: escola-gestão da aprendizagem na diversidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.
- Fonseca, M. (2003). Projeto político pedagógico e o Plano de Desenvolvimento da Escola: duas concepções antagônicas de gestão escolar. *Cadernos do CEDES*, 23, 302-318.
- Foucault, M. (2004). *Vigiar e punir*. 28 ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Freitas, E. R. A. G. (2021). Violência escolar e formação de professores: estratégias de enfrentamento na dimensão educacional. Universidade Estadual do Paraíba, Campina Grande/PB.
- Freire, A. N., Aires, J. S. (2012). A contribuição da psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento do bullying. *Psicologia Escolar Educacional*. Vol. 16, n. 1, Maringá, Jan./Jun.
- Garcia C. X, Pérez G. A, Nebot A. M. (2010). Factores relacionados com el acoso escolar (bullying) en los adolescentes de Barcelona. *Gac Sanit*. v. 24(2):103-108.
- Gini G, Pozzoli T. (2013). Bullied children and psychosomatic problems: A meta-analysis. *Pediatrics*. V. 132(4); p. 720–729.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. Atlas.
- Gil, A.C. (2014). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 2ª reimpr. 6ª ed. São Paulo: Atlas.
- Giumetti G.W., Kowalski R.M., Feinn R.S. (2021). Predictors and outcomes of cyberbullying among college students: A two wave study. *Aggress. Behav*. v. 48:40–54.
- González-Cabrera, E. Calvete, A. León-Mejía, C. Pérez-Sancho, J.M. Alejo, Peinado. (2017). Relationship between cyberbullying roles, cortisol secretion and psychological stress. *Computers in Human Behavior*, 70, pp. 153-160.
- González-Cabrera J., Montiel I., Ortega-Barón J., Calvete E., Orue I., Machimbarrena J.M. (2021). Epidemiology of Peer Victimization and its Impact on Health-Related Quality of Life in Adolescents: A Longitudinal Study. *Sch. Ment. Health*. v. 13:338–346.

- Gonçalves, C. D. B. (2018). Educação inclusiva: uma análise dos desafios enfrentados pelos professores da rede municipal de São José de Piranhas-PB. Artigo. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa/PB. 65 p.
- Graziely, L. (2022). Deputado pede providências em relação às brigas em colégio de Aragoiânia. *Jornal da Manhã*.
- Han, G. Zhang, H. Zhang. (2017). School bullying in Urban China: Prevalence and correlation with school climate. *International Journal of Environmental. Research and Public Health*, 14, p. 1116.
- Hager AD, Leadbeater BJ. (2017). The longitudinal effects of peer victimization on physical health from adolescence to young adulthood. *Journal of Adolescent Health*. V. 58(3); p. 330–336.
- Harth, F. R., Martins, L. M. D., Lima, R. F. F., Yunes, M. A. M. (2022). Prevalência de bullying no contexto escolar: um estudo com escolares em um município do Rio de Janeiro. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 7. P. 14.
- Hultin, H., Ferrer-Wreder, L., Engström, K., Andersson, F., & Galanti, M. R. (2021). The importance of pedagogical and social school climate to bullying: A cross-sectional multilevel study of 94 Swedish schools. *The Journal of School Health*, 91(2), 111–124.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2017). Síntese da extensão territorial do Brasil.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2023). *Comparação dos municípios*. Goiás.
- Kaminski, S. S. (2020). Bullying of Minority Students: Getting the Facts. Florida States University. Disponível em: <https://cehhs.fsu.edu/blog/bullying-minority-students-getting-facts>. Acesso em: 10 de abril de 2024.
- Khater, E.; Souza, K. C.(2018). Diversidade X Inclusão: Conceito, teoria e prática na educação infantil. *Revista Educação em Foco*. Ed. nº 10.
- Kliewer, W. D. W., Sosnowski, H. Noh, K. McGuire, A. W. Wright. (2019). Peer victimization and cortisol production in children and adolescents: A systematic review. *Journal of Applied Biobehavioral Research*, pp. 1-21.
- Kretschmer, T., Veenstra, R., Deković, M., & Oldehinkel, A. J. (2017). Bullying development across adolescence, its antecedents, outcomes, and gender-specific patterns. *Development and Psychopathology*, 29(3), 941–955.
- Lakatos, E. M., & Marconi, M. D. A. (2003). Fundamentos da metodologia científica. In *Fundamentos da metodologia científica*. Altas.
- Kauark, F., Manhães, F.C., & Medeiros, C.H (2010). *Metodologia da Pesquisa: guia prático*. Itabuna: Via Litterarum.

- Leopoldino, E. R.; Santos, L. A. M.; Caminha I. (2020). Educação e fenomenologia: a percepção de adolescentes acerca do bullying na escola. *Rev. Tempos Espaços Educ.* v. 13, n. 32, e-14087, jan./dez. 2020.
- Lembo, V. M.; Santos, M. A.; Feijó, M. O.; Andrade, A. L.; Zequinão, M. A.; Oliveira, W. A. (2021). Revisão sobre características de meninos e meninas que Praticam Bullying Escolar *Psicologia: Teoria e Prática*, 25(3), p. 5.
- Lisboa, C., Braga, L., Ebert, G., Souza, I. (2009). O fenômeno bullying ou vitimização entre pares na atualidade: definições, formas de manifestação e possibilidades de intervenção. *Contextos Clínic*, vol.2 no.1 São Leopoldo jun.
- Lopes, E. K. (2018). *Bullying: fenômeno social e seu envolvimento nas instituições de ensino particulares* – uma análise da responsabilidade civil e seus aspectos.
- Man, X.; Liu, J.; Xue, Z. (2022). Effects of Bullying Forms on Adolescent Mental Health and Protective Factors: A Global Cross-Regional Research Based on 65 Countries. *Int J Environ Res Public Health*. Feb; v. 19(4); p. 2374.
- Mantoan, M. T. E. (2003). *Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?* São Paulo: Moderna.
- Marques, E. R. R. (2019). O bullying e os danos à saúde mental. *Mental Hearth*. V. 19, n. 4, p. 290.
- Mascarenhas, S. A. (2012). *Metodologia científica*. São Paulo: Pearson Educação do Brasil.
- Medeiros, C. B.; Steiner, N. P. J.; Zotto, O. F. (2000). *Usando questionários virtuais em pesquisas quantitativas*. In: BALAS 2000 CONFERENCE, 1., Caracas. Anais BALAS CONFERENCE. Caracas: Balas Conference, p. 1-3.
- Medeiros, A. V. M. (2012). *O fenômeno bullying* [manuscrito]: (in)definições do termo e suas possibilidades (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, Brasil.
- Mendes, C. S. (2011). Prevenção da violência escolar: avaliação de um programa de intervenção. *Rev. Esc. Enferm. USP*, São Paulo, v. 45, n. 3, p. 581-588, jun.
- Minayo, M. C. de S.(org). Deslandes, S.F., Gomes, R. (2018). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 1ª reimpressão. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Minayo, M. C. S. (2013). *Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal à saúde*. In: Njaine, K. (Org.) Impactos da violência na saúde. Rio de Janeiro: EAD/ENSP.
- Minayo, de S. M. C. (2001). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Editora Vozes Limitada.
- Miranda, G. J. (2020). *Elaboração e aplicação de questionários*. In: NOVA, Silvia Pereira de Castro Casa et al (org.). Trabalho de Conclusão de Curso: uma abordagem leve, divertida e prática. São Paulo: Saraiva Educação. p. 216-229.

- Neto, A. O. S. et. al. (2018). Educação inclusiva: uma escola para todos. Artigo. *Revista Educação Especial*, v. 31, n. 60, jan./mar. Santa Maria. p. 81-92.
- Neto, A. A. (2005). Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria* (Rio de Janeiro), v. 81(5 Supl), p. 164-172.
- Neto, A. A. (2011). *Bullying saber identificar e como prevenir*. São Paulo: Brasiliense.
- Noronha, E. G.; Pinto, C. L. (2012). *Educação especial e educação inclusiva: aproximações e convergências*. Artigo. Escola Municipal Amanda Carneiro Teixeira. São Paulo. 9 p.
- Oliveira, W. A.; Silva, M. A.; Mello, F. C.; Porto, D. L.; Yoshinaga, A. C.; Malta, D. C. (2016). Causas do bullying: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, mar.-abr. V. 23(2), P. 75-82.
- Oliveira, W.C. (2018). O papel do professor diante do bullying na sala de aula. *Educere - Revista da Educação*, Vol. 18, Núm. 2, p. 297-317.
- Olweus, D. (1989). *Bullying at school: what we know and what we can do*. Oxford: Blackwell. 1993.'
- Oakes, A. (2015). *Family-School Partnerships: 9 Beliefs and Attitudes for Success*. ISA – Institute For Student Achievement. Set. 2015.
- Patton Du, Hong Js, Williams A, Allen-Meares P. (2013). A review of research on school bullying among African American youth: an ecological systems analysis. *Educ Psychol Rev*. V. 25(2), p. 245-60.
- Pereira, B.; Silva, M. I.; Nunes, B. (2009). Descrever o Bullying na Escola: estudo de um agrupamento de escolas no interior de Portugal. *Rev. Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 9, n. 28, p. 455-466, set./dez.
- Pereira, B. et al. (2012). *Bullying in portuguese schools*. School Psychology International, London, v. 25, n. 2, p. 207-222.
- Pereira, K. R. L. (2023). *O cotidiano escolar e o bullying: contribuições didáticas na prevenção*. Universidade Estadual Paulista, Bauru. p. 133.
- Piana, M. C. (2009). *A construção do perfil do assistente social no cenário educacional* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 233.
- Picanço, Ana L. B. (2012). *A relação entre escola e família – as suas implicações no processo de ensino aprendizagem*. Escola Superior de Educação João de Deus. Lisboa, p. 25.
- Piaget, J. (2003). *A linguagem e o pensamento da criança* (6a ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Pires, J. P. M. (2013). *A percepção da violência do bullying em uma escola privada de Porto Alegre a partir de um estudo de caso* (Dissertação de mestrado). Centro Universitário Metodista. Porto Alegre, RS, Brasil.

- Prodanov, C.C. e Freitas, E.C. (2013). *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e trabalho acadêmico*. 2ª.ed. Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, Brasil: Feevale.
- Ratto, A. L. S. (2007). *Livros de ocorrência: (in) disciplina, normalização e subjetivação*. 1. Ed. São Paulo: Cortez.
- Rech R., Halpern R., Tedesco A., Santos D. (2014). Prevalência e características de vítimas e agressores de bullying. *J Pediatría*. V. 89, p. 164-70.
- Richardson, R. J. (1999). *Pesquisa Social: métodos e técnicas*. 3. ed. São Paulo: Atlas.
- Saltini, C. J. P. (2008). Afetividade e inteligência. Rio de Janeiro: Wak.
- Santos, D. C.; Voltarelli, Pâmela A.; Nascimento, Danielle A. S. (2016a). A importância da escola inclusiva para o desenvolvimento dos estudantes público-alvo da educação especial. *Revista Colloquium Humanarum*, São Paulo, vol. 13, n. Especial, Jul–Dez, p. 59-64.
- Santos, K. R. M. (2016b). *Presença da família na escola*. Artigo. Portal FSLF. 2016.
- Silva, A. B. B. (2015a). *Bullying: mentes perigosas na escola*. São Paulo, SP. 2ª ed. Editora Globo.
- Silva, G. F. (2015b). *O fenômeno bullying escolares do ensino fundamental*. Universidade Estadual Paulista. Bauru. 76p.
- Silva, C. R. da. (2019). A importância da parceria da família e a escola na educação infantil. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*. Ano 04, Ed. 07, Vol. 09, pp. 86-95.
- Slameto, A. (2010). *Belajar dan Factor-Faktor yang mempengaruhinya*, Jakarta. Indonesia: Rineka Cipta.
- Stamatis, P. J.; Nikolaou, E. N. (2016). Communication and Collaboration between School and Family for Addressing Bullying. *International Journal of Criminology and Sociology*, 5, p. 99-104.
- Swearer, S. M, Hymel, S. (2015). Understanding the psychology of bullying: Moving toward a social-ecological diathesis–stress model. *American Psychologist*. v. 70(4); p. 344–353.
- Thornberg, R, Knutsen S. (2011). Teenagers' explanations of bullying. *Child Youth Care Forum*. 40(3), p. 177–192.
- UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. (2019). *Violência escolar e bullying: relatório sobre a situação mundial*. Place de Fontenoy, Paris 07 SP, França, e Representação da UNESCO no Brasil.
- Vieira, S. (2009). *Como elaborar questionários*. São Paulo: Atlas. 175 p.

- Vilela, R. A. T. (2003). O lugar da abordagem qualitativa na pesquisa educacional: retrospectiva e tendências atuais. *Perspectiva, Florianópolis*. v. 21. n. 2. p. 431-466.
- Vivescer, (2022). *Professora comenta estratégias de combate ao bullying nas escolas*. Disponível em: <https://vivescer.org.br/bullying/> Acesso em: 15 de fev. 2024.
- Vygotsky, L. S. (2010). *Pensamento e linguagem*. São Paulo.
- Zaine, I.; Reis, M. D.; Padovani, R. C. (2010). Comportamentos de bullying e conflito com a lei. *Estud. Psicol.* (Campinas), Campinas, v.27, n.3, p. 375-382, set.
- Zottis, G. H. (2012). *Bullying na adolescência: associação entre práticas parentais de disciplina e comportamento agressivo na escola*. Porto Alegre, BR- RS, 71 p.
- Wanderlei, M. L. O. (2019). *Bullying e crianças: da escola para casa e de casa para a escola (Dissertação)*. Universidade Federal Rural de Pernambuco e Fundação Joaquim Nabuco. Recife. PE. Brasil
- Wang, J. N., Iannotti R. J. (2011). Cyber and traditional bullying: differential association with depression. *J Adolesc Health*. v. 48(4), p. 415-417.
- Weisz, I. C. (2021). Bullying e cyberbullying: atualizações científicas sobre um tema que não pode ser ignorado pelos professores. *Revista Educação Pública*, Vol. 21, Núm. 29.
- Weber, Kelsey, L. S. W. (2021). The Importance of Family Involvement at School. *All posts, counties*. Fev. p. 41.
- Wijaya, O. P.; Bukhori, I. (2017). Effect of Learning Motivation, Family Factor, School Factor, and Community Factor on Student Learning Outcomes on Productive Subjects. *Jurnal Pendidikan Bisnis dan Manajemen*, v. 3, n. 3, Nov. Halaman, p. 192-202.
- Wikipedia – A enciclopédia livre. Goiás. 2024. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Goi%C3%A1s> Acesso em: 25 de abril de 2024.

ANEXO 1

Validação dos Instrumentos dos Alunos



UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN FACULTAD DE
CIENCIAS LA EDUCACIÓN Y LA COMUNICACIÓN
MAESTRIA EN CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN

FORMULÁRIO DE VALIDAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

MESTRANDA: Enia Martins da Cruz Morais

TUTORA: Prof.^a Dr.^a Marta Suely Alves Cavalcante

Estimado(a) Aluno(a).

Este formulário destina-se à **validação** do instrumento que será utilizado na coleta de dados da pesquisa de campo cujo tema é: **“A Prática do Bullying Escolar e seus reflexos no desenvolvimento dos alunos do 9º ano do Colégio Estadual José Cândido Rosa”**: desafios para a formação docente. **Problemática:** Quais são os reflexos da prática do bullying escolar no desenvolvimento dos alunos do 9ºano D do Colégio Estadual José Cândido Rosa? **Objetivo Geral da Pesquisa:** Analisar os reflexos da prática do bullying escolar no desenvolvimento dos alunos do 9ºano D do Colégio Estadual José Cândido Rosa. As questões **1 a 6**, são respaldadas no **1º Objetivo Específico:** Identificar os principais tipos de bullying escolar e locais de maior ocorrência na turma do 9ºano. As questões **7 a 14**, possui como base o **2º Objetivo Específico:** Verificar junto aos alunos e professores do 9ºano sobre os principais problemas de relacionamento, violência do bullying, discriminação que os alunos vivenciam no ambiente escolar. As questões **15, 16 e 17** ressalta investigações com relação ao **3º Objetivo Específico:** Conhecer se a escola dispõe de um plano de ação ou intervenção para conscientizar os alunos sobre os reflexos da prática violenta do bullying e as questões **18, 19 e 20** refere-se ao **4º Objetivo Específico:** Descrever as consequências do bullying no desenvolvimento dos alunos do 9ºano. Para isso, solicito sua análise no sentido de verificar se **há adequação entre as questões formuladas e os objetivos referentes a cada uma delas**, além da clareza na construção dessas mesmas

questões. Caso julgue necessário, fique à vontade para sugerir melhorias utilizando para isso o campo de observação. A numeração na coluna I corresponde ao número de questões e será utilizado para a aprovação de cada questão, o mesmo para a coluna II. As colunas com **SIM** e **NÃO** devem ser assinaladas com **(X)** se houver, ou não, coerência entre **perguntas, opções de resposta e objetivos**. No caso de a questão ter suscitado dúvida assinale a coluna **(?)** descrevendo, se possível, as dúvidas que a questão gerou na observação. Sem mais para o momento antecipadamente agradeço por sua atenção e pela presteza em contribuir com o desenvolvimento da minha pesquisa.

QUESTÕES E OPÇÕES DE RESPOSTA	OBJETIVO DA QUESTÃO					
	COERÊNCIA			CLAREZA		
QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO PARA ALUNOS	Sim	Não	?	Sim	Não	?
Questão 1- Para você, o que é bullying escolar?						
Questão 2- Você já sofreu, ou sofre, bullying no Colégio Estadual José Cândido Rosa? () Uma vez () Várias vezes () Nunca sofreu						
Questão 3- Você sofreu que tipo de bullying: () Agressão verbal (apelidos pejorativos, insultos, ofensas, xingamentos, zoações). () Agressão física direta (arranhões, beliscões, chutes, empurrões, socos, surras). () Agressão física indireta (objetos pessoais escondidos, quebrados, roubados). () Ameaças (Ameaças com chantagens, ameaças com faca, ameaças com pau). () Exclusão social ignorado(a), isolado(a), excluído(a), humilhado(a), discriminado(a). () Nunca sofri bullying na minha escola.						

Questão 4- O seu agressor era: ☐ Feminino ☐ Masculino ☐ Ambos os sexos						
Questão 5- Em quais locais do colégio já visualizou alguma violência do bullying?						
Questão 6- O que fizeram os alunos que presenciaram a prática do bullying?						
Questão 7- Você já praticou bullying no Colégio Estadual José Cândido Rosa? ☐ Sim ☐ Não ☐ Poucas vezes ☐ Muitas vezes						
Questão 8- Você praticou: ☐ Agressão verbal (Apelidos pejorativos, insultos, ofensas, xingamentos, zoações). ☐ Agressão física direta (Arranhões, beliscões, chutes, empurrões, socos, surras). ☐ Agressão física indireta (Objetos pessoais escondidos, quebrados, roubados, quebrados). ☐ Ameaças (Ameaças com chantagens, ameaças com faca, ameaças com pau). ☐ Exclusão Social (Ignorado(a), isolado(a), excluído(a), humilhado(a), discriminado(a)). ☐ Nunca pratiquei bullying na minha escola. Questão 9- Caso tenha praticado bullying, foi punido pelo professor ou coordenação por conta das agressões: ☐ Nunca ☐ Uma vez ☐ Quase sempre ☐ Sempre						

Questão 10- Quais são as providências tomadas pelo professor ou coordenador com relação aos atos de bullying? () Advertência / Suspensão () Chama o responsável sempre () Não Faz nada () Só chama a atenção					
Questão 11- Você já presenciou o ato do bullying com outros alunos na sala de aula ou em outros ambientes do Colégio? () Sim () Não					
Questão 12- Você presenciou o bullying como: () Agressão verbal (Apelidos pejorativos, insultos, ofensas, xingamentos, zoações). () Agressão física direta (Arranhões, beliscões, chutes, empurrões, socos, surras). () Agressão física indireta (Objetos pessoais escondidos, quebrados, roubados, quebrados). () Ameaças (Ameaças com chantagens, ameaças com faca, ameaças com pau). () Exclusão Social (Ignorado(a), isolado(a), excluído(a), humilhado(a), discriminado(a)). () Nunca testemunhei práticas de bullying na minha escola.					
Questão 13- Qual o comportamento dos professores quando ocorre a prática do bullying com alunos em sala de aula? () Conversam com os alunos envolvidos e chamam atenção. () Conversam , chama atenção e os levam para a direção/coordenação . () Apenas retiram da sua aula , não resolvendo o problema dos envolvidos . () Não falam nada e continuam a aula.					

Questão 14- Na sua opinião, o que leva os alunos a praticarem a violência do bullying na escola? Marque duas: () Ignorância e falta de respeito () Uso de Drogas () Ciúmes de amigos ou namorados () Fofocas e intrigas () Falta de apoio familiar () Nenhum						
Questão 15- Em sua opinião, para acabar com o bullying ou diminuir a sua prática na escola é preciso: () Punir severamente quem pratica e quem apoia o bullying. () Reforçar a segurança e a vigilância dentro do espaço da escola. () Fazer palestras educativas sobre o tema bullying para todos da sua comunidade escolar. () Realizar atividades pedagógicas envolvendo o tema bullying. () Não sei o que fazer.						
Questão 16- A escola realiza palestras educativas e atividades pedagógicas envolvendo o tema bullying: () Sempre () Nunca () Às vezes						
Questão 17- O professor da eletiva Estudo Orientado debate/conscientiza os alunos sobre os reflexos do bullying: () Sempre () Nunca () Às vezes						
Questão 18- A violência do bullying escolar interfere no processo de aprendizagem do aluno? () Sim () Não						

Questão 19- Assinale as principais consequências que as agressões do bullying causaram em você: () Medo de frequentar a escola () Desinteresse pelos estudos () Desânimo () Crise de choro () Sentimentos indesejáveis como ansiedade e/ou insegurança e/ou timidez () Nenhuma das respostas acima.						
Questão 20- Comentários Adicionais: Há algo mais que você gostaria de compartilhar sobre as consequências do bullying na escola ou suas experiências? Caso seja sim, qual?						

Mestranda	Enia Martins da Cruz Moraes
Orientador(a)	Profª. Drª Marta Suely Alves Cavalcante

DADOS DO AVALIADOR

Nome completo			
Formação			
Instituição de Ensino			
Local	-Brasil	Data	
Assinatura do Avaliador (a)			

ANEXO 2

Validação do Instrumento dos Professores



**UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN FACULTAD DE
CIENCIAS LA EDUCACIÓN Y LA COMUNICACIÓN
MAESTRIA EN CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN**

FORMULÁRIO DE VALIDAÇÃO DA ENTREVISTA

MESTRANDA: Enia Martins da Cruz Morais

TUTORA: Prof.^a Dr.^a Marta Suely Alves Cavalcante

Estimado (a) Professor (a),

Este formulário destina-se à **validação** do instrumento que será utilizado na coleta de dados da pesquisa de campo cujo tema é: **“A Prática do Bullying Escolar e seus reflexos no desenvolvimento dos alunos do 9º ano do Colégio Estadual José Cândido Rosa”**: desafios para a formação docente. **Problemática**: Quais são os reflexos da prática do bullying escolar no desenvolvimento dos alunos do 9ºano D do Colégio Estadual José Cândido Rosa? **Objetivo Geral da Pesquisa**: Analisar os reflexos da prática do bullying escolar no desenvolvimento dos alunos do 9ºano D do Colégio Estadual José Cândido Rosa. As questões **1 a 4**, são respaldadas no **1º Objetivo Específico**: Identificar os principais tipos de bullying escolar e locais de maior ocorrência na turma do 9ºano. As questões **5 a 7**, possui como base o **2º Objetivo Específico**: Verificar junto aos alunos e professores do 9ºano sobre os principais problemas de relacionamento, violência do bullying, discriminação que os alunos vivenciam no ambiente escolar. As questões **8 a 10** ressalta investigações com relação ao **3º Objetivo Específico**: Conhecer se a escola dispõe de um plano de ação ou intervenção para conscientizar os alunos sobre os reflexos da prática violenta do bullying e as questões **11 a 13** refere-se ao **4º Objetivo Específico**: Descrever as consequências do bullying no desenvolvimento dos alunos do 9ºano. Para isso, solicito sua análise no sentido de verificar se **há adequação entre as questões formuladas e os objetivos referentes a cada uma delas**, além da clareza na construção dessas mesmas

questões. Caso julgue necessário, fique à vontade para sugerir melhorias utilizando para isso o campo de observação. A numeração na coluna I corresponde ao número de questões e será utilizado para a aprovação de cada questão, o mesmo para a coluna II. As colunas com **SIM** e **NÃO** devem ser assinaladas com **(X)** se houver, ou não, coerência entre **perguntas, opções de resposta e objetivos**. No caso de a questão ter suscitado dúvida assinale a coluna **(?)** descrevendo, se possível, as dúvidas que a questão gerou na observação. Sem mais para o momento antecipadamente agradeço por sua atenção e pela presteza em contribuir com o desenvolvimento da minha pesquisa.

QUESTÕES E OPÇÕES DE RESPOSTA	OBJETIVO DA QUESTÃO					
	COERÊNCIA			CLAREZA		
ENTREVISTA ABERTA PARA PROFESSORES	Sim	Não	?	Sim	Não	?
Questão 1- Para você, o que é bullying escolar?						
Questão 2- Quais os principais tipos de bullying que ocorrem no cotidiano escolar?						
Questão 3- No colégio existe a prática do bullying escola? Em quais locais do colégio já presenciou?						
Questão 4- Aponte as principais causas de violência do bullying vivenciadas no ambiente de sua escola.						
Questão 5- Cite os principais problemas de relacionamento dos alunos em sala de aula?						
Questão 6- Você já identificou em sala de aula algum caso de violência e discriminação que podem ser considerados bullying? Quais?						

Questão 7- Que atitudes pedagógicas os professores devem ter ao se deparar com a violência do bullying em sala de aula?						
Questão 8- Quais ações a escola realiza para minimizar a prática do bullying?						
Questão 9- Que tipo de apoio os professores recebem do Órgão Educacional do Estado (SEDUC GO) para o combate do bullying no espaço educativo?						
Questão 10- Os programas de formação de professores fornecem subsídios teóricos e práticos para lidar com a prática do bullying escolar?						
Questão 11- Quais mudanças você já identificou em sala de aula no comportamento de aluno vítima de bullying?						
Questão 12- Qual é a principal consequência do bullying escolar no processo ensino-aprendizagem dos alunos?						
Questão 13- Aponte uma das consequências da prática do bullying na relação aluno-aluno.						

DADOS DO AVALIADOR

Nome completo	Prof. ^a . Dr. ^a		
Formação	Doutora em		
Instituição de Ensino			
Local	-Brasil	Data	
Assinatura do Avaliador (a)			

ANEXO 3 –

Carta de permissão para pesquisa de campo



**UNIVERSIDAD
AUTÓNOMA DE
ASUNCIÓN**

A quien corresponda:

Por la presente, a pedido de la interesada, se comunica que **ENIA MARTINS DA CRUZ MORAES** es alumna de la Maestría en Ciencias de la Educación, de la Facultad de Ciencias de la Educación y Comunicación, de la **Universidad Autónoma de Asunción (UAA)**, quien, en el presente año, se encuentra en fase de elaboración de su tesis de Maestría con el tema de investigación: **"A PRÁTICA DO BULLYING ESCOLAR E SEUS REFLEXOS NO DESENVOLVIMENTO DOS ALUNOS DO 9º ANO DO COLÉGIO ESTADUAL JOSÉ CÂNDIDO ROSA , ARAGOIÂNIA - GO"**

A fin de recolectar datos como parte de la elaboración de la Tesis mencionada, solicitamos, por favor a las autoridades de la institución, se le concede a la alumna, la autorización para la aplicación de su instrumento de investigación, necesario para concluir el trabajo correspondiente.

Para lo que hubiere lugar,

.....
José Antonio Torres
Presidente del Comité Científico
Universidad Autónoma de Asunción

ANEXO 4 - Carta de Apresentação para a Pesquisa de Campo



**UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN FACULTAD DE
CIENCIAS LA EDUCACIÓN Y LA COMUNICACIÓN
MAESTRIA EN CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN**

Aragoiânia, 05 de fevereiro de 2024

Estimada Gestora, Klebiana Alves de Oliveira Rodrigues.

Sou Mestranda da Universidade Autônoma de Assunção, Paraguai. Estou desenvolvendo a dissertação de conclusão de Mestrado, sob a orientação da professora Dr^a Marta Suely Alves Cavalcante, intitulada: **“A Prática do Bullying Escolar e seus reflexos no desenvolvimento dos alunos do 9º ano do Colégio Estadual José Cândido Rosa”**.

Considero este projeto importante porque é indispensável levar para dentro das instituições educativas o discurso acerca dos desafios sobre a violência sobre a prática do bullying escolar e seus reflexos no desenvolvimento dos alunos, visto que a escola tem forte influência no processo de formação dos alunos. Todo esse processo de informações são indispensáveis nesse momento, pois vivemos em uma sociedade que necessita entender que o ato violento do bullying, do respeito, do preconceito e da discriminação devem ser temas que necessitam serem discutidos principalmente dentro dessas instituições.

Nesse sentido, **gostaria de contar com o apoio e colaboração instituição de ensino para realização da pesquisa de campo da referida investigação.**

A pesquisa consistirá em duas distintas etapas:

Primeira Etapa: **Questionário semiestruturado** com os alunos do 9º ano, coletando dados e informações sobre a prática do bullying na escola, como: conceito e tipos de bullying; locais de maior ocorrência; atividades educativas e ações pedagógicas; causas e consequências do ato violento do bullying, entre outros.

Segunda Etapa: **Entrevista aberta** com os professores, coletando informações mais detalhadas sobre a prática violenta do bullying escolar e seus reflexos na turma do 9º ano D.

A participação dessa instituição é de grande importância nessa investigação sobre o ato do bullying na turma do 9º ano, a fim de que a partir dos resultados dessa pesquisa seja possível uma reflexão sobre o que tem sido feito para acabar com a prática violenta do bullying na escola e também das práticas pedagógicas dos participantes. Desde já agradecemos a sua atenção e colaboração e nos colocamos a disposição para qualquer esclarecimento.

Enia Martins da Cruz Moraes

Enia Martins da Cruz Moraes

Mestrando em Ciências da Educação – UAA
ANEXO 5 - Carta de Autorização Pesquisa de Campo

COLÉGIO ESTADUAL JOSÉ CÂNDIDO ROSA - ARAGOIÂNIA-GO

AUTORIZAÇÃO DA GESTÃO 02/24

Aragoiânia, 06 de fevereiro de 2024.

Em atendimento à solicitação da aluna mestranda em Ciências da Educação da Universidade Autónoma de Asunción, Sr.^a Enia Martins da Cruz Moraes, por intermédio do professor José Antônio Torres, Presidente del Comité Científico de la Universidad Autónoma de Asunción e da orientadora Dr.^a Marta Suely Alves Cavalcante, para realização de pesquisa com alunos e professores do Colégio Estadual José Cândido Rosa, a Gestora, atendendo à decisão dos alunos, professores e grupo gestor, do dia 03/02/2024, autoriza sua realização nos termos previstos no Projeto de Pesquisa "**A Prática do Bullying Escolar e seus Reflexos no desenvolvimento dos alunos do 9º ano do Colégio Estadual José Cândido Rosa.**", apresentado pela aluna pesquisadora, quaisquer alterações de objetivos ou procedimentos metodológicos deverão ser comunicado à gestão do CEJCR. Ademais, sobre as solicitações de documentos/informações, a Gestora do CEJCR autorizou disponibilizar: Cópia do Projeto Político Pedagógico (PPP, além de autorizar a realização de registro fotográfico da sala de aula, dos alunos/professores e da estrutura física da escola (responsável Coordenações), todas essas concessões serão com finalidade estritamente para pesquisa.

Todas as atividades referentes à pesquisa deverão ser informadas às Coordenações de Ensino (Fundamental, Médio) do CEJCR, Aragoiânia-Go, e sendo necessário, serão acompanhadas pelo seu coordenador ou por quem ele determinar.

Gestora Escolar CEJCR – Aragoiânia- Go.

Meliana Alves de Oliveira Rodrigues